



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.1 - **SAFRA 2013/14**
N.3 - Terceiro Levantamento
Dezembro/2013



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Antônio Andrade

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvia Isopo Porto

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Francisco Olavo Batista de Sousa

Equipe Técnica da Geasa

Aírton Camargo Pacheco da Silva

Bernardo Nogueira Schlemper

Brunno Augusto Cardoso Costa

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Eledon Pereira de Oliveira

Juarez Batista de Oliveira

Roberto Alves de Andrade

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.1 - **SAFRA 2013/14**
N.3 - Terceiro Levantamento
Dezembro/2013

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 1 - Safra 2013/14, n. 3 - Terceiro Levantamento, Brasília, p. 1-72, dez. 2013



Copyright © 2013 – Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

Táris Rodrigo de Oliveira Piffer (Geote)	Cleonice Fernandes de Freitas Ferreira (Geint)
André Luiz Farias de Sousa (Geote)	Iure Rabassa Martins (Geint)
Clóvis Campos de Oliveira (Geote)	Marlene Vieira de Castro (Geint)
Fernando Arthur Santos Lima (Geote)	Rogério Dias Coimbra (Geint)
Lucas Barbosa Fernandes (Geote)	Djalma Fernandes de Aquino (Gefip - Algodão)
Patrícia Mauricio Campos (Geote)	João Figueiredo Ruas (Gerab - Feijão)
Mozar de Araújo Salvador (INMET)	Martha Helena Gama de Macêdo (Geole)
Asdrúbal de Carvalho Jacobina (Gecup)	Paulo Magno Rabelo (Gerab - Trigo)
Tiago Rodrigo Lohmann (Gecup)	Sérgio Roberto dos Santos (Gerab - Arroz)
	Thomé Luiz Freire Guth (Geole - Milho)

Colaboradores das Superintendências

AC - Bruno Milhomem **AL** - Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca **AM** - Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **BA** - Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **CE** - Elibernon Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **DF** - José Cavalcante de Negreiros **ES** - Kerley Souza **GO** - Adair Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luiz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **MA** - Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **MG** - Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **MS** - Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes **MT** - Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **PA** - Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **PB** - Carlos Meira, Juarez Nóbrega **PR** - Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto, **PI** - Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **PE** - Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **RJ** - Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **RN** - Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **RO** - João Kasper, Anderson Gomes **RR** - Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **RS** - Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **SC** - César Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **SE** - Fausto Almeida **SP** - Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **TO** - Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha.

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos

Arquivo Geosafras/ Conab, Clauduado Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa - CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues - CRB-1/1739, Narda Paula Mendes - CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Introdução.....	6
2. Estimativa da área plantada	6
3. Estimativa da produção	7
4. Monitoramento agrícola via satélite.....	10
5. Prognóstico climático.....	16
6. Agricultura irrigada.....	17
7. Custo de produção.....	18
8. Crédito rural.....	21
9. Preços agropecuários.....	25
10. Câmbio.....	27
11. Exportações de arroz, milho e do complexo soja e importação de trigo.....	28
12. Análise das culturas.....	30
Algodão.....	30
Amendoim primeira safra.....	34
Amendoim segunda safra.....	36
Amendoim total.....	37
Arroz.....	38
Feijão primeira safra.....	41
Feijão segunda safra.....	44
Feijão terceira safra.....	46
Feijão total.....	47
Girassol.....	50
Mamona.....	51
Milho primeira safra.....	52
Milho segunda safra.....	55
Milho total.....	56
Soja.....	58
Sorgo.....	61
Culturas de inverno.....	63
Aveia.....	63
Canola.....	64
Centeio.....	65
Cevada.....	66
Trigo.....	67
Triticale.....	70
13. Balanço de oferta e demanda.....	72

Lista de Ilustrações

Tabela 1 - Estimativa de área plantada - Grãos.....	7
Tabela 2 - Estimativa de produção - Grãos.....	8
Tabela 3 - Comparativo de área, produtividade e produção - Grãos.....	9
Figura 1 - Mapeamento das culturas de verão no Rio Grande do Sul.....	10
Figura 2 - Mapeamento das culturas de verão em Santa Catarina.....	11
Figura 3 - Mapeamento das culturas de verão no Paraná.....	11
Figura 4 - Mapeamento das culturas de verão no Mato Grosso.....	11
Figura 5 - Mapeamento das culturas de verão em Goiás.....	12
Figura 6 - Mapeamento das culturas de verão em Minas Gerais.....	12
Figura 7 - Mapeamento das culturas de verão no MATOPIBA.....	12
Tabela 4 - Coeficientes de correlação por unidade da federação.....	13
Figura 8 - Precipitação acumulada em novembro.....	14
Figura 9 - Água disponível no solo (média período) - 25/nov a 29/nov.....	14
Figura 10 - Condição hídrica geral para o cultivo de grãos nos principais estados produtores do Brasil, em novembro.....	14
Tabela 5 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases dos cultivos de grãos em novembro.....	15
Figura 11 - Desvios da precipitação em relação à média histórica de novembro.....	16
Tabela 6 - Perímetros públicos de irrigação com área cultivada irrigada.....	17
Tabela 7 - Variação do custo de produção e produtividade no uso de novos pacotes tecnológicos.....	20
Tabela 8 - Percentual de obtenção de crédito de custeio para a cultura do milho.....	23
Tabela 9 - Percentual de obtenção de crédito de custeio para a cultura da soja.....	24
Gráfico 1 - Preço pago ao produtor - Arroz.....	25
Gráfico 2 - Preço pago ao produtor - Amendoim.....	26
Gráfico 3 - Preço pago ao produtor - Feijão.....	26
Gráfico 4 - Preço pago ao produtor - Milho.....	26
Gráfico 5 - Preço pago ao produtor - Soja.....	26
Gráfico 6 - Preço pago ao produtor - Trigo.....	27
Gráfico 7 - Preço pago ao produtor - Triticale.....	27
Gráfico 8 - Câmbio dólar - Venda.....	27
Tabela 10 - Exportações brasileiras de milho.....	28
Tabela 11 - Exportações brasileiras do complexo soja.....	28
Gráfico 9 - Exportação brasileira de arroz - Principais países importadores.....	29
Gráfico 10 - Exportação brasileira de milho - Principais países importadores.....	29
Gráfico 11 - Exportação brasileira do complexo soja - Principais países importadores....	29
Gráfico 12 - Importação brasileira de trigo - Principais países exportadores.....	30
Figura 12 - Mapa da produção agrícola - Algodão.....	32
Figura 13 - Calendário de plantio e colheita - Algodão.....	32
Tabela 12 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço.....	33
Tabela 13 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma.....	33

Tabela 14 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão.....	34
Tabela 15 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra.	34
Figura 14 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra.....	35
Figura 15 - Calendário de plantio e colheita - Amendoim primeira safra.....	35
Figura 16 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra.....	36
Figura 17 - Calendário de plantio e colheita - Amendoim segunda safra.....	36
Tabela 16 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim segunda safra	37
Figura 18 - Mapa da produção agrícola - Amendoim total (primeira e segunda safras)....	37
Tabela 17 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim total (primeira e segunda safras).....	38
Figura 19 - Mapa da produção agrícola - Arroz.....	40
Figura 20 - Calendário de plantio e colheita - Arroz.....	40
Tabela 18 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz.....	41
Figura 21 - Mapa da produção agrícola - Feijão primeira safra.....	43
Figura 22 - Calendário de plantio e colheita - Feijão primeira safra.....	43
Tabela 19 - Comparativo de área, produtividade e produção - Feijão primeira safra.....	44
Figura 23 - Mapa da produção agrícola - Feijão segunda safra.....	44
Figura 24 - Calendário de plantio e colheita - Feijão segunda safra.....	45
Tabela 20 - Comparativo de área, produtividade e produção - Feijão segunda safra.....	45
Figura 25 - Mapa da produção agrícola - Feijão terceira safra.....	46
Figura 26 - Calendário de plantio e colheita - Feijão terceira safra.....	46
Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - Feijão terceira safra.....	47
Figura 27 - Mapa da produção agrícola - Feijão total (primeira, segunda e terceira safras).	48
Tabela 22 - Comparativo de área, produtividade e produção - Feijão total (primeira, segunda e terceira safras).....	49
Figura 28 - Mapa da produção agrícola - Girassol.....	50
Figura 29 - Calendário de plantio e colheita - Girassol.....	50
Tabela 23 - Comparativo de área, produtividade e produção - Girassol.....	51
Figura 30 - Mapa da produção agrícola - Mamona.....	51
Figura 31 - Calendário de plantio e colheita - Mamona.....	52
Tabela 24 - Comparativo de área, produtividade e produção - Mamona.....	52
Figura 32 - Mapa da produção agrícola - Milho primeira safra.....	53
Figura 33 - Calendário de plantio e colheita - Milho primeira safra.....	53
Tabela 25 - Comparativo de área, produtividade e produção - Milho primeira safra.....	54
Figura 34 - Mapa da produção agrícola - Milho segunda safra.....	55
Figura 35 - Calendário de plantio e colheita - Milho segunda safra.....	55
Tabela 26 - Comparativo de área, produtividade e produção - Milho segunda safra.....	56
Figura 36 - Mapa da produção agrícola - Milho total (primeira e segunda safras).....	56
Tabela 27 - Comparativo de área, produtividade e produção - Milho total (primeira e segunda safras).....	57
Figura 37 - Mapa da produção agrícola - Soja.....	60
Figura 38 - Calendário de plantio e colheita - Soja.....	60

Tabela 28 - Comparativo de área, produtividade e produção - Soja.....	61
Figura 39 - Mapa da produção agrícola - Sorgo.....	61
Figura 40 - Calendário de plantio e colheita - Sorgo.....	62
Tabela 29 - Comparativo de área, produtividade e produção - Sorgo.....	62
Figura 41 - Mapa da produção agrícola - Aveia.....	63
Figura 42 - Calendário de plantio e colheita - Aveia.....	63
Tabela 30 - Comparativo de área, produtividade e produção - Aveia.....	63
Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Canola.....	64
Figura 44 - Calendário de plantio e colheita - Canola.....	64
Tabela 31 - Comparativo de área, produtividade e produção - Canola.....	64
Figura 45 - Mapa da produção agrícola - Centeio.....	65
Figura 46 - Calendário de plantio e colheita - Centeio.....	65
Tabela 32 - Comparativo de área, produtividade e produção - Centeio.....	65
Figura 47 - Mapa da produção agrícola - Cevada.....	66
Figura 48 - Calendário de plantio e colheita - Cevada.....	66
Tabela 33 - Comparativo de área, produtividade e produção - Cevada.....	66
Figura 49 - Mapa da produção agrícola - Trigo.....	69
Figura 50 - Calendário de plantio e colheita - Trigo.....	69
Tabela 34 - Comparativo de área, produtividade e produção - Trigo.....	70
Figura 51 - Mapa da produção agrícola - Triticale.....	70
Figura 52 - Calendário de plantio e colheita - Triticale.....	71
Tabela 35 - Comparativo de área, produtividade e produção - Triticale.....	71
Tabela 36 - Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo.....	72

1. Introdução

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), por meio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), realiza levantamento mensal com o intuito de acompanhar a safra brasileira de grãos. Para este terceiro levantamento da safra 2013/14, técnicos da Matriz e Superintendências Regionais desta Companhia estiveram a campo com o objetivo de realizar entrevistas e aplicarem questionários aos agrônomos e técnicos de Cooperativas, Secretarias de Agricultura, órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros e revendedores de insumos

Nas pesquisas foram levantados dados de: área plantada e/ou a ser plantada, produção estimada, produtividade média estimada, evolução do desenvolvimento das culturas, o pacote tecnológico utilizado pelos produtores, influência climática, dentre outras informações pertinentes que venham a agregar qualidade e corroborar os dados divulgados por esta Companhia.

A atribuição que representa a existência da Conab, que é contribuir para a regularidade do abastecimento e garantia de renda ao produtor rural, participando da formulação e execução das políticas agrícola e de abastecimento, resulta das repercussões dos dados obtidos a partir da realização desses levantamentos. Por isso, eles são analisados e processados exaustivamente, uma vez que orientam políticas públicas e, sendo confiáveis e precisos, merecedores da confiança do mercado. A qualidade alcançada na informação das safras e sua tempestiva divulgação para o mercado têm uma ação direta na formação dos preços e nas suas implicações de caráter inflacionário, na medida em que dilui a volatilidade.

O Banco Mundial tem recomendado aos governos que fortaleçam suas redes de segurança alimentar e assegurem que a nutrição seja incorporada na ajuda concedida às famílias pobres. Opções de mais recursos que reforcem investimentos na agricultura para elevar a produção de alimentos, a criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e políticas de abastecimento seguras, continuam sendo fundamentais para acabar com a fome no planeta.

Nessa busca pela qualidade na informação, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) tem solicitado que os países membros, particularmente os mais importantes no cenário agrícola mundial, uniformizem seus procedimentos na avaliação das suas safras, a fim de que desapareçam as fortes discrepâncias nas suas estatísticas de produção. Em atenção à essa demanda, os levantamentos da Conab têm sido realizados em estreita colaboração com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), consolidando o processo de harmonização das estimativas oficiais de safra para as principais lavouras brasileiras.

Vale destacar que esse Boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito da Conab, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do IBGE e dos órgãos citados, bem como aos colaboradores desta Companhia, que direta ou indiretamente, participaram da realização deste importante trabalho.

2. Estimativa da área plantada (55,19 milhões de hectares)

A área plantada para a safra 2013/14 deve alcançar 55,19 milhões de hectares, um aumento de 3,6% em relação à área cultivada na safra 2012/13, que totalizou 53,27 milhões de hectares (Tabela 1).

Destaque para as culturas de soja, trigo e algodão, maiores responsáveis pelo aumento de área. A estimativa é que o aumento para soja seja de 6,2% (1.716,5 mil

hectares), para o trigo de 15,6% (295,9 mil hectares) e para o algodão de 20,4% (182,6 mil hectares). Para o milho primeira safra, a expectativa é que haja redução na área em torno de 5,9% (401,3 mil hectares), área possivelmente cultivada com soja.

Tabela 1 - Estimativa de área plantada - Grãos

(Em 1000 ha)

PRODUTO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2012/13 (a)	2013/14		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Nov/2013 (b)*	Dez/2013 (c)		
ALGODÃO	894,3	1.065,6	1.076,9	20,4	182,6
AMENDOIM TOTAL	96,6	100,1	100,6	4,1	4,0
AMENDOIM 1ª SAFRA	86,3	89,8	90,2	4,5	3,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	10,3	10,3	10,4	1,0	0,1
ARROZ	2.390,9	2.408,2	2.421,2	1,3	30,3
AVEIA	168,7	171,3	171,3	1,5	2,6
CANOLA	43,8	45,1	45,1	3,0	1,3
CENTEIO	2,3	2,4	2,4	4,3	0,1
CEVADA	102,8	93,3	101,5	(1,3)	(1,3)
FEIJÃO TOTAL	4.279,7	3.177,8	4.371,5	2,1	91,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.125,0	1.191,8	1.170,6	4,1	45,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.299,9	1.299,9	1.299,9	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	686,1	686,1	686,1	-	-
GIRASSOL	68,7	68,7	68,7	-	-
MAMONA	87,4	139,4	136,1	55,7	48,7
MILHO TOTAL	15.821,9	15.497,0	15.420,6	(2,5)	(401,3)
MILHO 1ª SAFRA	6.824,1	6.499,2	6.422,8	(5,9)	(401,3)
MILHO 2ª SAFRA	8.997,8	8.997,8	8.997,8	-	-
SOJA	27.736,1	29.138,2	29.452,6	6,2	1.716,5
SORGO	801,7	804,4	800,1	(0,2)	(1,6)
TRIGO	1.895,4	2.181,8	2.191,3	15,6	295,9
TRITICALE	48,0	42,2	42,2	(12,1)	(5,8)
BRASIL	53.269,6	54.935,4	55.187,2	3,6	1.917,6

Legenda: *Ponto médio dos limites superior e inferior.

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

3. Estimativa de produção (195,90 milhões de toneladas)

A produção da safra 2012/13, de 186,86 milhões de toneladas, deve receber um acréscimo 4,8% para a safra 2013/14 (Tabela 2). Esse resultado representa um incremento de 9,04 milhões de toneladas, devido, sobretudo, à cultura de soja, que apresenta crescimento na produção de 10,5% (8,53 milhões de toneladas), o algodão em pluma, com crescimento de 25,0% (327,8 mil toneladas), o trigo, com crescimento de 22,4% (979,0 mil toneladas) e o feijão primeira safra, com crescimento de 34,6% (334,2

milhões de toneladas).

O crescimento observado no feijão segunda e terceira safras se deve à metodologia utilizada, ou seja, manutenção da área plantada na safra anterior e à média da produtividade dos três últimos anos, excetuados os anos atípicos e acrescentado o nível tecnológico, haja vista que o plantio destas culturas ocorre a partir de janeiro de 2013.

É importante ressaltar que a produtividade, considerada para as culturas de algodão, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja foi baseada na média dos três últimos anos, excetuados os anos atípicos e acrescentado o nível tecnológico, por se tratar do terceiro levantamento desta safra e que as lavouras se encontram em fase de plantio. Alterações na produtividade poderão ocorrer ao longo do desenvolvimento das culturas em função das condições climáticas e fitossanitárias que se apresentarem.

Tabela 2 - Estimativa de produção - Grãos

(Em 1000 t)

PRODUTO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2012/13 (a)	2013/14		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Nov/2013 (b)*	Dez/2013 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.018,8	2.484,2	2.514,4	24,5	495,6
ALGODÃO - PLUMA	1.310,3	1.626,3	1.638,1	25,0	327,8
AMENDOIM TOTAL	326,3	328,9	332,0	1,7	5,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	306,7	310,5	313,3	2,2	6,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	19,6	18,4	18,7	(4,6)	(0,9)
ARROZ	11.746,6	12.151,5	12.221,7	4,0	475,1
AVEIA	360,7	381,0	382,0	5,9	21,3
CANOLA	60,5	50,2	58,2	(3,8)	(2,3)
CENTEIO	3,7	4,2	4,2	13,5	0,5
CEVADA	287,2	299,0	347,8	21,1	60,6
FEIJÃO TOTAL	2.832,0	3.229,5	3.302,1	16,6	470,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	964,6	1.226,1	1.298,8	34,6	334,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.106,2	1.236,1	1.236,1	11,7	129,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	761,0	767,0	767,0	0,8	6,0
GIRASSOL	108,1	108,8	108,8	0,6	0,7
MAMONA	15,8	86,9	84,7	436,1	68,9
MILHO TOTAL	81.007,2	79.159,7	78.783,5	(2,7)	(2.223,7)
MILHO 1ª SAFRA	34.827,7	32.980,1	32.603,9	(6,4)	(2.223,8)
MILHO 2ª SAFRA	46.179,5	46.179,5	46.179,5	-	-
SOJA	81.499,4	89.042,2	90.025,1	10,5	8.525,7
SORGO	2.101,5	2.299,9	2.284,4	8,7	182,9
TRIGO	4.379,5	4.813,8	5.358,5	22,4	979,0
TRITICALE	117,0	98,7	99,7	(14,8)	(17,3)
BRASIL ⁽²⁾	186.864,1	194.537,9	195.906,8	4,8	9.042,7

Legenda: ⁽¹⁾ Produção de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produção de algodão em pluma; *Ponto médio dos limites superior e inferior.

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Tabela 3 - Comparativo de área, produtividade e produção - Grãos(*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	1.881,6	1.971,3	4,8	2.935	2.978	1,5	5.522,8	5.869,9	6,3
RR	41,5	41,5	-	3.798	3.766	(0,8)	157,6	156,3	(0,8)
RO	421,4	427,4	1,4	2.859	2.868	0,3	1.204,7	1.225,8	1,8
AC	71,6	71,6	-	1.902	1.813	(4,7)	136,2	129,8	(4,7)
AM	21,5	21,5	-	1.953	1.991	1,9	42,0	42,8	1,9
AP	5,7	5,7	-	877	930	6,0	5,0	5,3	6,0
PA	506,0	506,0	-	2.666	2.551	(4,3)	1.349,0	1.291,0	(4,3)
TO	813,9	897,6	10,3	3.229	3.363	4,1	2.628,3	3.018,9	14,9
NORDESTE	7.258,4	7.489,0	3,2	1.659	2.075	25,1	12.040,8	15.537,2	29,0
MA	1.626,7	1.654,1	1,7	2.210	2.251	1,9	3.594,5	3.723,8	3,6
PI	1.264,4	1.352,5	7,0	1.266	2.087	64,8	1.601,1	2.823,0	76,3
CE	787,7	787,7	-	284	823	189,8	223,6	648,2	189,9
RN	29,1	29,1	-	450	739	64,2	13,1	21,5	64,1
PB	109,8	109,8	-	421	474	12,6	46,2	52,0	12,6
PE	314,6	314,6	-	301	482	60,1	94,6	151,7	60,4
AL	76,5	76,5	-	753	753	-	57,6	57,6	-
SE	244,4	244,4	-	4.207	4.207	-	1.028,2	1.028,2	-
BA	2.805,2	2.920,3	4,1	1.919	2.408	25,5	5.381,9	7.031,2	30,6
CENTRO-OESTE	20.651,0	21.504,0	4,1	3.760	3.773	0,3	77.640,8	81.131,5	4,5
MT	12.310,3	12.974,9	5,4	3.729	3.747	0,5	45.907,9	48.617,5	5,9
MS	3.640,7	3.717,6	2,1	3.826	3.855	0,8	13.930,3	14.331,1	2,9
GO	4.566,0	4.677,2	2,4	3.735	3.720	(0,4)	17.051,8	17.399,8	2,0
DF	134,0	134,3	0,2	5.603	5.831	4,1	750,8	783,1	4,3
SUDESTE	4.954,8	5.076,9	2,5	4.083	4.046	(0,9)	20.232,5	20.539,5	1,5
MG	3.053,4	3.110,2	1,9	3.948	3.956	0,2	12.054,5	12.305,1	2,1
ES	40,6	39,8	(2,0)	1.887	1.859	(1,5)	76,6	74,0	(3,4)
RJ	10,3	9,5	(7,8)	1.990	1.968	(1,1)	20,5	18,7	(8,8)
SP	1.850,5	1.917,4	3,6	4.367	4.246	(2,8)	8.080,9	8.141,7	0,8
SUL	18.523,8	19.146,0	3,4	3.856	3.804	(1,3)	71.426,9	72.828,7	2,0
PR	9.240,5	9.466,4	2,4	3.994	3.773	(5,5)	36.910,3	35.720,9	(3,2)
SC	1.301,9	1.323,7	1,7	4.799	4.814	0,3	6.247,2	6.372,7	2,0
RS	7.981,4	8.355,9	4,7	3.542	3.678	3,8	28.269,4	30.735,2	8,7
NORTE/NORDESTE	9.140,0	9.460,3	3,5	1.922	2.263	17,7	17.563,6	21.407,1	21,9
CENTRO-SUL	44.129,6	45.726,9	3,6	3.836	3.816	(0,5)	169.300,2	174.499,7	3,1
BRASIL	53.269,6	55.187,2	3,6	3.508	3.550	1,2	186.863,8	195.906,8	4,8

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

4. Monitoramento agrícola via satélite

Análise da evolução das máscaras de cultivo de culturas de verão

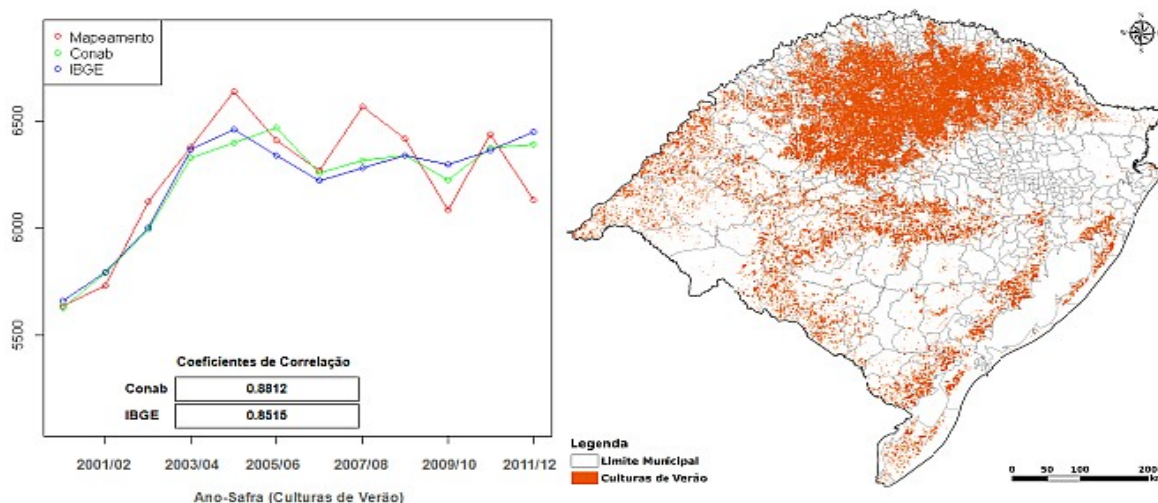
A Conab realizou mapeamentos das culturas de verão em diversos estados produtores a partir do ano safra 2000/01, com o objetivo de avaliar a evolução da área plantada e fazer o seu monitoramento agrometeorológico e espectral (imagens de satélite).

A avaliação desses mapeamentos foi realizada a partir da análise de correlação com os números de área plantada divulgados pela Conab e pelo IBGE. O coeficiente de correlação varia de -1 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1, mais forte é a correlação positiva entre as séries comparadas, indicando que o comportamento da evolução é semelhante.

Além da análise da evolução das áreas de cultivo, esses mapeamentos estão sendo utilizados para avaliar as estimativas de área e como base para o desenvolvimento de modelos de estimativa de produtividade, permitindo o aperfeiçoamento das informações de safra publicadas pela Conab.

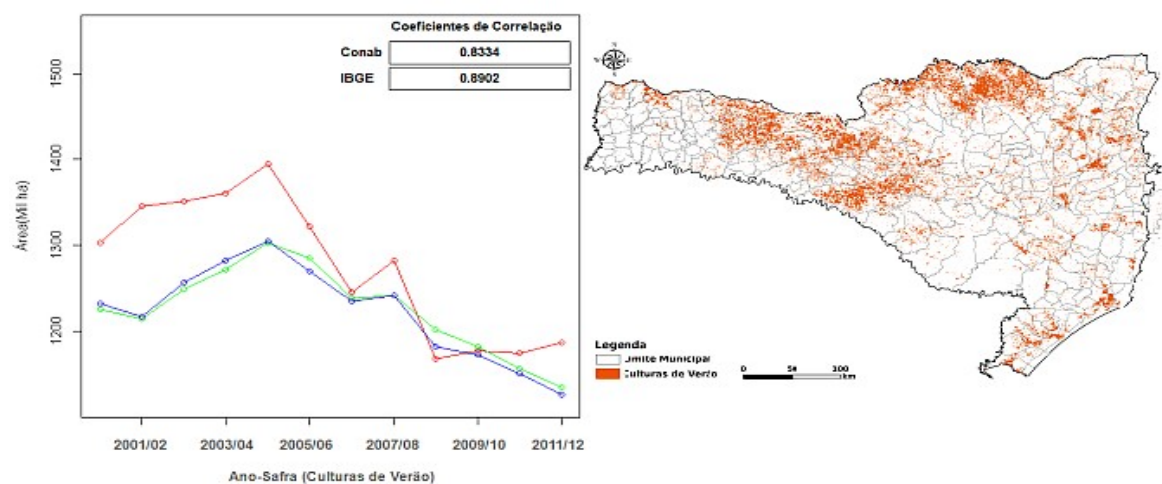
Abaixo, são apresentados os gráficos de evolução de área dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e da região do MATOPIBA (sul do Maranhão, leste do Tocantins, sudoeste do Piauí e oeste da Bahia). Os estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo estão em fase final de análise.

Figura 1 - Mapeamento das culturas de verão no Rio Grande do Sul



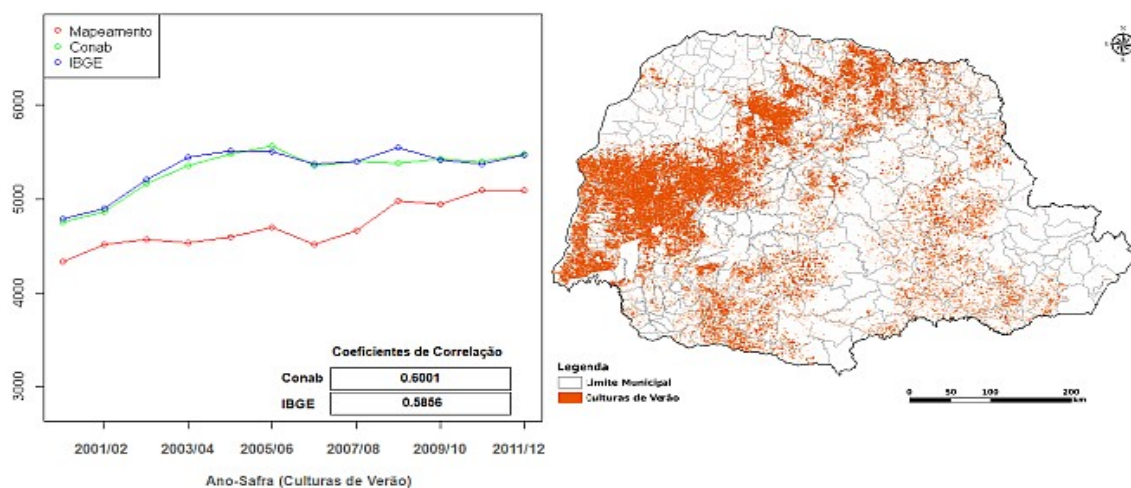
Fonte: Conab

Figura 2 - Mapeamento das culturas de verão em Santa Catarina



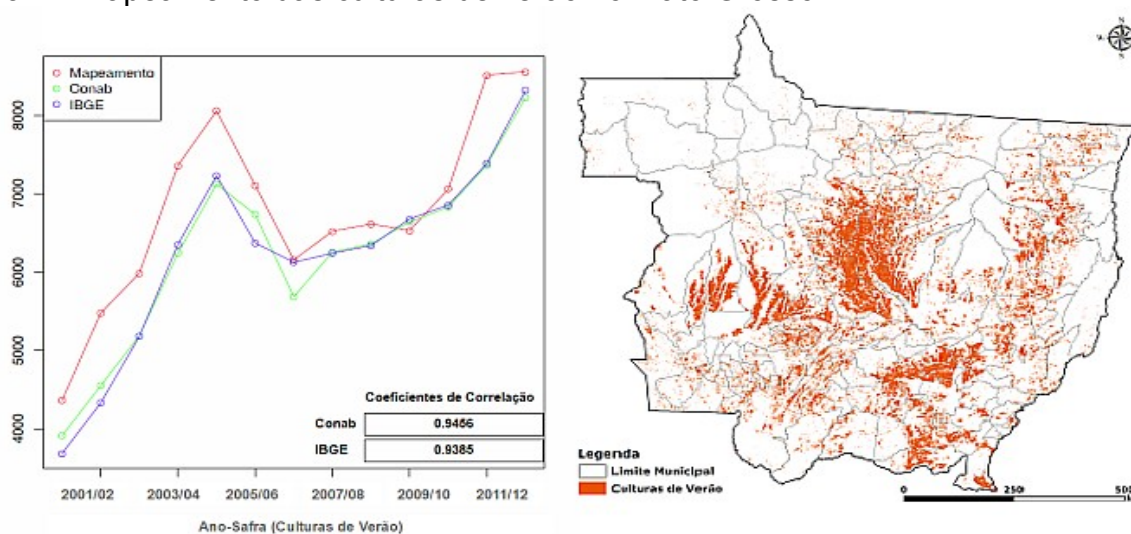
Fonte: Conab

Figura 3 - Mapeamento das culturas de verão no Paraná



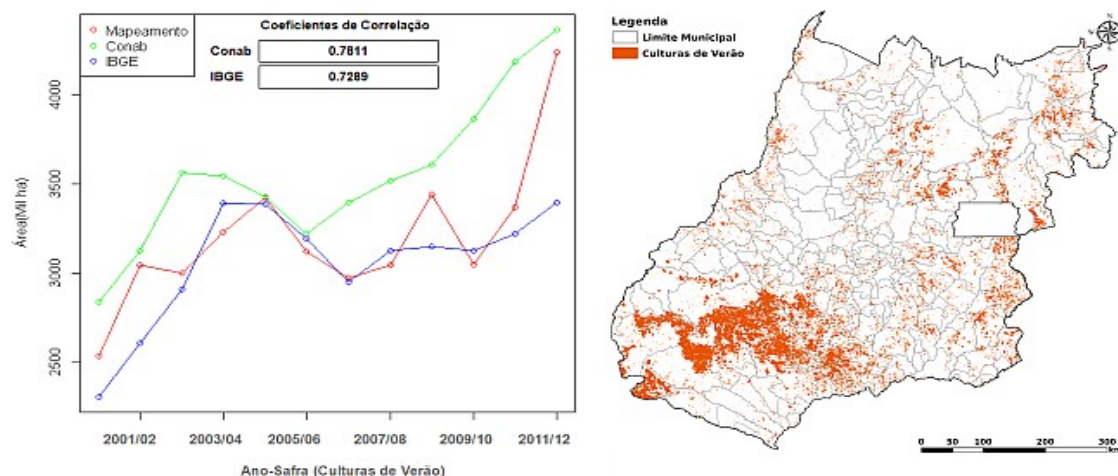
Fonte: Conab

Figura 4 - Mapeamento das culturas de verão no Mato Grosso



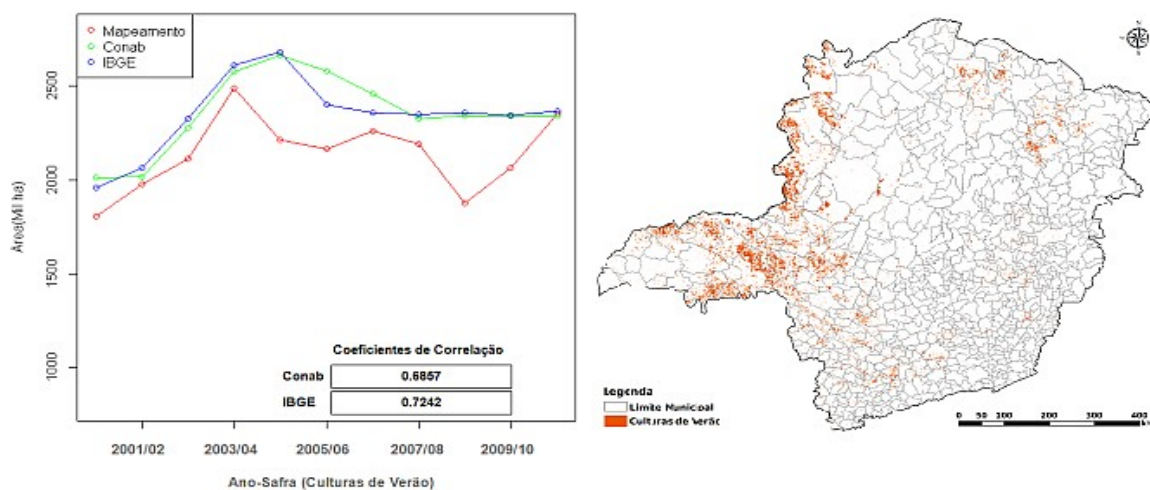
Fonte: Conab

Figura 5 - Mapeamento das culturas de verão em Goiás



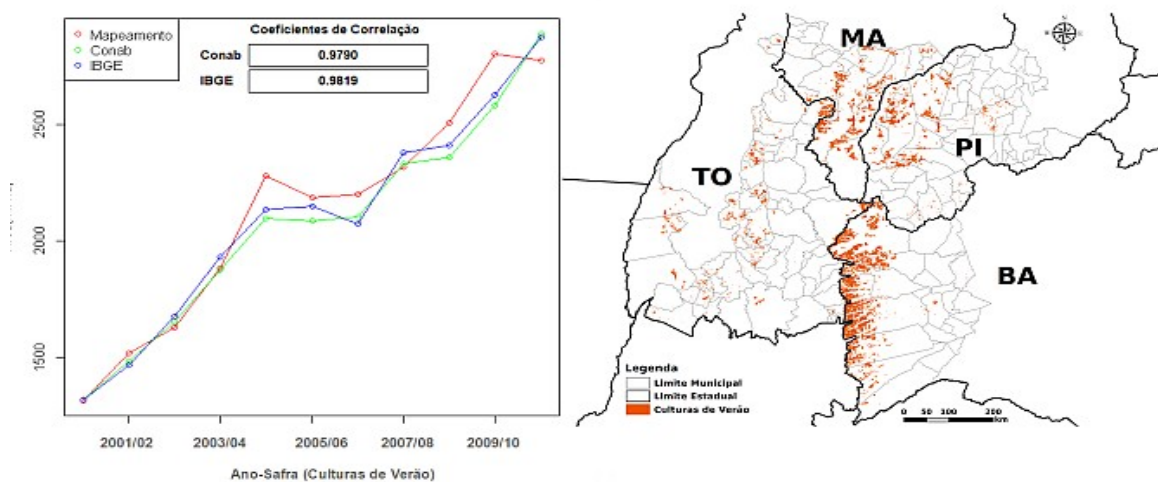
Fonte: Conab

Figura 6 - Mapeamento das culturas de verão em Minas Gerais



Fonte: Conab

Figura 7 - Mapeamento das culturas de verão no MATOPIBA



Fonte: Conab

Tabela 4 - Coeficientes de correlação por Unidade da Federação

UF/Região	Correlação Conab	Correlação IBGE
Rio Grande do Sul	0,8812	0,8515
Santa Catarina	0,8334	0,8902
Paraná	0,6001	0,5856
Mato Grosso	0,9456	0,9385
Goiás	0,7811	0,7289
Minas Gerais	0,6857	0,7242
MATOPIBA	0,9790	0,9819

Fonte: Conab

Estimativa de produtividade - Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições de desenvolvimento das grandes culturas em cada mesorregião estadual com produção significativa. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a umidade disponível no solo. Para a elaboração dos mapas das condições hídricas para os cultivos, é atribuído maior peso à cultura com maior área plantada no momento da análise, e a classificação é feita da seguinte forma:

- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura;
- baixa restrição: quando houver possíveis problemas por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Na Tabela 5, são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis para a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou frutificação, onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas, onde as chuvas reduzidas estão favorecendo a colheita, e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas, para cada cultura.

Em relação ao mês de novembro, em função das condições agrometeorológicas e espectrais (imagens de satélite) destacam-se chuvas favoráveis na região do MATOPIBA para o plantio e desenvolvimento das culturas de verão.

Na Figura 8, observa-se o mapa de precipitação acumulada em novembro; na figura 3, observa-se o mapa de umidade de solo verificado no período de 25 a 29 de novembro; e, na Figura 9, verificam-se as condições hídricas gerais nos principais estados produtores do Brasil em novembro. Na Tabela 5, observam-se as condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases dos cultivos de cada cultura, por mesorregião, em novembro.

O resultado do monitoramento agrometeorológico é divulgado em informes, que são disponibilizados no site da Companhia (www.conab.gov.br), em Produtos e Serviços, Geotecnologia, Projeto GeoSafras, Estimativa de Produtividade, Monitoramento Agrometeorológico.

Figura 8 - Precipitação acumulada em novembro

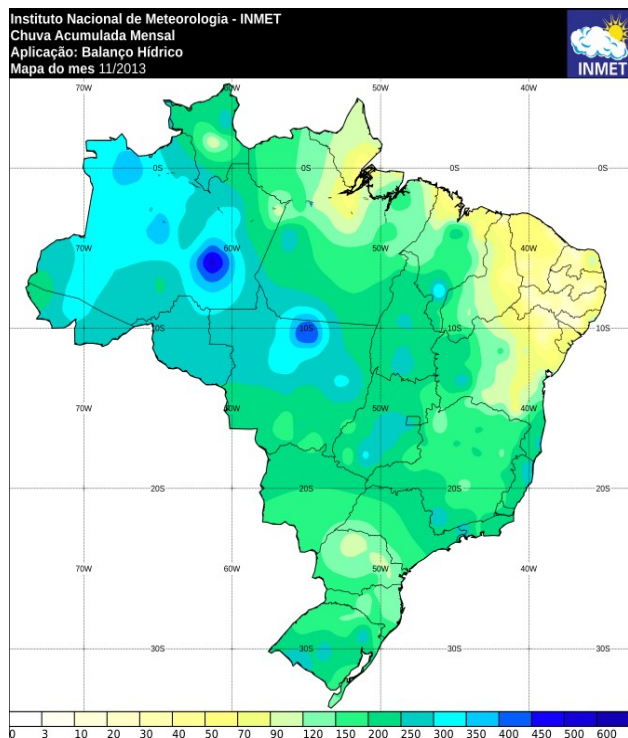


Figura 9 - Água disponível no solo (média período) - 25/nov a 29/nov

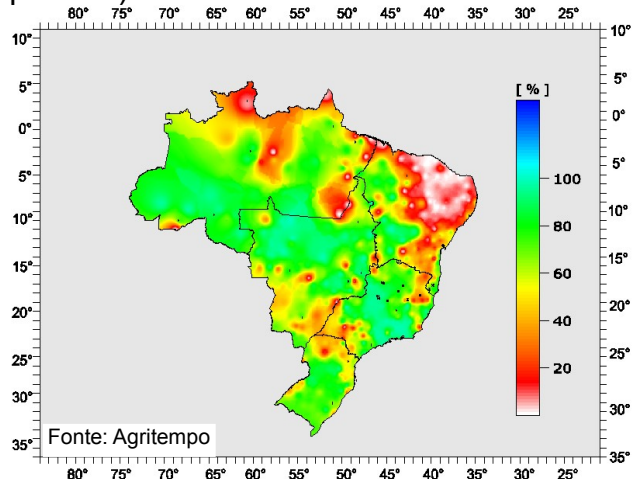


Figura 10 - Condição hídrica geral para o cultivo de grãos nos principais estados produtores do Brasil, em novembro

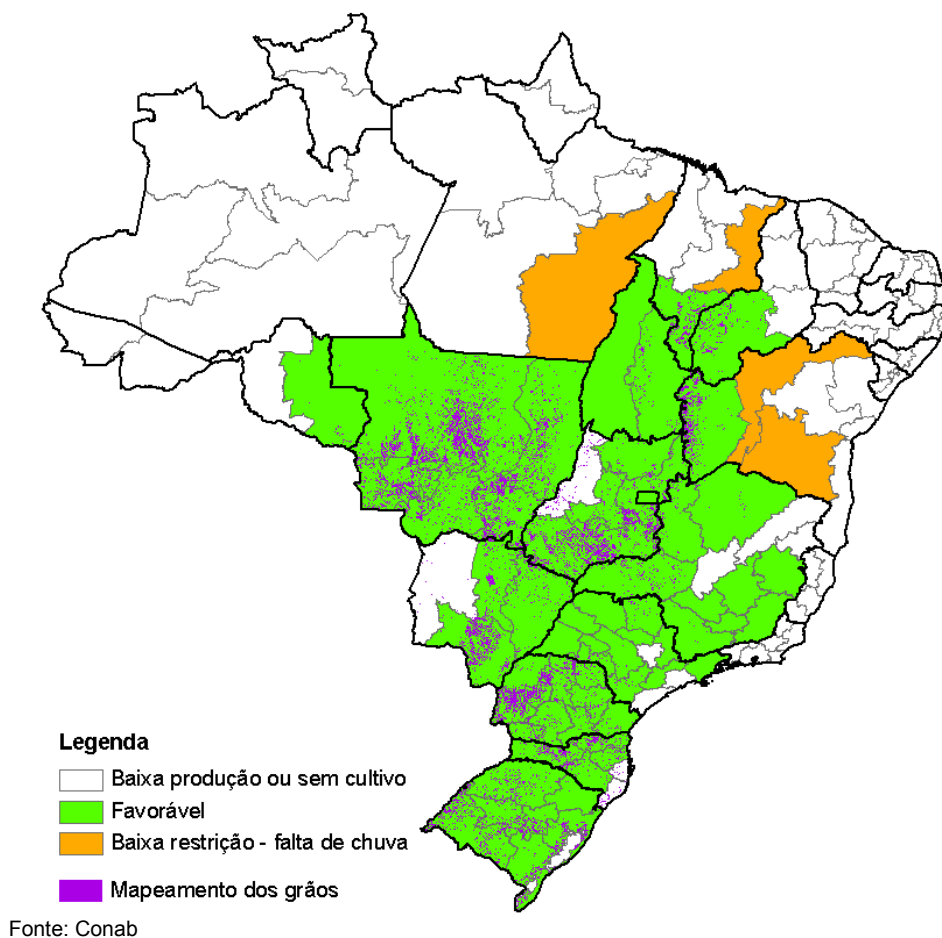


Tabela 5 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* dos cultivos de grãos em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão	- leste do TO (G) - sul do MA (G) - sul do PI, (G) - oeste da BA (G) - oeste de MG (G) - sul de GO (G) - nordeste de SP (DV)			- centro da BA (G)
Amendoim 1ª safra	- oeste do TO (DV) - Triângulo MG (F) - todo estado de SP, exceto sul (G/DV) - oeste e noroeste do PR (DV/F) - noroeste do RS (DV) - sul de GO (F) - sul do PI (G/DV)			- sul de SP (G/DV)
Arroz	- leste de RO (G) - todo estado do TO (DV) - leste de SP (DV) - todo estado do RS (DV) - sul do MS (DV) - norte do MT (DV) - leste de GO (DV) - leste e norte de SC (DV)			- sudeste do PA (DV)
Feijão 1ª safra	- todo estado de MG (DV) - todo estado do PR (DV/F e F) - todo estado de SC (DV e DV/F) - norte do RS (DV/F) - leste e sul de GO (DV/F) - DF(DV/F) - nordeste de SP (FR)			- centro da BA (G)
Milho 1ª safra	- leste de RO (G) - leste do TO (G) - sul do MA (G) - oeste da BA (G) - todo estado de MG (DV) - todo estado de SP (G) - todo estado do PR (DV/F) - todo estado de SC (DV e DV/F) - todo estado do RS (DV/F) - todo estado de GO (DV) - DF(DV) - sul do PI (P) - sul de SP (G)			- sudeste do PA (DV)
Soja	- leste de RO (DV) - todo estado do TO (G) - sudeste e sul do MA (G) - oeste da BA (G) - oeste de MG (DV) - norte e sul de SP (DV) - todo estado do PR (DV) - todo estado de SC (DV) - todo estado do RS (DV) - todo estado do MS (DV/F) - todo estado do MT (DV/F) - todo estado de GO (DV) - DF(DV) - sul do PI (P)			- sudeste do PA (DV) - parte do sudeste do MT (DV/F) - nordeste do MA (G)
Trigo			- oeste e sul de SC (C) - norte do RS (C)	

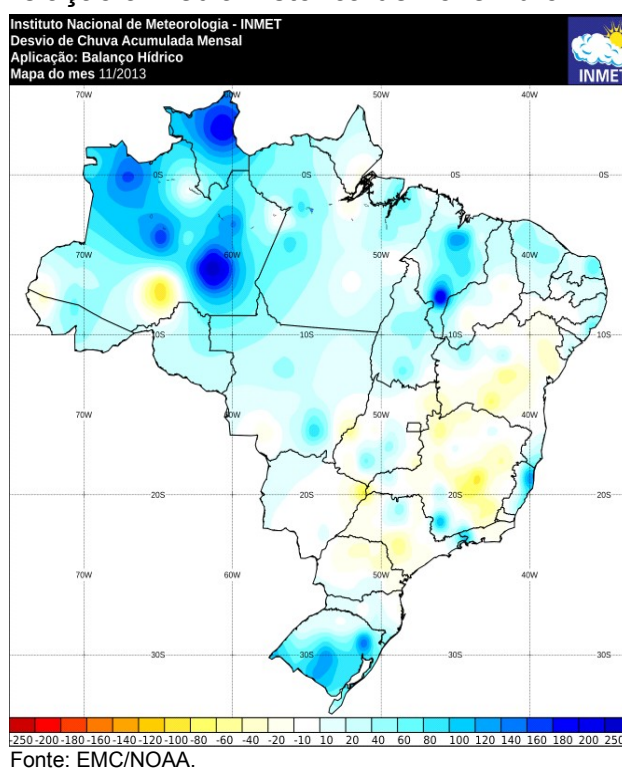
Legenda: * - (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

5. Prognóstico climático¹

Condições recentes da precipitação pluviométrica

Os dados observados de chuva indicam que na maior parte do território nacional, os acumulados estiveram próximos ou acima da média de cada localidade (Figura 1). No Centro-Oeste e Sudeste, os desvios foram mais acentuados no estado do Mato Grosso, norte do Mato Grosso do Sul, centro-sul de Goiás, Norte do Espírito Santo e sul de Minas Gerais. Porém, no centro-norte mineiro, as chuvas ficaram abaixo da média na maioria das localidades. Na Região Sul, os volumes foram maiores no Rio Grande do Sul, com desvios que ultrapassaram 80 mm; enquanto nos demais estados, os acumulados de chuva estiveram próximos à média ou abaixo em algumas localidades. No MATOPIBA, de uma forma geral, os acumulados ficaram próximos à média histórica, porém, em Balsas-MA, o acumulado foi de 350 mm, bem acima dos 107 mm de sua média.

Figura 11 - Desvios da precipitação em relação à média histórica de novembro



Prognóstico para o Brasil

Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, os modelos climáticos indicam uma maior probabilidade de que o acumulado de chuvas fique abaixo ou dentro da faixa normal para o trimestre dezembro-janeiro-fevereiro. Contudo, por se tratar de um período bastante chuvoso, a ocorrência de dias consecutivos com chuvas intensas, intercalados por períodos de pouca precipitação, devem ocorrer. Na primeira quinzena de dezembro, os maiores acumulados de chuva podem ocorrer principalmente em Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Na Região Sul, em relação ao prognóstico climático, há uma maior probabilidade de acumulado de chuvas dentro ou abaixo da faixa normal no trimestre, principalmente no oeste da região, enquanto que na maioria das outras localidades, a probabilidade maior é de acumulados dentro da faixa normal ou acima. A faixa normal de precipitação do

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

período dezembro-janeiro-fevereiro, de uma forma geral, varia entre os limites de 250 e 550 mm no Rio Grande do Sul, e entre 350 e 650 mm nos demais estados.

Para a região de MATOPIBA (sul do Maranhão, Tocantins, sul do Piauí e oeste da Bahia), no centro-norte do Brasil, os modelos indicam a possibilidade de uma significativa variabilidade espacial na distribuição das chuvas, com algumas localidades apresentando acumulados de chuvas próximos ou acima da média, enquanto outras localidades poderão apresentar desvios negativos no trimestre dezembro-janeiro-fevereiro. Os limites aproximados da faixa normal do trimestre são 600 e 800 mm no Tocantins, entre 450 e 750 mm no sul do Maranhão, e entre 400 e 700 mm no sul do Piauí e oeste da Bahia.

6. Agricultura irrigada

De acordo com o documento Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil - 2013, da Agência Nacional de Águas (ANA), estima-se a área agrícola irrigada para 2012 em 5,8 milhões de hectares, ou 19,6% do potencial nacional de 29,6 milhões de hectares.

As informações constantes do documento citam que a iniciativa privada responde atualmente por 96,6% das áreas irrigadas, enquanto as demais áreas estão contempladas em perímetros públicos de irrigação.

Tabela 6 - Perímetros públicos de irrigação com área cultivada irrigada

Perímetro público de irrigação	Início da Operação	Município (s)	Estado	Área Total (ha)*	Área implantada irrigável (ha)	Área cultivada irrigada (ha)**	Área cultivada/ área implantada (%)	Administração
Rio Formoso	1980	Formoso do Araguaia	TO	27.787	22.500	20.000	88,9	MI
Arroio Duro	1967	Camaquã	RS	61.792	20.000	19.145	95,7	MI
Senador Nilo Coelho	1984	Casa Nova; Petrolina	PE/BA	55.525	18.858	18.858	100,0	CODEVASF
Tourão	1979	Juazeiro	BA	14.567	13.873	11.715	84,4	CODEVASF
Flores de Goiás	2002	Formosa; São João da Aliança; Flores de Goiás	GO	26.500	10.000	10.000	100,0	MI
Jaíba	1975	Jaíba; Matias Cardoso; Verdelândia	MG	32.754	24.745	9.755	39,4	CODEVASF
Chasqueiro	1985	Arroio Grande	RS	25.000	15.291	9.585	62,7	MI
Platôs de Neópolis	1995	Neópolis; Japoatã; Pacatuba; Santana do São Francisco	SE	10.432	7.230	7.230	100,0	MI
Formoso	1989	Bom Jesus da Lapa	BA	15.505	12.558	6.860	54,6	CODEVASF
Jaguaribe Apodi	1989	Limoeiro do Norte	CE	9.606	5.658	5.658	100,0	DNOCS
Manicoba	1980	Juazeiro	BA	11.786	5.031	5.031	100,0	CODEVASF
Caraibas/ Fulgêncio	1998	Santa Maria da Boa Vista; Orocó	PE	33.437	4.728	4.691	99,2	CODEVASF
Curaça	1980	Juazeiro	BA	15.234	4.366	3.977	91,1	CODEVASF
Tabuleiros de Russas	2004	Russas; Limoeiro do Norte; Morada Nova	CE	18.915	10.766	3.974	36,9	DNOCS
Gorutuba	1978	Nova Porteirinha	MG	8.487	5.286	3.916	74,1	CODEVASF
Baixo Acaraú	2001	Bela Cruz; Acaraú; Marco	CE	13.909	8.335	3.825	45,9	DNOCS
Brumado	1986	Livramento de Nossa Senhora	BA	8.302	4.313	3.773	87,5	DNOCS
Curu-Paraipaba	1974	Paraipaba	CE	6.913	3.357	3.157	94,0	DNOCS
Morada Nova	1970	Morada Nova; Limoeiro do Norte	CE	11.166	4.474	2.614	58,4	DNOCS
Boacica	1984	Igreja Nova	AL	5.484	3.334	2.584	77,5	CODEVASF
Betume	1978	Propriá; Cedro do São João; Telha	SE	8.481	2.865	2.539	88,6	CODEVASF
Pedra Branca	1995	Abaré; Curaça	PE	14.185	2.372	2.372	100,0	CODEVASF
Estreito	1975	Sebastião Laranjeiras; Urandi	BA	11.972	7.983	2.360	29,6	CODEVASF
Cotinguiba/ Pindoba	1982	Neópolis; Japoatã; Propriá	SE	3.086	2.237	2.221	99,3	CODEVASF
Ico-Mandantes	1994	Petrolândia	PE	26.097	2.186	2.186	100,0	CODEVASF
Baixo Açu	1994	Ipanguaçu; Afonso Bezerra; Alto do Rodrigues	RN	6.000	5.168	2.108	40,8	DNOCS
São Desidério/ Barreiras Sul	1978	São Desidério; Barreiras	BA	4.322	2.238	2.000	89,4	CODEVASF

Legenda: *A área total inclui áreas de preservação permanente (APP), reserva legal e infraestrutura de uso comum, além da área irrigável e de sequeiro. ** Área igual ou superior a 2 mil hectares em 2011.

Fonte: Secretaria Nacional de Irrigação (Senir/MI)/ Publicado na Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil (ANA/ 2013)

Apesar da menor expressão frente ao setor privado estas áreas são essenciais ao desenvolvimento regional. A Tabela 6 apresenta 27 perímetros públicos, sendo 21 deles localizados na Região Nordeste. Observa-se que, pela relação entre a área implantada e a área cultivada, muitos perímetros apresentam grande capacidade de expansão.

Destaca-se que o setor agrícola é o responsável pela maior parte do uso consuntivo da água no Brasil, o que requer maior atenção dos órgãos gestores com vistas ao desenvolvimento sustentável dos recursos hídricos. Outro importante registro é que os investimentos no setor, além de resultar em aumento de produtividade e do valor da produção, contribuem para a redução da pressão de incorporação de novas áreas de cultivo.

7. Custos de produção

A Conab vem realizando levantamentos de custo de produção de ampla gama de culturas agrícolas no país inteiro, considerando as diversas regiões produtoras, suas especificidades e regionalismos. Desenvolve trabalhos na agricultura considerada empresarial, bem como, na familiar e até para diversos produtos do extrativismo e da sociobiodiversidade. Ao todo, são mais de quinhentos custos, entre grãos, fibras, raízes, frutas, carnes e leite.

A metodologia utilizada para gerar os custos contempla a atualização periódica dos pacotes tecnológicos através de painéis realizados com a participação de produtores, técnicos, extensionistas e demais agentes ligados à atividade produtiva. Nos painéis são propostos e discutidos os componentes que constituem os custos de produção e seus respectivos coeficientes técnicos. Ao longo do tempo, o acompanhamento das mudanças ocorridas entre os pacotes tecnológicos permite compreender o processo evolutivo da agricultura brasileira, ou seja, os caminhos do desenvolvimento tecnológico que se tem percorrido.

Em 2013, técnicos da Companhia realizaram a atualização de muitos pacotes tecnológicos, principalmente relacionados à agricultura empresarial. Em seguida, algumas considerações gerais serão delineadas sobre os principais itens que compõem os custos e o impacto das mudanças tecnológicas. É oportuno ressaltar que, estes levantamentos procuram retratar a realidade modal, quer dizer, a metodologia da Conab busca evidenciar as práticas tecnológicas mais comuns que representam o que a maior parte dos agricultores/produtores está adotando.

O plantio direto consolidou-se como prática de cultivo em praticamente todas as culturas. Apenas em algumas culturas mais específicas ainda não é uma prática modal, como nos cultivos de arroz e mandioca. Entretanto, mesmo nestas culturas é possível a adoção do plantio direto, como demonstrado por trabalhos realizados em âmbito de pesquisa e de campo. Além de todos os benefícios agrônômicos e ambientais que esta tecnologia proporciona há o aspecto econômico de redução de custo. Comparando o preparo de solo convencional (gradagem aradora, subsolagem e mais gradagem niveladora) utilizado para a cultura da mandioca no município de Marechal Cândido Rondon (PR) que custa R\$ 147,63 por hectare com o emprego da dessecação no plantio direto utilizado em Cascavel e Ubitirã na cultura do trigo, custando, respectivamente R\$ 40,03 e R\$ 44,06 por hectare, observa-se redução de custo de 72% e 70%. Convém ressaltar a valorização recente do plantio direto como tecnologia capaz de mitigar as emissões de gases de efeito estufa agregando mais valor ambiental e social a esta técnica fazendo a agricultura ser cada vez mais sustentável ao longo do tempo.

A utilização de plantas geneticamente modificadas também tem se destacado nas culturas de soja, milho e algodão. Na soja, por exemplo, considerando a resistência à herbicida houve a diminuição do número de herbicidas utilizados de seis para apenas dois herbicidas, simplificando o manejo de plantas espontâneas. Enquanto que no milho

resistente a lagartas observou-se diminuição de uma aplicação no novo pacote tecnológico. É importante salientar que a transgenia em plantas é apenas uma nova tecnologia que deve ser bem empregada para que não ocorram perdas em virtude de má gestão da tecnologia. Nas culturas com resistência a inseticidas, por exemplo, o refúgio é indispensável e para aquelas com resistência a herbicidas devem-se adotar medidas para evitar problemas com plantas espontâneas resistentes. Como as sementes transgênicas agregam tecnologia, tendem a apresentar maior valor, resultando em aumento de custo.

Não obstante à utilização de transgênicos e corroborando a afirmação anterior de que esta tecnologia deve ser encarada apenas como mais uma ferramenta à disposição do agricultor, desafios e problemas surgem constantemente exigindo novos dispêndios. Neste sentido, destaca-se a emergência da lagarta *Helicoverpa armigera* como fator que onerou os custos de produção da última safra, principalmente em algodão e soja, e que continua a exigir cuidados na safra atual, em diversas culturas e já com registros de sua presença até no Rio Grande do Sul, demonstrando grande capacidade de dispersão da praga. Outro problema que tem gradativamente aumentado de importância é a presença de nematóides, principalmente em áreas de cultivo no Mato Grosso, para cujo controle se exige a aplicação de agrotóxicos surgindo como novo item no custo de produção das culturas da região. Além disto, verificou-se a existência de aplicações de fungicidas na cultura do milho que anteriormente não constavam nos respectivos custos. De modo geral, observou-se aumento nas aplicações de agrotóxicos, que pode ser atribuído à dinâmica atual da agricultura com sobreposição e sequência de safras, tendo regiões em que se tem cultivado até três safras por ano, favorecendo o desenvolvimento e a permanência de pragas, tanto insetos como também patógenos de doenças.

Outro aspecto que tem importância nos custos é o contínuo desenvolvimento de máquinas e implementos. Tratores, semeadeiras, colheitadeiras, pulverizadores e demais implementos estão sendo constantemente melhorados e adquirindo cada vez mais componentes informatizados e de precisão. Este grau de tecnologia reflete-se no custo de aquisição dos itens. Por outro lado, a análise destes aspectos nos indica diretamente outro componente de custo que vem se alterando no campo: a mão de obra. Devido à escassez de trabalhadores no campo e a consequente elevação deste componente no custo da produção, a intensificação da mecanização tem sido a solução. Adicionalmente, lidar com estas novas tecnologias exige um trabalhador mais qualificado, que por sua vez, tem remuneração valorizada.

Aliado ao alto custo para aquisição deste maquinário moderno observa-se também grande valorização do fator de produção “terra”. Historicamente, a terra tem seu valor associado a sacas, principalmente de soja, e devido aos bons preços obtidos com a soja nos últimos anos houve valorização da terra refletindo nos custos, seja como renda de fator ou como aluguel. A necessidade de grandes investimentos com estes fatores de produção imobiliza o capital e torna a agricultura, cada vez mais, apenas acessível a restritos agentes. Além disto, a pressão de alta nos custos de produção tem reduzido as margens de lucratividade, conduzindo à necessidade de aumento constante na escala da produção, ou seja, a exploração tem se viabilizado em áreas maiores, principalmente se se consideram as culturas commodities.

Na Tabela 7 se observa a situação para algumas culturas, em termos de variação de produtividade e custo de produção, considerando a atualização dos pacotes tecnológicos conduzida este ano.

Tabela 7 - Variação do custo de produção e produtividade no uso de novos pacotes tecnológicos

CULTURA	VARIAÇÃO CUSTO DE PRODUÇÃO (%) (Custo Variável)	VARIAÇÃO PRODUTIVIDADE (%)
SOJA OGM	25,2	4,4
SOJA CONVENCIONAL	30,0	6,0
MILHO 1ª SAFRA	-14,5	33,9
MILHO 2ª SAFRA	6,6	8,2
TRIGO	-7,6	16,9
GIRASSOL	1,7	0,0
SORGO GRANÍFERO	-15,8	10,5
MANDIOCA 2 CICLOS	6,5	4,3

Fonte: Conab

Inicialmente, observa-se a formação de dois grupos distintos. Milho primeira safra, trigo e sorgo granífero apresentam redução de custo, enquanto que os demais resultaram em aumento de custo, porém, em graus diversos. Deve-se esclarecer que a análise é feita considerando o custo por produto, ou seja, por saca produzida, no caso dos grãos, e por tonelada, no caso da mandioca. Se fosse considerada a variação por hectare, todos os custos analisados apresentariam aumento de custo.

A comparação com a variação da produtividade permite deduzir que no primeiro grupo o aumento por unidade de área foi compensado por um aumento relativamente maior na produtividade, em termos modais. Neste caso, destaca-se o milho primeira safra que, na média modal de todas as localidades pesquisadas, passou de 5.750 a 7.700 kg/ha. Este aumento deve-se principalmente à adoção de híbridos mais produtivos e melhor adaptados às diferentes localidades. O mesmo resultado não foi observado para o milho segunda safra que, embora, também apresentasse aumento de produtividade, não foi suficiente em comparação ao aumento de custo por área, resultando no aumento de custo por saca. Na média dos modais de milho segunda safra a produtividade passou de 5.200 a 5.625 kg/ha.

No grupo que apresentou aumento de custo a soja se destaca, tanto a convencional como a transgênica. Novamente, é necessária a comparação com o aumento de produtividade e, neste caso, observa-se que a variação da produtividade em termos de modal foi baixa, resultando em considerável aumento por unidade produzida. As produtividades da soja OGM e convencional passaram de 3.011 a 3.143 kg/ha e de 3.000 a 3.180 kg/ha, respectivamente. Na avaliação da atualização do pacote tecnológico observa-se que houve aumento na adubação da soja sendo que este item representa a maior parcela no aumento de custo. A soja tem obtido bons preços de comercialização nos últimos anos e este viés favorável possibilitou aos produtores investirem mais na cultura, principalmente em adubação. Contudo, de acordo com os painéis junto aos produtores, a produtividade não apresentou aumento proporcional.

Em relação ao mercado de insumos, observa-se que durante o ano de 2013 houve elevação dos preços dos principais insumos agrícolas. Este fato é devido, em parte, à desvalorização do real ao longo do ano. Considerando que no primeiro semestre do ano o dólar oscilou em torno de R\$ 2,00 e no mês de junho houve forte desvalorização atingindo, a partir de então, valores entre R\$ 2,20 e R\$ 2,30 para o segundo semestre, observou-se aumento no valor dos insumos que têm seus preços associados ao mercado internacional, justamente no período de aquisição dos insumos para a safra 2013/14. Além disto, agrotóxicos, fertilizantes e sementes constituem de 60 a 70% dos custos diretos (custo variável), onerando, sobremaneira, a composição final do custo de

produção. Não obstante este cenário de aumento dos preços de insumos, o mercado não se ressentiu apresentando desempenho positivo nas vendas. De acordo com informações da Associação Nacional para a Difusão de Adubos (ANDA) no acumulado de janeiro a outubro de 2013 houve aumento de 5,5% no volume entregue de fertilizantes em relação ao mesmo período do ano passado, alcançando 26.281 mil toneladas. Em relação a agrotóxicos, segundo informações do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg) no período de janeiro a setembro de 2013, as vendas de agrotóxicos atingiram o valor de 4,187 bilhões de reais, representando aumento de 36% em relação ao mesmo período do ano passado.

Finalizando, a agricultura vem passando por grandes mudanças que nem sempre são facilmente perceptíveis. O acompanhamento da sua evolução através dos custos de produção e de seus componentes é um bom indicativo das mudanças ocorridas. A Conab tem buscado melhorar constantemente a avaliação de custos para, dentro da missão da Companhia, subsidiar de informações pertinentes à construção de políticas agrícolas.

8. Crédito rural

Pelo que se observa das informações registradas abaixo, a liberação de crédito tem ocorrido normalmente nas principais regiões produtoras.

Na Região Centro-Oeste a liberação de crédito tem ocorrido dentro das necessidades e atendido à demanda. No estado de Goiás, o crédito de custeio foi liberado de forma antecipada e alguns produtores utilizam recursos próprios e daqueles advindos do plantio da soja. O crédito tem atendido à demanda e a liberação sendo realizada sem atrasos, no Mato Grosso.

As liberações do crédito no Mato Grosso do Sul ocorrem conforme as necessidades. Há recursos suficientes nas instituições financeiras. Quando há o uso de recursos oriundos de fornecedores de insumos, o que se observa é a troca de insumos por grãos com preços fixos a serem entregues por ocasião da colheita. Observou-se uso de recursos próprios para financiamento da produção.

Na Região Nordeste, nos estados onde ocorre o plantio nesse momento, a liberação de crédito pode ser considerada normal. Na Bahia, o financiamento da safra tem sido liberado de forma a atender as necessidades dos produtores. As fontes dos recursos são principalmente os agentes financeiros e as *tradings*, sendo que há uso de recursos próprios no plantio.

No Piauí, ainda é grande a procura por recursos junto às instituições financeiras e fornecedores de insumos para financiamento das lavouras. Há informações de uso de recursos próprios no plantio.

No Maranhão não houve crescimento de crédito em relação à safra anterior e a liberação está de acordo com as necessidades de plantio. Os agricultores familiares têm se utilizado do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e os grandes produtores usam de recursos oriundos das agroindústrias, principalmente para o plantio de soja.

Na Região Norte, as liberações podem ser consideradas normais. Em Rondônia, em se tratando de arroz de sequeiro e milho (primeira safra) nas pequenas propriedades utiliza-se de recursos próprios. Em áreas maiores o crédito pode ser oriundo das casas de lavouras e cerealistas que fornecem os insumos para o plantio. No caso do plantio da soja, parte é com recursos próprios e a outra com crédito dos agentes financeiros, sistema cooperativo, empresas fornecedoras de insumos e das agroindústrias.

No estado de Tocantins, a liberação do crédito de custeio se encontra dentro da normalidade. A exceção é dos pequenos produtores de arroz de sequeiro que encontram dificuldades na liberação de recursos, uma vez que os fornecedores de crédito entendem a cultura como de alto risco, considerando, em resumo, a dependência de volumes de

chuvas acima das necessidades de outras culturas, a baixa produtividade obtida em safras anteriores e baixa tecnologia utilizada.

Na Região Sudeste a liberação do crédito tem atendido aos demandantes. Em Minas Gerais, a demanda de recursos para financiamento da safra 2013/14 vem sendo satisfatoriamente atendida e os financiamentos, seja de custeio ou de investimento, já foram liberados para os produtores, obedecendo o limite de crédito sem restrições de ordem cadastral e adimplente com o sistema financeiro.

Recursos para pré-custeio foram disponibilizados mais cedo, já em março, e de custeio a partir de julho. Para a agricultura familiar, a modalidade de financiamento via Pronaf é a forma mais utilizada para projetos de custeio e investimento, atendendo a contento a necessidade dos pequenos produtores.

A comercialização antecipada de soja junto às indústrias, seja por adiantamento de recursos ou pré-fixação, iniciou bem mais tarde e ainda se encontra aquém dos índices praticados na safra passada, perfazendo 35 a 40% até o momento. Por outro lado, tem sido reportado um aumento nas operações de custeio de lavouras de soja nos agentes financeiros.

Para as lavouras de milho, continua predominando o financiamento bancário, o volume de vendas antecipadas com preços pré-fixados é menos expressivo, mas também se reportam operações de compra de insumos para pagamento no período de safra, em espécie ou produto.

Em São Paulo, os agentes financeiros colocaram à disposição do segmento produtor, volume de recursos suficientes para o plantio da safra 2013/14, desde que comprovem real capacidade de pagamento desses empréstimos.

Na Região Sul, a liberação de crédito pode ser considerada dentro da normalidade e em tempo hábil para uso correto pelos produtores. O crédito de custeio no estado do Paraná atende à demanda e a liberação está sendo realizada sem atrasos. Para a cultura do amendoim, grande parte do plantio é com recursos próprios. No arroz, a liberação ocorre normalmente. Para o milho, feijão e soja, os recursos atendem à demanda e a liberação ocorre no prazo previsto.

Em Santa Catarina, o crédito de custeio para o arroz irrigado foi ofertado pelas instituições financeiras dentro do programado pelos produtores e suficiente para que fossem feitos investimentos tecnológicos nas lavouras. Para o feijão, os recursos foram liberados no tempo necessário para ser usado pelos produtores.

O custeio das lavouras de milho contou com crédito bancário, que foi liberado de acordo com as necessidades dos produtores, e no tempo hábil para a realização do plantio, sendo complementado com recursos próprios e adiantamentos efetuados pelo seguimento dos fornecedores de insumos. Alguns informantes mencionaram a dificuldade especialmente no acesso ao crédito de custeio do Pronaf, devido a determinadas exigências bancárias.

No plantio de soja, as lavouras estão sendo custeadas com recursos próprios, linhas de crédito do governo federal e outros agentes financeiros e com recursos disponibilizados por fornecedores de insumos, quer sejam cooperativas ou casas agropecuárias.

O crédito no Rio Grande do Sul teve sua liberação em tempo hábil e tem atendido a demanda dos produtores.

Fontes de financiamentos

O crédito é uma variável fundamental no processo produtivo e a sua origem pode, em parte, explicar a conjuntura agrícola e os seus reflexos na comercialização agropecuária, no abastecimento e na segurança alimentar e nutricional.

A Conab tem realizado pesquisa subjetiva para obter informações a respeito das

fontes de financiamentos que são utilizadas pelos produtores no plantio, para as culturas de milho e soja. Pelo próprio processo de pesquisa é importante registrar que as informações são oriundas dos informantes da Companhia nos percursos visitados no processo de levantamento de safra, que perfazem aproximadamente 80% da área de produção.

As informações coletadas geraram 03 (três) fontes de financiamento (ver Tabelas 1 e 2). Os agentes financeiros, que obedecem a regras estabelecidas no Manual de Crédito Rural (MCR) elaborado pelo Banco Central do Brasil. O segundo grupo, chamado de fornecedores de insumos, pode ser caracterizado pelas agroindústrias, revendedores de material para o cultivo, as cooperativas e organizações onde se observa a troca de insumos por grãos com preços fixos a serem entregues por ocasião da colheita. O terceiro grupo se refere aos produtores que utilizam recursos próprios para financiamento da produção.

Milho

Tabela 8 - Percentual de obtenção de crédito de custeio para a cultura do milho

UF	FINANCIAMENTO/CRÉDITO														
	Banco					Fornecedores de Insumos					Recursos Próprios				
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)
	(a)	(b)	(c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(f)	(e/d)	(f/d)	(g)	(h)	(i)	(h/g)	(i/g)
RO	5,0	5,0	0,0	-	(100,0)	80,0	80,0	70,0	-	(12,5)	15,0	15,0	30,0	-	100,0
TO	50,0	38,0	35,3	(24,0)	(29,4)	31,0	42,0	12,6	35,5	(59,4)	19,0	20,0	52,1	5,3	174,2
PI	75,0	75,0	50,0	-	(33,3)	10,0	10,0	30,0	-	200,0	15,0	15,0	20,0	-	33,3
MT	19,0	20,0	15,2	5,3	(20,0)	44,0	43,0	54,4	(2,3)	23,6	37,0	37,0	30,4	-	(17,8)
MS	42,0	46,0	40,1	9,5	(4,5)	43,0	38,0	37,8	(11,6)	(12,1)	15,0	16,0	22,1	6,7	47,3
GO	46,0	48,0	75,0	4,3	63,0	23,0	22,0	14,0	(4,3)	(39,1)	31,0	30,0	11,0	(3,2)	(64,5)
MG	50,0	50,0	55,3	-	10,6	26,0	27,0	24,3	3,8	(6,5)	24,0	23,0	20,4	(4,2)	(15,0)
SP	55,0	55,0	51,7	-	(6,0)	25,0	25,0	25,6	-	2,4	20,0	20,0	22,7	-	13,5
PR	46,0	45,0	38,5	(2,2)	(16,3)	23,0	20,0	22,0	(13,0)	(4,3)	31,0	35,0	39,5	12,9	27,4
SC	54,0	53,0	58,3	(1,9)	8,0	32,0	33,0	25,0	3,1	(21,9)	14,0	14,0	16,7	-	19,3
RS	61,0	60,0	77,0	(1,6)	26,2	25,0	25,0	16,0	-	(36,0)	14,0	15,0	7,0	7,1	(50,0)
BRASIL	42,8	41,9	43,6	(2,1)	1,9	31,0	30,5	27,4	(1,6)	(11,6)	26,2	27,6	29,0	5,3	10,7

Fonte: Conab

Nota: Levantamento dezembro/2013

As informações das fontes de financiamento são das safras 11/12, 12/13 e 13/14, o que oferece um bom entendimento de uso do crédito pelo produtor rural. Em média, observa-se que os créditos oriundos das instituições financeiras são a maioria (42,8, 41,9 e 43,6%). Em seguida, os fornecedores de insumos se apresentam como uma fonte segura de crédito (31,0, 30,5 e 27,4%). Por fim, a utilização de recursos próprios tem um percentual que chama a atenção pela sua dimensão (26,2, 27,6 e 29,0%).

Observando as 03 safras, pode-se comentar que houve um ligeiro aumento no uso de crédito bancário e uma redução do uso de recursos de fornecedores de insumo. Deve-se destacar o aumento do uso de recursos próprios pelos produtores.

Analisando as informações da Região Centro-Oeste, observa-se que no Mato Grosso, o uso de recursos de fornecedores de insumos (54,4%) é superior às demais fontes, diferente da média nacional (26,8%). A fonte de recursos próprios (30,4%) é também superior àquela oriunda dos agentes financeiros (15,2%). Observa-se que há redução no uso de recursos bancários e próprios e aumento na utilização de crédito de fornecedores de insumo.

No estado de Goiás pode-se perceber que nesta safra houve forte redução dos percentuais até então existentes na fonte de recursos próprios e da dependência de crédito dos fornecedores de insumos, com transferência para o financiamento bancário, o que era a tendência observada nas safras anteriores.

No Mato Grosso do Sul, o que aumenta na safra 13/14 é o uso de recursos próprios (47,3%) e se observa a redução dos financiamentos pelo setor bancário (4,5%) e de fornecedores de insumos (9,5%).

Na Região Norte, as informações de Tocantins nos apresentam com forte queda na utilização dos financiamentos oriundos dos fornecedores de insumo (59,4%) e aumento

no uso de recursos próprios (174,2%).

Em Rondônia, a tendência é a mesma, queda dos financiamentos oriundos dos fornecedores de insumos (12,5%) e aumento no uso de recursos próprios (100%)

No estado do Piauí, único com pesquisa completa na Região Nordeste, observa-se o aumento do uso de recursos de fornecedores de insumos (200%) e de recursos próprios (33,3%) para o plantio da safra 13/14. Houve redução na fonte de bancos no financiamento agrícola (33,3%).

Na Região Sudeste, os estados de Minas Gerais e São Paulo apresentam pequenas alterações no percentual de uso de recursos das 03 fontes de financiamento, com destaque para os financiamentos bancários com aproximadamente 53% de atendimento da demanda.

Na Região Sul, a fonte de recursos de fornecedores de insumos tem se mantido constante no estado do Paraná, mas há uma transferência da utilização da fonte bancária para o uso de recursos próprios no financiamento da produção.

Em Santa Catarina, observa-se que na safra atual há o aumento do uso de recursos da fonte do sistema financeiro e de financiamento próprio, com redução da utilização da fonte dos fornecedores de insumo.

No Rio Grande do Sul, o uso de recursos das instituições financeiras destaca-se das demais fontes de financiamento, sendo que nesta safra houve forte transferência das fontes de fornecedores de insumos e de recursos próprios para os financiamentos bancários.

Soja

Tabela 9 - Percentual de obtenção de crédito de custeio para a cultura da soja

UF	FINANCIAMENTO/CRÉDITO														
	Banco					Fornecedores de Insumos					Recursos Próprios				
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Var. (%)	Var. (%)
	(a)	(b)	(c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(f)	(e/d)	(f/d)	(g)	(h)	(i)	(h/g)	(i/g)
RO	20,0	20,0	20,0	-	-	60,0	60,0	60,0	-	-	20,0	20,0	20,0	-	-
TO	37,0	32,0	49,5	(13,5)	33,8	46,0	60,0	34,8	30,4	(24,3)	17,0	8,0	15,7	(52,9)	(7,6)
PI	70,0	70,0	50,0	-	(28,6)	20,0	20,0	30,0	-	50,0	10,0	10,0	20,0	-	100,0
MT	23,0	23,0	23,1	-	0,4	47,0	46,0	51,2	(2,1)	8,9	30,0	31,0	25,7	3,3	(14,3)
MS	42,0	46,0	39,4	9,5	(6,2)	44,0	40,0	37,1	(9,1)	(15,7)	14,0	14,0	23,5	-	67,9
GO	52,0	52,0	57,0	-	9,6	30,0	31,0	32,0	3,3	6,7	18,0	17,0	11,0	(5,6)	(38,9)
MG	32,0	33,0	35,3	3,1	10,3	46,0	45,0	47,3	(2,2)	2,8	22,0	22,0	17,4	-	(20,9)
SP	59,0	63,0	54,7	6,8	(7,3)	29,0	23,0	27,7	(20,7)	(4,5)	12,0	14,0	17,6	16,7	46,7
PR	49,0	46,0	45,6	(6,1)	(6,9)	20,0	21,0	19,9	5,0	(0,5)	31,0	33,0	34,5	6,5	11,3
SC	48,0	46,0	50,0	(4,2)	4,2	35,0	36,0	29,1	2,9	(16,9)	17,0	18,0	20,9	5,9	22,9
RS	52,0	51,0	57,0	(1,9)	9,6	32,0	32,0	23,0	-	(28,1)	16,0	17,0	20,0	6,3	25,0
BRASIL	41,0	40,5	43,5	(1,2)	6,1	35,7	35,7	32,3	-	(9,5)	23,3	23,8	24,2	2,1	3,9

Fonte: Conab

Nota: Levantamento dezembro/2013

As informações também são das safras 11/12, 12/13 e 13/14. Em média, observa-se que os créditos oriundos das instituições financeiras são a maioria (41,1, 40,6 e 43,5%). Os fornecedores de insumos se apresentam como uma fonte segura de crédito para (35,6, 35,5 e 32,2%) dos produtores. A utilização de recursos próprios tem um percentual que chama a atenção pela sua dimensão (23,3, 23,8 e 24,2%).

Analisando as informações da Região Centro-Oeste, observa-se que o Mato Grosso o uso de recursos de fornecedores de insumos (51,2%) é superior às demais fontes. A fonte de recursos próprios (25,7%) é um pouco acima daquela oriunda dos agentes financeiros (23,1%).

Nos estados de Goiás pode-se perceber que nesta safra houve queda no uso de recursos próprios (38,9%). A fonte de crédito dos fornecedores de insumos e o financiamento bancário teve aumento na sua utilização (6,7 e 9,6%, respectivamente). No Mato Grosso do Sul, o que aumenta na safra 13/14 é o uso de recursos próprios (67,9%) e se percebe a redução dos financiamentos pelo setor bancário (6,2%) e pelos fornecedores de insumos (15,7%).

Na Região Norte, as informações de Tocantins nos apresentam com forte queda na

utilização dos financiamentos oriundos dos fornecedores de insumos (24,3%) e recursos próprios (7,6%) e aumento no uso de financiamentos bancários (33,8%). Para Rondônia, não há alteração no uso das diferentes fontes de crédito.

No estado do Piauí, pode-se observar que houve aumento no uso de recursos de fornecedores de insumos (50,0%) e de recursos próprios (100%), para o plantio da safra 13/14, com razoável perda percentual na fonte de bancos no financiamento agrícola (28,6%).

Na Região Sudeste, o estado de Minas Gerais apresenta dependência dos produtores de soja para com os fornecedores de insumos (47,3%). Nesta safra se observa uma redução no uso dos recursos próprios (20,9%) e de pequeno aumento na utilização do sistema financeiro (10,3%).

Em São Paulo, o que prevalece é a utilização dos financiamentos bancários (54,7%). Nesta safra há uma elevação no uso do crédito próprio (46,7%).

Na Região Sul, as fontes de recursos a partir de fornecedores de insumos para o plantio têm se mantido constante no estado do Paraná, mas há um aumento no uso dos recursos próprios (11,3%) e redução em financiamentos bancários (6,9%).

Em Santa Catarina, observa-se que na safra atual há o aumento do uso de recursos da fonte do sistema financeiro (4,2%) e de financiamento próprio (22,9%), com redução da utilização da fonte dos fornecedores de insumos (16,9%).

No Rio Grande do Sul, o uso de recursos das instituições financeiras é a principal fonte de financiamento da safra agrícola (57,0%). Na presente safra observa-se o aumento do uso da fonte bancária (9,6%) e dos recursos próprios (25,0%) e na redução da dependência dos financiamentos dos fornecedores de insumos (28,1%).

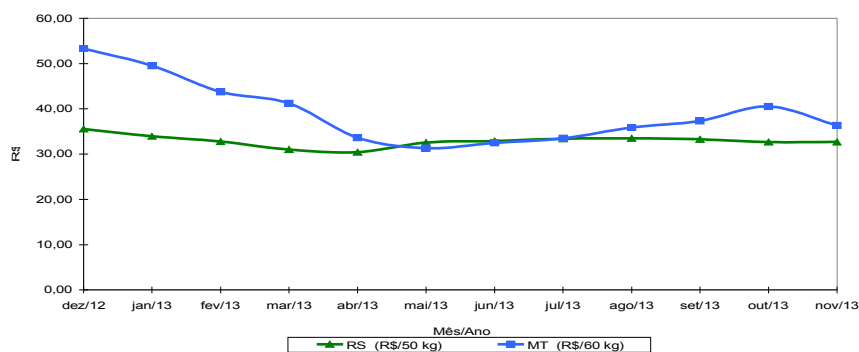
9. Preços agropecuários

Os preços orientam as decisões dos produtores agropecuários. É uma variável que pode estimular ou reduzir a produção de um bem e contribuem para a elaboração, implementação e avaliação de políticas públicas.

Para conhecimento do comportamento dos preços dos principais produtos agropecuários, a Conab disponibiliza na sua página eletrônica, série de preços, no mercado interno e externo. Podem ser acessados em www.conab.gov.br - destaque no portal principal.

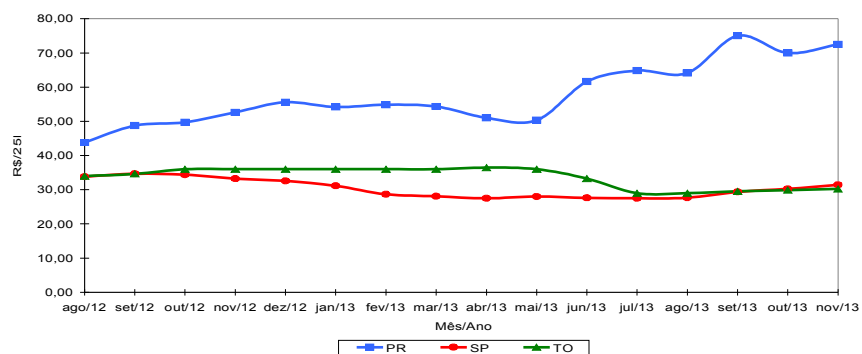
Abaixo, o comportamento dos preços recebidos pelos produtores, das principais culturas.

Gráfico 1 - Preço pago ao produtor - Arroz



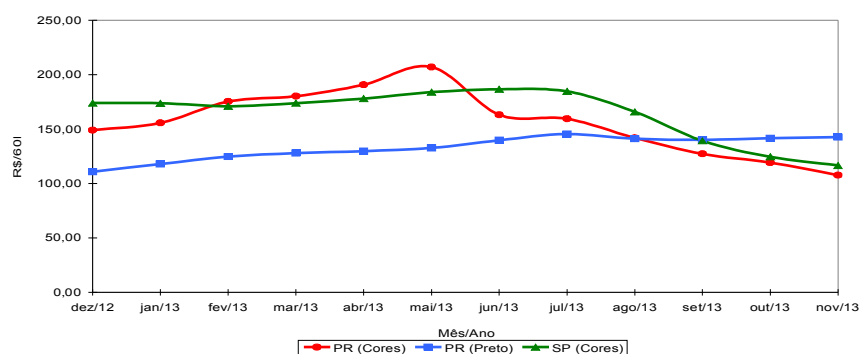
Fonte: Conab.

Gráfico 2 - Preço pago ao produtor - Amendoim



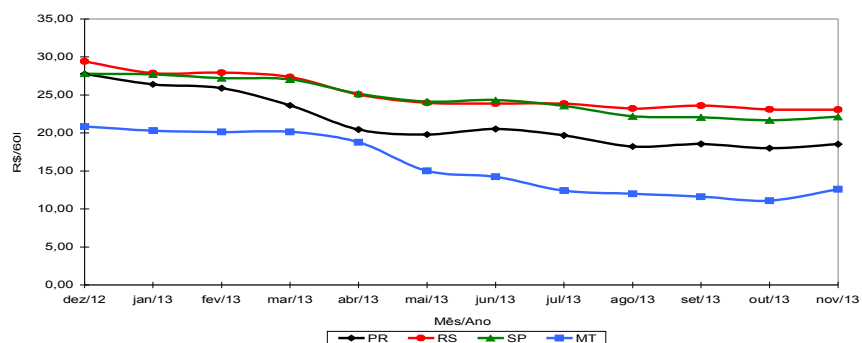
Fonte: Conab.

Gráfico 3 - Preço pago ao produtor - Feijão



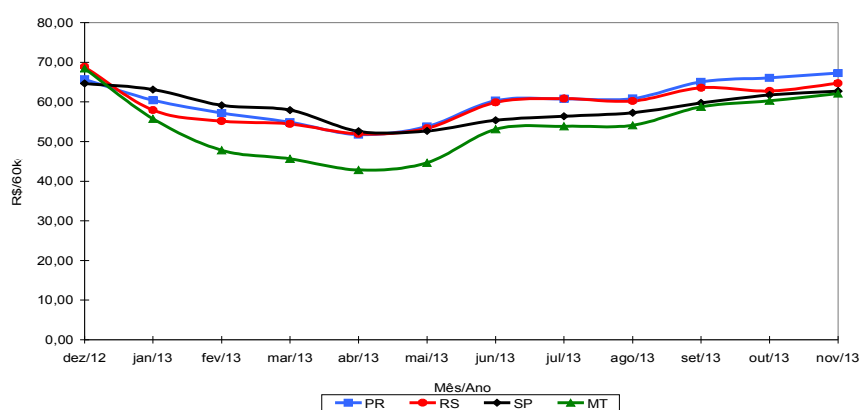
Fonte: Conab.

Gráfico 4 - Preço pago ao produtor - Milho



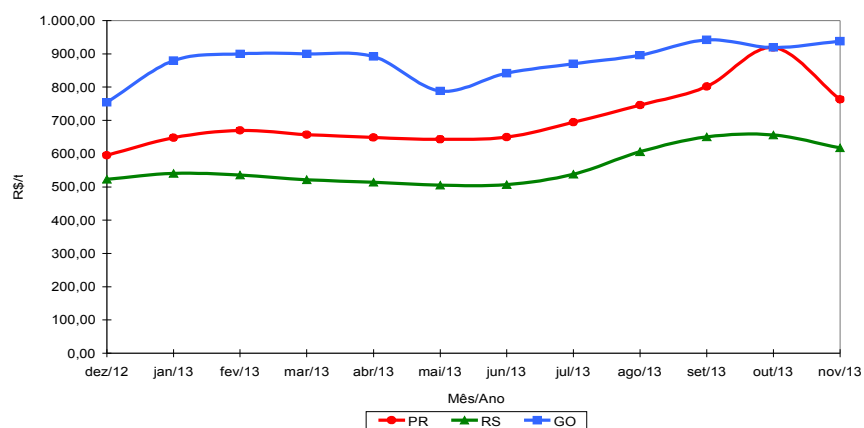
Fonte: Conab.

Gráfico 5 - Preço pago ao produtor - Soja



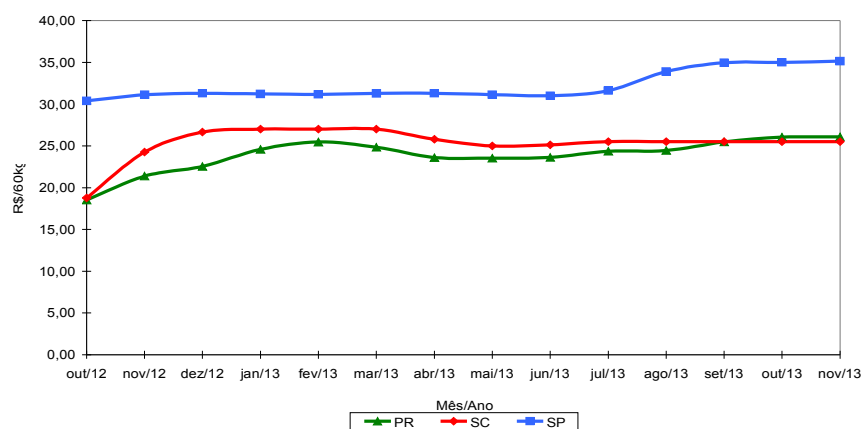
Fonte: Conab.

Gráfico 6 - Preço pago ao produtor - Trigo



Fonte: Conab.

Gráfico 7 - Preço pago ao produtor - Triticale

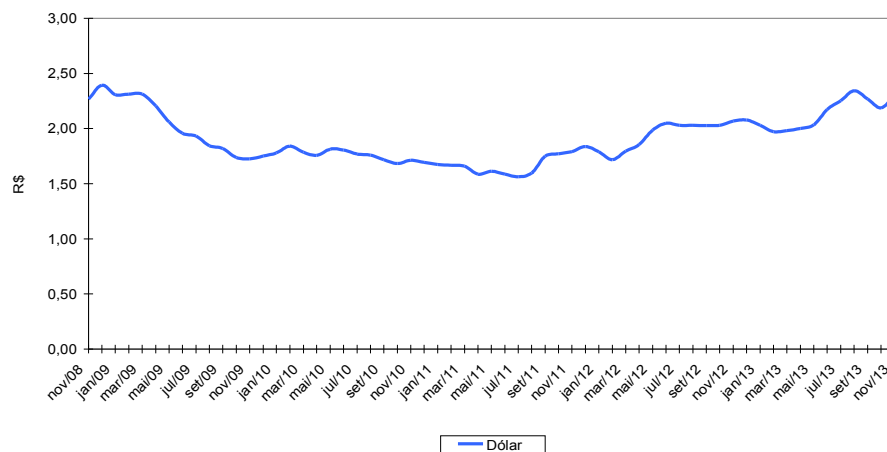


Fonte: Conab.

10. Câmbio

O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco às *commodities*. Abaixo, as cotações de venda do dólar americano no período de 2008 a 2013.

Gráfico 8 - Câmbio dólar - Venda



Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: Período de novembro/2008 a novembro/2013.

11. Exportação de arroz, milho e do complexo soja e importação de trigo

As exportações de milho e do complexo soja fazem parte do processo de análise dos produtores na tomada de decisão para o plantio. Segue, para conhecimento, informações a respeito das exportações.

Tabela 10 - Exportações brasileiras de milho

Ano	Exportações		Variação (%)		Preço Médio	
	Mil US\$	Toneladas	Valor	Quant.	US\$/t	Var. (%)
2002	259.945	2.739.766	-	-	95	-
2003	369.623	3.561.801	42,2%	30,0%	104	9,4%
2004	581.869	5.018.604	57,4%	40,9%	116	11,7%
2005	102.095	1.058.393	-82,5%	-78,9%	96	-16,8%
2006	460.108	3.924.552	350,7%	270,8%	117	21,5%
2007	1.882.114	10.914.634	309,1%	178,1%	172	47,1%
2008	1.321.950	6.370.665	-29,8%	-41,6%	208	20,3%
2009	1.258.794	7.765.370	-4,8%	21,9%	162	-21,9%
2010	2.136.822	10.792.581	69,8%	39,0%	198	22,1%
2011	2.624.526	9.459.471	22,8%	-12,4%	277	40,1%
2012	5.287.267	19.775.331	101,5%	109,1%	267	-3,6%

Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Elaboração: MAPA/SPI/DPI

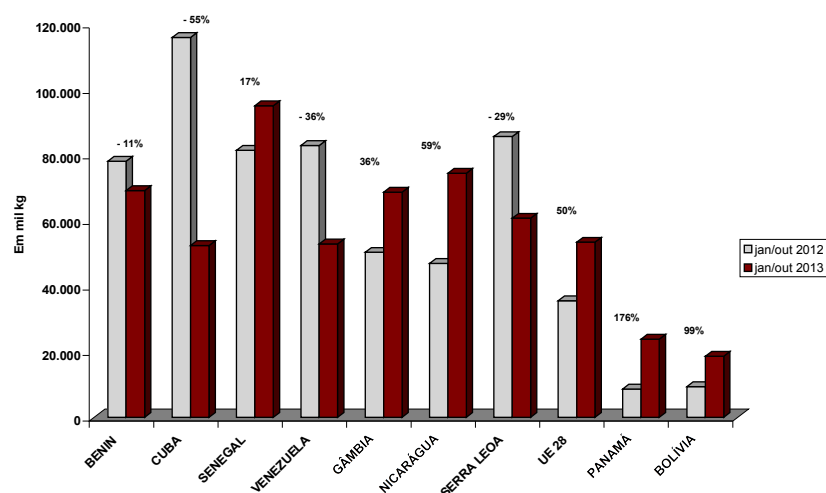
Tabela 11 - Exportações brasileiras do complexo soja

Ano	Complexo Soja		Variação (%)		Preço Médio	
	Mil US\$	Toneladas	Valor	Quant.	US\$/t	Var. (%)
2002	6.006.195	30.413.249	-	-	197	-
2003	8.122.103	35.969.796	35,2%	18,3%	226	14,3%
2004	10.041.490	36.240.405	23,6%	0,8%	277	22,7%
2005	9.473.586	39.549.378	-5,7%	9,1%	240	-13,5%
2006	9.308.112	39.702.641	-1,7%	0,4%	234	-2,1%
2007	11.381.459	38.541.225	22,3%	-2,9%	295	26,0%
2008	17.980.184	39.098.238	58,0%	1,4%	460	55,7%
2009	17.239.708	42.394.703	-4,1%	8,4%	407	-11,6%
2010	17.107.048	44.296.851	-0,8%	4,5%	386	-5,0%
2011	24.139.420	49.069.750	41,1%	10,8%	492	27,4%
2012	26.114.125	48.956.010	8,2%	-0,2%	533	8,4%

Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

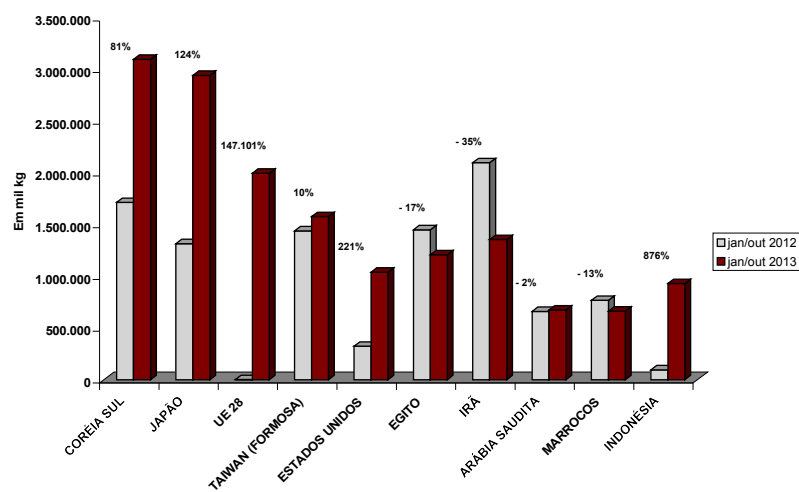
Elaboração: MAPA/SPI/DPI

Gráfico 9 - Exportação brasileira de arroz - Principais países importadores



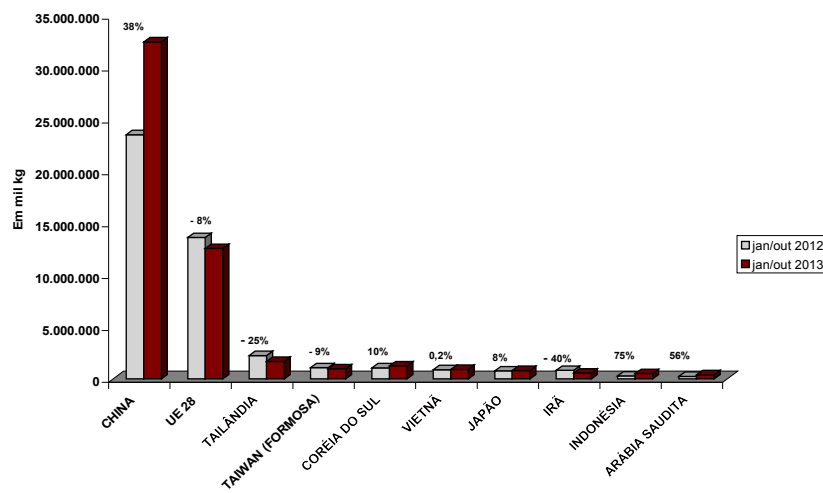
Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Gráfico 10 - Exportação brasileira de milho - Principais países importadores



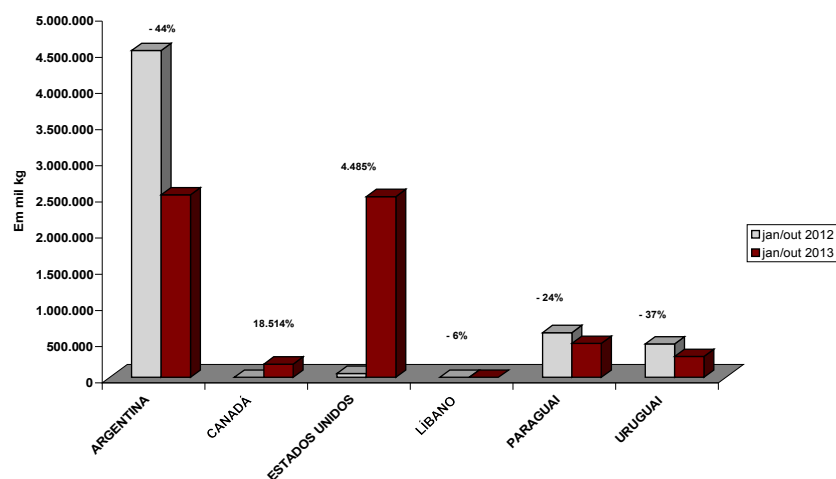
Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Gráfico 11 - Exportação brasileira do complexo soja - Principais países importadores



Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Gráfico 12 - Importação brasileira do trigo - Principais países exportadores



Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

12. Análise das culturas

Algodão

O terceiro levantamento para a safra 2013/14 registra uma área a ser cultivada com algodão no país em 1.076,9 mil hectares (Tabela 9), 20,4% superior aos 894,3 mil hectares cultivados na safra 2012/13, este resultado representa um acréscimo de 182,6 mil hectares em relação à safra anterior.

Em Mato Grosso, que responde por mais de 60,0% da produção brasileira, apresentou incremento de 24,5%, com a área passando para 591,7 mil hectares, ante os 475,3 mil hectares cultivados na safra anterior. O estado da Bahia, segundo na produção nacional, apareceu na pesquisa com incremento de área de 18,0%, saindo de 271,4 mil hectares cultivados na safra passada, para 320,3 mil hectares na safra atual. No estado de Goiás, a área cresce 14%, passando para 52,6 mil hectares. Há também importante tendência de incrementos de área em São Paulo, Minas Gerais e nos estados da Região Norte/Nordeste.

Fatores como: a recuperação dos preços internos ao longo de 2013, favorecida pela oferta mais restrita, a elevação dos preços no mercado externo com tendência de permanecerem em patamares favoráveis, os atuais níveis de preços de mercado das commodities concorrentes, notadamente milho, justificam o referido incremento na área plantada com algodão no país.

O plantio ocorre a partir da segunda quinzena de outubro em São Paulo, Paraná e sul de Mato Grosso do Sul. Em Mato Grosso, maior estado produtor, o plantio ocorre em dois períodos: o da primeira safra, semeado preferencialmente no mês de dezembro e o da segunda safra, nos meses de janeiro e fevereiro. Nas demais regiões produtoras a semeadura ocorre nos meses de novembro e dezembro, podendo prolongar-se até janeiro, como são os casos de Goiás e a região de Barreiras (BA). O algodão irrigado cultivado no oeste da Bahia é plantado nos meses de janeiro e fevereiro.

Se configurado o quadro atual, e as condições de clima ao longo do ciclo da cultura permanecerem estáveis, haverá incremento na produção de algodão em pluma na ordem de 327,8 mil toneladas, devendo totalizar 1.638,1 mil toneladas.

Oferta e demanda

A mais recente pesquisa de campo realizada pela Conab na última semana de novembro/13 aponta para um volume de produção da ordem de 1.638,1 mil toneladas de

pluma, portanto, ligeiramente superior ao que foi anunciado no levantamento precedente. A perspectiva de aferição de que a receita financeira supere o custo de produção já que os indicadores de preços atuais e futuros para a venda da fibra são considerados satisfatórios, vem levando os produtores a incrementar a área de plantio e consequentemente a produção.

Torna-se oportuno ressaltar que, ao contrário do que ocorreu na safra passada, o algodão aparece como melhor alternativa de plantio em relação ao milho segunda safra para alguns estados da Região Centro-Oeste, notadamente Mato Grosso, se considerar a perspectiva de melhor retorno financeiro.

Com relação aos números de exportação, a Conab não efetuou ajustes, permanecendo, assim, o indicativo de embarque de 560,0 mil toneladas para o ano de 2013, pois o volume total embarcado no período de janeiro a novembro/13 somou 527,6 mil toneladas, resultando em um remanescente a ser exportado de aproximadamente 32.400 toneladas de pluma.

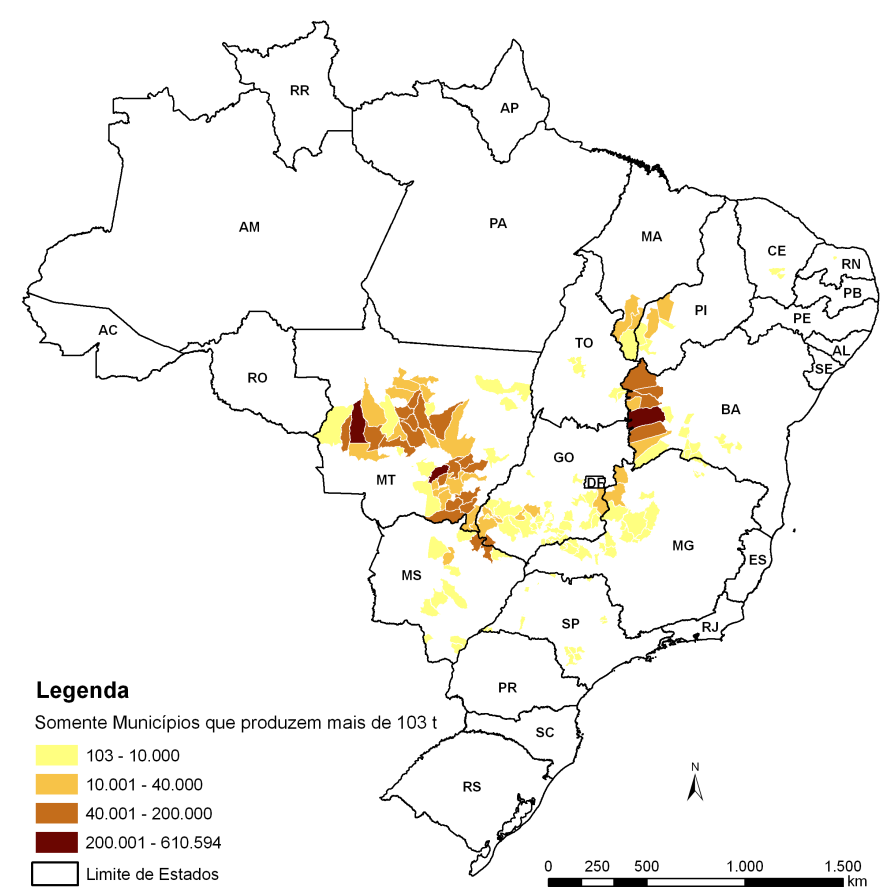
As vendas realizadas pelos produtores para exportação direta e exportação com opção para o mercado interno, registradas na Bolsa Brasileira de Mercadorias (BBM) no acumulado de janeiro/novembro/13 indicam um desempenho inferior em cerca de 11,0%, quando comparado com o mesmo período do ano passado, em que pese o indicativo de produção da safra que se inicia indicar superioridade ao volume colhido na safra passada. Neste sentido, o novo prognóstico de embarques projetado pela Conab para o próximo exercício de 2014 permanece inalterado em relação ao que foi divulgado no mês anterior, ou seja, na casa das 540,0 mil toneladas.

A pluma a ser colhida no mercado doméstico na safra vindoura deverá ser suficiente para abastecer as necessidades de consumo da indústria têxtil nacional, ora avaliada em 920,0 mil toneladas e suprir parte da demanda internacional. Desta forma, conclui-se, em princípio, que não deverão ocorrer pressões extras por importações. Por conta disto, a Conab projeta que o volume de pluma a ser internalizado no ano de 2014 deverá ficar próximo de 25,0 mil toneladas.

Considerando a atual conjuntura, a configuração do quadro de suprimento estimado para 2014 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) situa-se em 2.047,0 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) é estimada em 1.460 mil toneladas.

Como resultado final, tem-se uma previsão de estoque de passagem no encerramento do exercício de 2013 estimado em 383,9 mil toneladas de pluma, que equivale a 3,2 meses de consumo. Quanto a 2014, verifica-se que a partir de um volume de produção maior haverá naturalmente uma recomposição dos estoques de passagem, devendo totalizar cerca de 587,0 mil toneladas de pluma; quantidade suficiente para suprir a demanda da indústria nacional no período de entressafra e mais exportações por um período aproximado de 4,8 meses.

Figura 12 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 13 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

Algodão (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P	P		C	C	C	C	
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	
PI			P	P	P				C	C	C	
CE	C			P	P	P			C	C	C	C
RN				P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P		C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P				C	C	C	C	C
MS			P	P				C	C	C		
GO		P	P	P				C	C	C	C	C
Sudeste												
MG		P	P	P				C	C	C	C	C
SP	P	P	P			C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Tabela 12 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	8,5	41,7	3.150	3.610	14,6	18,9	30,7	62,4
TO	6,0	8,5	42,2	3.150	3.610	14,6	18,9	30,7	62,4
NORDESTE	300,8	351,8	17,0	3.351	3.884	15,9	1.008,0	1.366,5	35,6
MA	16,7	18,2	9,0	3.970	3.970	-	66,3	72,3	9,0
PI	11,4	12,0	5,1	3.270	3.660	11,9	37,3	43,9	17,7
CE	0,9	0,9	-	295	655	122,0	0,3	0,6	100,0
RN	0,1	0,1	-	3.000	3.000	-	0,3	0,3	-
PB	0,1	0,1	-	300	615	105,0	-	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	380	540	42,1	-	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	320	390	21,9	-	-	-
BA	271,4	320,3	18,0	3.330	3.900	17,1	903,8	1.249,2	38,2
CENTRO-OESTE	560,9	684,2	22,0	3.943	3.854	(2,3)	2.211,6	2.636,7	19,2
MT	475,3	591,7	24,5	3.915	3.825	(2,3)	1.860,8	2.263,3	21,6
MS	39,5	39,9	1,0	4.365	4.125	(5,5)	172,4	164,6	(4,5)
GO	46,1	52,6	14,0	3.870	3.970	2,6	178,4	208,8	17,0
SUDESTE	25,8	31,5	22,1	3.429	3.701	7,9	88,5	116,5	31,6
MG	20,0	21,3	6,5	3.375	3.720	10,2	67,5	79,2	17,3
SP	5,8	10,2	75,0	3.615	3.660	1,2	21,0	37,3	77,6
SUL	0,8	0,9	12,5	2.625	2.375	(9,5)	2,1	2,1	-
PR	0,8	0,9	12,5	2.625	2.375	(9,5)	2,1	2,1	-
NORTE/NORDESTE	306,8	360,3	17,4	3.347	3.878	15,8	1.026,9	1.397,2	36,1
CENTRO-SUL	587,5	716,6	22,0	3.919	3.845	(1,9)	2.302,2	2.755,3	19,7
BRASIL	894,3	1.076,9	20,4	3.723	3.856	3,6	3.329,1	4.152,5	24,7

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Tabela 13 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	8,5	41,7	1.213	1.390	14,6	7,3	11,8	61,6
TO	6,0	8,5	42,2	1.213	1.390	14,6	7,3	11,8	61,6
NORDESTE	300,8	351,8	17,0	1.323	1.544	16,7	397,9	543,1	36,5
MA	16,7	18,2	9,0	1.568	1.568	-	26,2	28,5	8,8
PI	11,4	12,0	5,1	1.275	1.427	11,9	14,5	17,1	17,9
CE	0,9	0,9	-	103	229	122,3	0,1	0,2	100,0
RN	0,1	0,1	-	1.050	1.050	-	0,1	0,1	-
PB	0,1	0,1	-	105	215	104,8	-	-	-
PE	0,1	0,1	-	133	189	42,1	-	-	-
AL	0,1	0,1	-	112	137	22,3	-	-	-
BA	271,4	320,3	18,0	1.315	1.552	18,0	357,0	497,2	39,3
CENTRO-OESTE	560,9	684,2	22,0	1.551	1.515	(2,3)	869,7	1.036,8	19,2
MT	475,3	591,7	24,5	1.539	1.503	(2,3)	731,3	889,5	21,6
MS	39,5	39,9	1,0	1.724	1.629	(5,5)	68,1	65,0	(4,6)
GO	46,1	52,6	14,0	1.525	1.564	2,6	70,3	82,3	17,1
SUDESTE	25,8	31,5	22,1	1.341	1.449	8,1	34,6	45,6	31,8
MG	20,0	21,3	6,5	1.316	1.451	10,3	26,3	30,9	17,5
SP	5,8	10,2	75,0	1.428	1.446	1,3	8,3	14,7	77,1
SUL	0,8	0,9	12,5	1.000	903	(9,8)	0,8	0,8	-
PR	0,8	0,9	12,5	998	903	(9,5)	0,8	0,8	-
NORTE/NORDESTE	306,8	360,3	17,4	1.321	1.540	16,6	405,2	554,9	36,9
CENTRO-SUL	587,5	716,6	22,0	1.541	1.512	(1,9)	905,1	1.083,2	19,7
BRASIL	894,3	1.076,9	20,4	1.465	1.521	3,8	1.310,3	1.638,1	25,0

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Tabela 14 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carvão de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	8,5	41,7	1.937	2.220	14,6	11,6	18,9	62,9
TO	6,0	8,5	42,2	1.937	2.220	14,6	11,6	18,9	62,9
NORDESTE	300,8	351,8	17,0	2.028	2.340	15,4	610,1	823,4	35,0
MA	16,7	18,2	9,0	2.402	2.402	-	40,1	43,8	9,2
PI	11,4	12,0	5,1	1.995	2.233	11,9	22,8	26,8	17,5
CE	0,9	0,9	-	192	426	121,9	0,2	0,4	100,0
RN	0,1	0,1	-	1.950	1.950	-	0,2	0,2	-
PB	0,1	0,1	-	195	400	105,1	-	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	247	351	42,1	-	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	208	254	22,1	-	-	-
BA	271,4	320,3	18,0	2.015	2.348	16,5	546,8	752,0	37,5
CENTRO-OESTE	560,9	684,2	22,0	2.392	2.338	(2,3)	1.341,9	1.599,9	19,2
MT	475,3	591,7	24,5	2.376	2.322	(2,3)	1.129,5	1.373,8	21,6
MS	39,5	39,9	1,0	2.641	2.496	(5,5)	104,3	99,6	(4,5)
GO	46,1	52,6	14,0	2.345	2.406	2,6	108,1	126,5	17,0
SUDESTE	25,8	31,5	22,1	2.088	2.251	7,8	53,9	70,9	31,5
MG	20,0	21,3	6,5	2.059	2.269	10,2	41,2	48,3	17,2
SP	5,8	10,2	75,0	2.187	2.214	1,2	12,7	22,6	78,0
SUL	0,8	0,9	12,5	1.628	1.473	(9,5)	1,3	1,3	-
PR	0,8	0,9	12,5	1.628	1.473	(9,5)	1,3	1,3	-
NORTE/NORDESTE	306,8	360,3	17,4	2.026	2.337	15,4	621,7	842,3	35,5
CENTRO-SUL	587,5	716,6	22,0	2.378	2.333	(1,9)	1.397,1	1.672,1	19,7
BRASIL	894,3	1.076,9	20,4	2.257	2.335	3,5	2.018,8	2.514,4	24,5

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Amendoim primeira safra

São Paulo é o maior produtor de amendoim primeira safra, responsável por 89,92% da produção do país na safra 2012/13. O amendoim deve ter, no estado, sua área aumentada nesta safra em 4,9%. Os produtores estão considerando atrativos os preços atuais, tanto interna como externamente. Grande parte do amendoim plantado (80%) é o Ranner, altamente produtivo, o qual tem sua produção destinada aos mercados europeus. Este amendoim está sendo vendido ao mercado interno em torno de R\$ 28,00 sc/25kg e ao mercado externo entre US\$ 1.500/1.700 a tonelada, considerado remunerador em função do dólar elevado. Estima-se que a produção nacional alcance 313,3 mil toneladas, 2,2% maior do que a safra passada.

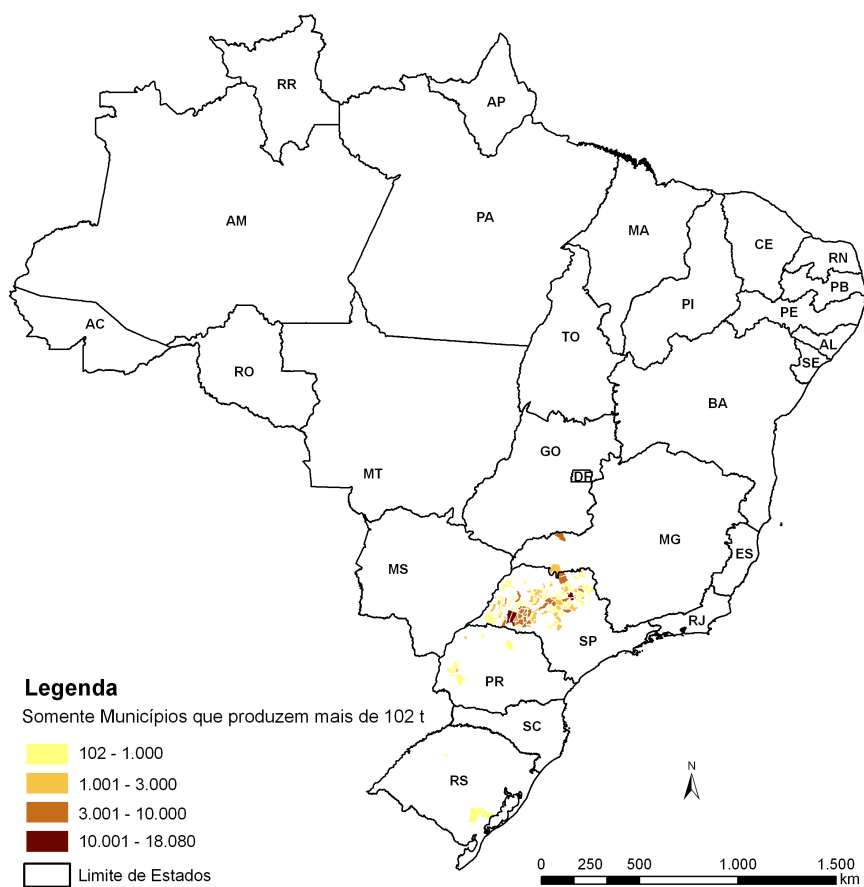
Tabela 15 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	80,5	84,2	4,6	3.660	3.569	(2,5)	294,7	300,5	2,0
MG	2,9	2,8	(3,4)	3.379	3.450	2,1	9,8	9,7	(1,0)
SP	77,6	81,4	4,9	3.671	3.573	(2,7)	284,9	290,8	2,1
SUL	5,8	6,0	3,4	2.084	2.139	2,6	12,0	12,8	6,7
PR	2,4	2,6	10,0	2.850	2.893	1,5	6,8	7,5	10,3
RS	3,4	3,4	-	1.544	1.563	1,2	5,2	5,3	1,9
NORTE/NORDESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-SUL	86,3	90,2	4,5	3.555	3.474	(2,3)	306,7	313,3	2,2
BRASIL	86,3	90,2	4,5	3.555	3.474	(2,3)	306,7	313,3	2,2

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Figura 14 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

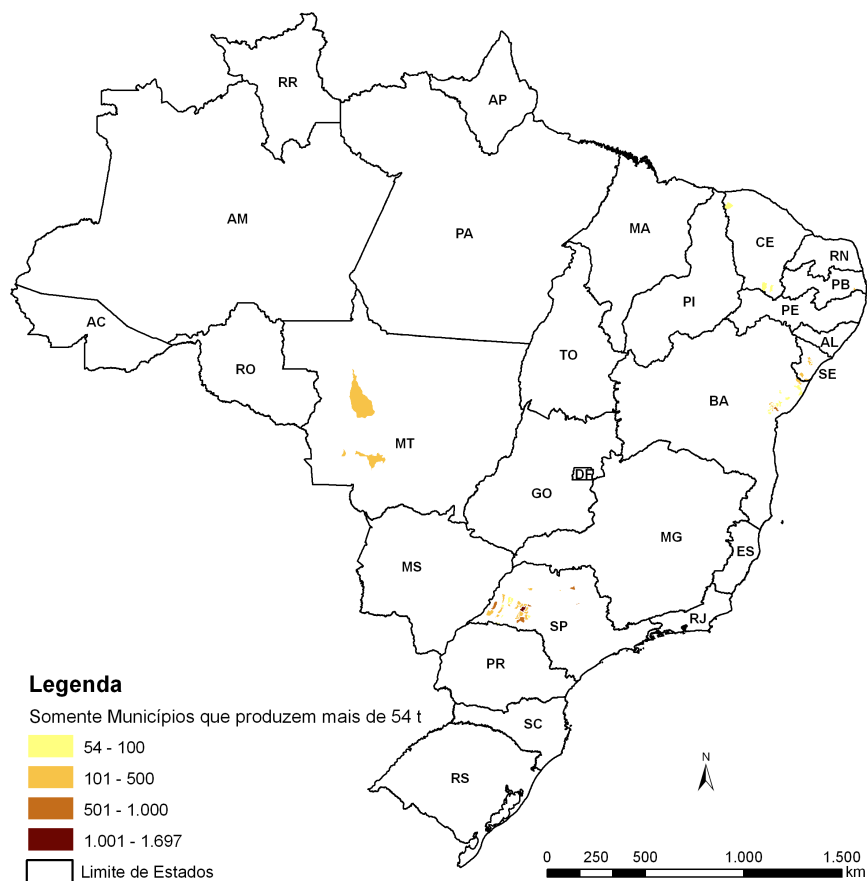
Figura 15 - Calendário de plantio e colheita - Amendoim primeira safra

UF/Região	Amendoim 1º safra (plantio-colheita)											
	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Amendoim segunda safra

Figura 16 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 17 - Calendário de plantio e colheita - Amendoim segunda safra

Amendoim 2º safra (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P		C	C	C	C			
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Tabela 16 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim segunda safra

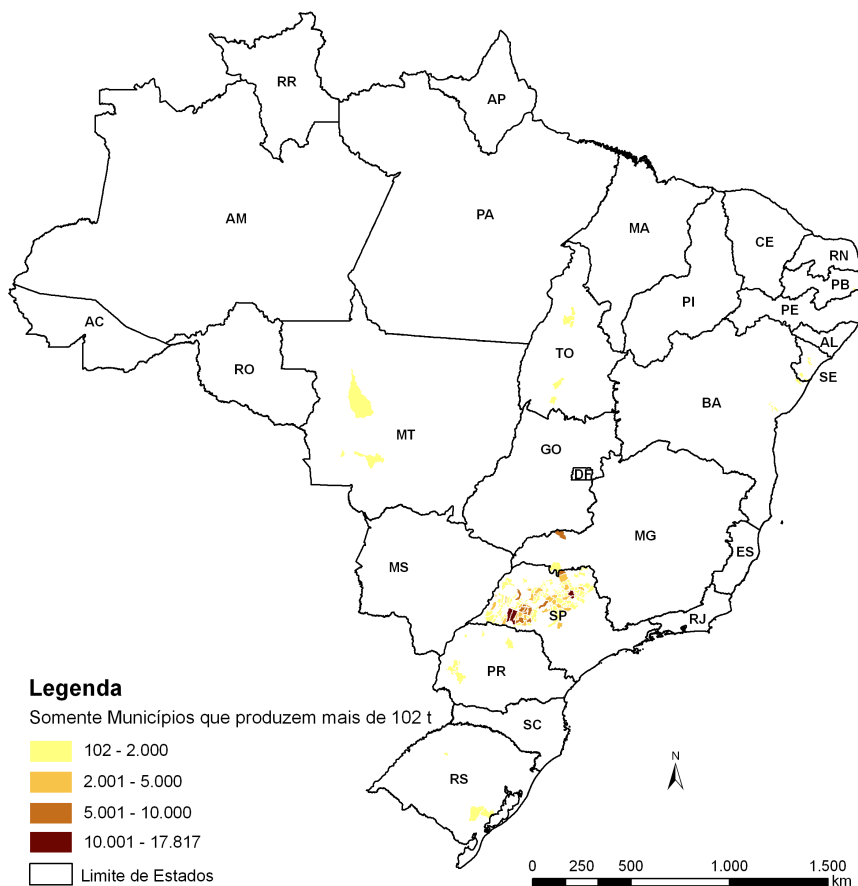
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1,5	1,6	6,7	3.969	2.873	(27,6)	6,0	4,6	(23,3)
TO	1,5	1,6	4,7	3.969	2.873	(27,6)	6,0	4,6	(23,3)
NORDESTE	5,7	5,7	-	915	916	0,1	5,2	5,2	-
CE	1,1	1,1	-	270	275	1,9	0,3	0,3	-
PB	0,5	0,5	-	800	800	-	0,4	0,4	-
SE	1,1	1,1	-	1.300	1.300	-	1,4	1,4	-
BA	3,0	3,0	-	1.029	1.029	-	3,1	3,1	-
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.633	2.466	51,0	0,3	0,5	66,7
MT	0,2	0,2	-	1.633	2.466	51,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	2,9	2,9	-	2.806	2.882	2,7	8,1	8,4	3,7
SP	2,9	2,9	-	2.806	2.882	2,7	8,1	8,4	3,7
NORTE/NORDESTE	7,2	7,3	1,4	1.551	1.345	(13,3)	11,2	9,8	(12,5)
CENTRO-SUL	3,1	3,1	-	2.730	2.855	4,6	8,4	8,9	6,0
BRASIL	10,3	10,4	1,0	1.906	1.795	(5,8)	19,6	18,7	(4,6)

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Amendoim total

Figura 18 - Mapa da produção agrícola - Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 17 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1,5	1,6	6,7	3.969	2.873	(27,6)	6,0	4,6	(23,3)
TO	1,5	1,6	6,7	3.969	2.873	(27,6)	6,0	4,6	(23,3)
NORDESTE	5,7	5,7	-	915	916	0,1	5,2	5,2	-
CE	1,1	1,1	-	270	275	1,9	0,3	0,3	-
PB	0,5	0,5	-	800	800	-	0,4	0,4	-
SE	1,1	1,1	-	1.300	1.300	-	1,4	1,4	-
BA	3,0	3,0	-	1.029	1.029	-	3,1	3,1	-
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.633	2.466	51,0	0,3	0,5	66,7
MT	0,2	0,2	-	1.633	2.466	51,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	83,4	87,1	4,4	3.631	3.546	(2,3)	302,8	308,9	2,0
MG	2,9	2,8	(3,4)	3.379	3.450	2,1	9,8	9,7	(1,0)
SP	80,5	84,3		3.640	3.549	(2,5)	293,0	299,2	2,1
SUL	5,8	6,0	3,4	2.084	2.139	2,6	12,0	12,8	6,7
PR	2,4	2,6	8,3	2.850	2.893	1,5	6,8	7,5	10,3
RS	3,4	3,4	-	1.544	1.563	1,2	5,2	5,3	1,9
NORTE/NORDESTE	7,2	7,3	1,4	1.551	1.345	(13,3)	11,2	9,8	(12,5)
CENTRO-SUL	89,4	93,3	4,4	3.526	3.453	(2,1)	315,1	322,2	2,3
BRASIL	96,6	100,6	4,1	3.379	3.300	(2,3)	326,3	332,0	1,7

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Arroz

Neste terceiro levantamento de grãos, a expectativa é que a produção de arroz seja 4,0% maior do que a safra passada, em virtude da expectativa de melhores produtividades na maior parte dos estados produtores, com exceção dos estados onde predomina a cultura de arroz irrigado, uma vez que neste sistema de cultivo a produtividade é pouco influenciada por fatores climáticos.

Corroborando com as expectativas dos dois primeiros levantamentos, quando ainda trabalhávamos com intervalo, porque o produtor ainda estava definindo o real tamanho de sua lavoura, a média de área estimada para o arroz já demonstrava que iria permanecer praticamente a mesma da temporada anterior, ou seja, mantendo os 2,4 milhões de hectares. A Tabela 15 apresenta reduções de área em Minas Gerais, Paraná, Maranhão, Goiás e São Paulo, possivelmente em virtude da expectativa futura de melhores preços da soja, commodity que tem mantido preços atrativos nos últimos meses.

O Mato Grosso deve ter um aumento de 2,0% na sua área plantada, fruto da incorporação de novas áreas agricultáveis, em sua maioria, pastagens degradadas. Essas pastagens não recebem a devida correção da acidez no seu cultivo, o que leva os produtores de grãos a investirem primeiramente no cultivo do arroz em função da sua tolerância à acidez do solo. Depois de uma ou duas safras consecutivas com a cultura, essas áreas estão aptas para serem cultivadas com soja e milho. Isso diminui o custo inicial de implantação, pois, quando se opta por plantar uma cultura susceptível à acidez já no primeiro ano de cultivo, como a soja, há a necessidade de aplicação de calcário e aumento de doses de adubação.

Na Região Sul, apesar da expectativa do Paraná ter uma lavoura 5,8% menor do que a safra 2012/13, Santa Catarina deve manter a área de produção e o Rio Grande do Sul deve aumentar em 4,7%. Esse aumento no Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, é tão significativo, que recupera todos os demais decréscimos no resto do país, reforçando a hipótese de que a área a ser cultivada no país permaneça semelhante a do

ano passado.

Neste estado, a área cultivada com arroz na safra 2013/14, estimada em 1.116,7 mil hectares é 4,7% maior que a cultivada na safra anterior. O acréscimo é devido à disponibilidade de água nos mananciais ser suficiente para irrigação e o preço do produto no mercado cobrindo o custo de produção. Ocorreu concentração de semeadura no mês de outubro, com índice de mais de 80% da área prevista.

Em novembro o excesso de chuvas não permitiu que os produtores concluíssem a semeadura e em pleno mês de dezembro ainda restam mais de 12% para conclusão da implantação da lavoura. Este atraso em parte da semeadura deve acarretar diminuição da produtividade final da lavoura como um todo, prejudicando a previsão de recorde de produção de arroz no Rio Grande do Sul na safra 2013/14. O estágio da lavoura predomina o desenvolvimento vegetativo com 90% e a fase de germinação corresponde a 10% da lavoura já semeada.

Em Santa Catarina, o plantio do arroz que se iniciou em agosto já está concluído, o que é considerado uma normalidade no plantio para o estado, já que o clima foi favorável e permitiu um bom desenvolvimento do plantio. Praticamente a totalidade da cultura está no estágio de desenvolvimento vegetativo (98,3%), estando o restante em fase de germinação (1,7%) e com isso há uma boa expectativa de produtividade, de 7.050 kg/ha, 3,3% maior do que a safra passada. O crédito de custeio foi ofertado pelas instituições financeiras dentro do programado pelos produtores e suficiente para que fossem feitos investimentos tecnológicos nas lavouras.

A oferta de insumos para o plantio está dentro da normalidade em razão do planejamento pelas cooperativas e cerealistas que fornecem os insumos aos produtores. Somente com relação aos custos, em comparação a safra passada, na maioria dos municípios levantados, houve um pequeno aumento nos nitrogenados, adubos, inseticidas e outros agrotóxicos, com isto, elevando o custo da produção.

De modo geral, os produtores estão otimistas ao plantarem esta nova safra em função das boas condições climáticas e especialmente pelas expectativas futuras do mercado ao arroz, que mantém seus preços num patamar mais elevado, ocasionando uma boa remuneração aos produtores, e que estes podem investir mais nas lavouras, especialmente em tecnologia e máquinas.

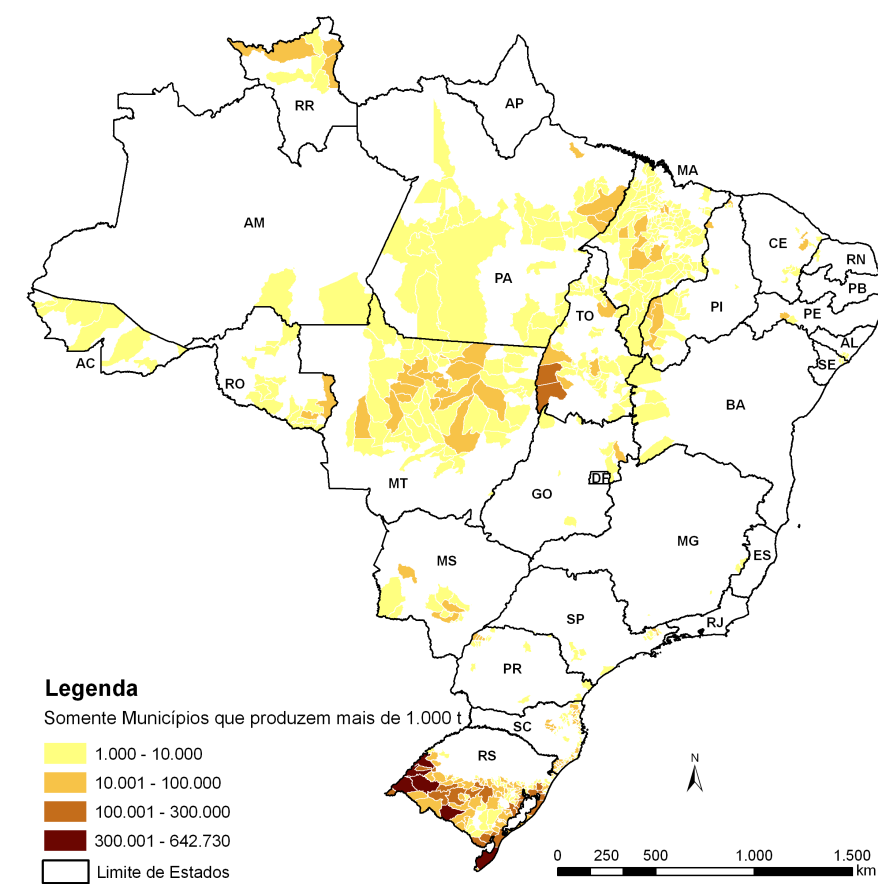
Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em outubro de 2013, foram importadas 44,8 mil toneladas de arroz, sendo apenas 0,8 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 12 de dezembro, a Secex/MDIC não divulgou os dados referentes ao mês de novembro de 2013, por esse motivo, o mês de outubro é a *proxy* utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma redução do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em outubro de 2012, essas aquisições foram de 83,0 toneladas, sendo 0,5 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram uma significativa expansão, devido à desvalorização da moeda nacional, passando de 90,5 mil toneladas em outubro/2012 para 134,2 mil toneladas em outubro/2013.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2012/13, obteve-se um superávit de 387 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.455,2 mil toneladas e o montante importado igual a 1.068 mil toneladas. Entre março até outubro de 2013, primeiros meses de análise do período comercial 2013/14, observa-se um superávit no montante de 7,6 mil toneladas. Com esse resultado, estima-se que – para o período safra 2012/13 – a balança comercial do arroz encerre com um superávit de 100 mil toneladas, sendo as exportações estimadas em 1.100 mil toneladas e as

importações em 1.000 mil toneladas.

Figura 19 - Mapa da produção agrícola - Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 20 - Calendário de plantio e colheita - Arroz

UF/Região	Arroz (plantio-colheita)											
	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA		P	P	P	P	C	C	C	C			
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN		C	C	P/C	P				C	P/C	P/C	
PB				P	P			C	C			
PE						P	P		C	C	C	
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C				
MS	P	P	P		C	C	C					
GO	P	P	P		C	C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C					
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P	C	C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Finalmente, para a próxima safra brasileira 2013/14 de arroz, a produção média deverá ser 4% superior em relação à safra 2012/13, atingindo 12.221,7 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido às boas condições de plantio e o elevado patamar de preços do produto na Região Sul. Logo, com a projeção de manutenção do consumo, da importação e da exportação igual a da safra atual, projeta-se um estoque de passagem de 1.893,6 mil toneladas para a safra 2013/14.

Tabela 18 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	291,9	293,6	0,6	3.530	3.490	(1,1)	1.030,2	1.024,5	(0,6)
RR	20,0	20,0	-	5.452	5.387	(1,2)	109,0	107,7	(1,2)
RO	48,0	48,5	1,0	2.765	2.680	(3,1)	132,7	130,0	(2,0)
AC	13,2	13,2	-	1.326	1.416	6,8	17,5	18,7	6,9
AM	2,9	2,9	-	2.110	2.037	(3,5)	6,1	5,9	(3,3)
AP	2,1	2,1	-	900	1.092	21,3	1,9	2,3	21,1
PA	86,6	86,6	-	2.278	2.153	(5,5)	197,3	186,4	(5,5)
TO	119,1	120,3	1,0	4.750	4.767	0,4	565,7	573,5	1,4
NORDESTE	588,2	570,0	(3,1)	1.271	1.395	9,8	747,3	795,5	6,4
MA	416,2	395,4	(5,0)	1.191	1.200	0,8	495,7	474,5	(4,3)
PI	125,1	127,0	1,5	726	1.158	59,5	90,8	147,1	62,0
CE	22,3	22,3	-	2.426	2.643	8,9	54,1	58,9	8,9
RN	1,1	1,1	-	2.520	2.840	12,7	2,8	3,1	10,7
PB	0,2	0,2	-	96	750	681,3	-	0,2	-
PE	2,5	2,5	-	5.677	5.680	0,1	14,2	14,2	-
AL	3,0	3,0	-	5.877	5.858	(0,3)	17,6	17,6	-
SE	9,9	9,9	-	6.500	6.500	-	64,4	64,4	-
BA	7,9	8,6	9,0	980	1.800	83,7	7,7	15,5	101,3
CENTRO-OESTE	216,5	218,7	1,0	3.223	3.238	0,5	697,7	708,1	1,5
MT	166,3	169,6	2,0	3.175	3.167	(0,3)	528,0	537,1	1,7
MS	15,2	15,5	2,0	6.200	6.200	-	94,2	96,1	2,0
GO	35,0	33,6	(4,0)	2.157	2.230	3,4	75,5	74,9	(0,8)
SUDESTE	44,6	41,0	(8,1)	3.106	3.190	2,7	138,5	130,8	(5,6)
MG	22,8	20,5	(10,1)	1.956	2.068	5,7	44,6	42,4	(4,9)
ES	1,0	0,7	(30,0)	2.700	2.713	0,5	2,7	1,9	(29,6)
RJ	1,4	1,0	(28,0)	3.100	3.515	13,4	4,3	3,5	(18,6)
SP	19,4	18,8	(3,0)	4.480	4.415	(1,5)	86,9	83,0	(4,5)
SUL	1.249,7	1.297,9	3,9	7.308	7.368	0,8	9.132,9	9.562,8	4,7
PR	33,0	31,1	(5,8)	5.291	5.490	3,8	174,6	170,7	(2,2)
SC	150,1	150,1	-	6.828	7.050	3,3	1.024,9	1.058,2	3,2
RS	1.066,6	1.116,7	4,7	7.438	7.463	0,3	7.933,4	8.333,9	5,0
NORTE/NORDESTE	880,1	863,6	(1,9)	2.020	2.107	4,3	1.777,5	1.820,0	2,4
CENTRO-SUL	1.510,8	1.557,6	3,1	6.599	6.678	1,2	9.969,1	10.401,7	4,3
BRASIL	2.390,9	2.421,2	1,3	4.913	5.048	2,7	11.746,6	12.221,7	4,0

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Feijão primeira safra

A área de feijão primeira safra está estimada em 1,17 milhão de hectares, o que configura um crescimento de 4,1% em relação à safra passada. Este crescimento só não é maior devido às boas perspectivas de outras culturas, como a soja, com maior estabilidade e liquidez. A comercialização instável e os riscos climáticos atrelados à cultura do feijão derrubam uma maior intenção dos plantadores em todo país.

Aproximadamente 48,2% da produção do feijão primeira safra provém da Região Sul, considerando a safra passada, sendo o Paraná o maior produtor. Na Região Sudeste

é produzido 29,2% da oferta deste feijão, destacando-se Minas Gerais e São Paulo. Já na Região Centro-Oeste, é produzido 12,7% da oferta, com destaque para Goiás. Os 9,9% restantes são produzidos na Região Norte/Nordeste, com destaque para o estado da Bahia e Piauí.

No Paraná, que produziu 31,2% da produção nacional na safra anterior, deverá ocorrer um crescimento na área de 11,9%, de acordo com as estimativas atuais. Se consolidado, o cultivo deve atingir 235,2 mil hectares. Apesar dos altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, os bons preços têm pesado na hora de decidir o que plantar. O plantio já atingiu 99% da área, sendo que a cultura atravessa as fases de germinação (2%), desenvolvimento vegetativo (50%), floração (29%), frutificação (16%) e maturação (3%). A colheita já atingiu 1% da área plantada e o produto está sendo direcionado diretamente ao mercado.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra (15,83% do volume total na safra anterior), ao contrário do ocorrido na safra passada, os levantamentos iniciais projetam neste ano uma retração de 5,7% na área de plantio do feijão primeira safra, que deve ser de 176,1 mil hectares, visto que, além dos riscos climáticos e da melhor competitividade dos mercados de milho e soja, a cultura vem exigindo rígido controle, oneroso e difícil, contra os crescentes ataques de mosca branca. De qualquer modo, os preços de mercado, embora tenham retraído, ainda se mostram remuneradores, e a expressiva correção aplicada pelo governo federal aos preços mínimos que entraram em vigor neste mês de novembro, passando de R\$ 74,16 para R\$ 95,00/saca de feijão cores e R\$ 105,00/saca de feijão preto, embora, abaixo dos preços de mercado, oferecem uma maior estabilidade para os produtores, fatores estes, que podem atenuar a tendência de redução de plantio ora sinalizada.

Já foram plantados mais de 80% das lavouras, e o plantio deve ser concluído até dezembro. As lavouras se encontram predominantemente em fase de desenvolvimento vegetativo (50,2%) e germinação (45,4%). Estimando-se uma produtividade média de 1.200 kg/ha, 46,7% superior à da safra passada, que sofreu perdas com estiagem no período de desenvolvimento das lavouras, e com chuvas, na época da colheita. A produção deve aumentar 38,4%, passando de 152,7 mil toneladas para 211,3 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, a redução da área cultivada é uma constante em todas as regiões do estado. As causas apontadas são: escassez e custo da mão de obra (principal) e a concorrência com a soja. O problema da mão de obra é mais acentuado entre os pequenos produtores, cuja dependência chega a 50% para produção e nas fases de tratamentos culturais e colheita ela é determinante. Está previsto o cultivo de 46,8 mil hectares de feijão, com produtividade esperada de 1.300 kg/ha. Na região de Vacaria registra-se uma mudança no tipo de feijão cultivado, com o feijão preto perdendo espaço para o feijão cores, inclusive com aumento na área cultivada.

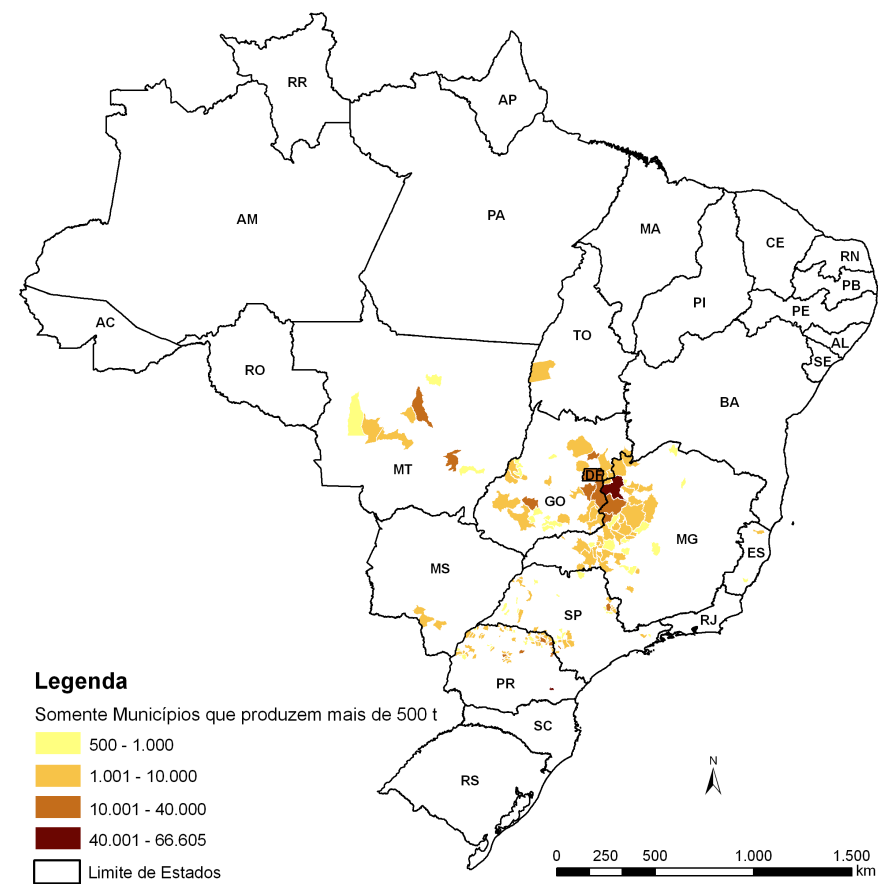
Caso se confirme a tendência dos dados apurados, a produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 1,30 milhão de toneladas, representando um acréscimo de 34,6%. A área a ser plantada, bem como sua produção, poderá sofrer ajustes no decorrer do período, dependendo do comportamento do clima e dos preços no mercado, uma vez que o plantio do feijão primeira safra ocorre até meados de dezembro, dependendo da região.

Para o feijão segunda e terceira safras, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado o rendimento médio dos últimos cinco anos, descartando os anos atípicos e agregando-se o ganho tecnológico.

Considerando as três safras, estima-se para esse início de acompanhamento, que a área total de feijão poderá chegar a 3,16 milhões de hectares, 1,3% maior que a safra

passada. A produção nacional de feijão deverá alcançar 3,30 milhões de toneladas, 16,6% maior que a última safra.

Figura 21 - Mapa da produção agrícola - Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 22 - Calendário de plantio e colheita - Feijão primeira safra

UF/Região	Feijão 1º safra (plantio-colheita)											
	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	P	P	P	C	C	C						
Nordeste												
PI		P	P		C	C						
BA		P	P	P	C	C	C					
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C						
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF		P	P	C	C	C						
Sudeste												
MG		P	P	C	C	C						
ES		P	P		C	C						
RJ		P	P		C	C						
SP	P	P	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P/C	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C							P
RS	P	P/C	C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Tabela 19 - Comparativo de área, produtividade e produção - Feijão primeira safra

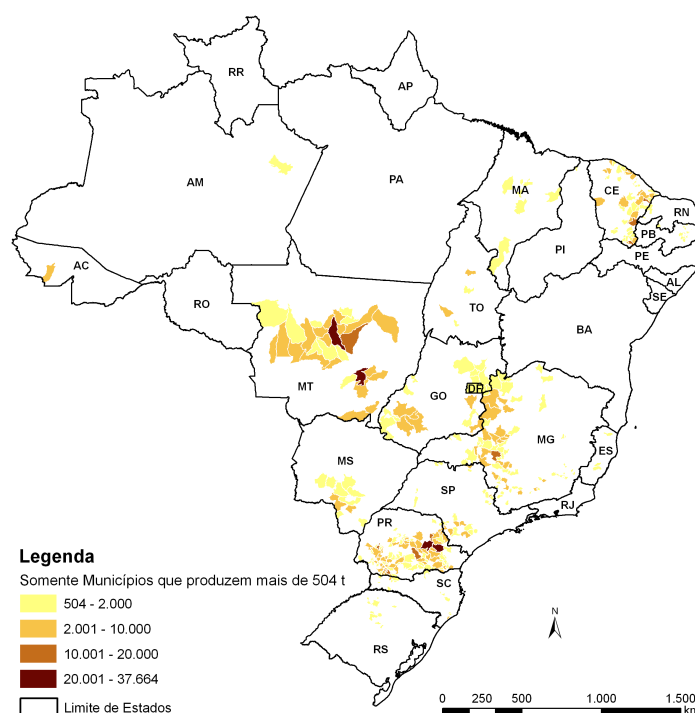
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,3	4,2	(2,3)	629	612	(2,7)	2,7	2,6	(3,7)
TO	4,3	4,2	(3,0)	629	612	(2,7)	2,7	2,6	(3,7)
NORDESTE	464,6	496,6	6,9	199	353	77,5	92,5	175,5	89,7
MA	40,2	40,2	-	408	372	(8,8)	16,4	15,0	(8,5)
PI	195,0	215,5	10,5	121	280	131,4	23,6	60,3	155,5
BA	229,4	240,9	5,0	229	416	81,7	52,5	100,2	90,9
CENTRO-OESTE	82,5	85,2	3,3	1.595	2.237	40,3	131,5	190,5	44,9
MT	18,6	20,0	7,5	1.369	1.695	23,8	25,5	33,9	32,9
MS	2,2	2,0	(9,0)	1.470	1.800	22,4	3,2	3,6	12,5
GO	49,0	51,2	4,5	1.809	2.313	27,9	88,6	118,4	33,6
DF	12,7	12,0	(5,5)	1.120	2.886	157,7	14,2	34,6	143,7
SUDESTE	256,6	240,6	(6,2)	1.064	1.362	28,0	273,0	327,6	20,0
MG	186,7	176,1	(5,7)	818	1.200	46,7	152,7	211,3	38,4
ES	6,5	6,8	4,6	727	785	8,0	4,7	5,3	12,8
RJ	1,3	1,4	10,0	940	958	1,9	1,2	1,3	8,3
SP	62,1	56,3	(9,4)	1.842	1.948	5,8	114,4	109,7	(4,1)
SUL	317,0	344,0	8,5	1.467	1.752	19,4	464,9	602,6	29,6
PR	210,2	235,2	11,9	1.430	1.823	27,5	300,6	428,8	42,6
SC	55,1	62,0	12,5	1.770	1.822	2,9	97,5	113,0	15,9
RS	51,7	46,8	(9,5)	1.293	1.300	0,5	66,8	60,8	(9,0)
NORTE/NORDESTE	468,9	500,8	6,8	203	356	75,1	95,2	178,1	87,1
CENTRO-SUL	656,1	669,8	2,1	1.325	1.673	26,3	869,4	1.120,7	28,9
BRASIL	1.125,0	1.170,6	4,1	858	1.110	29,4	964,6	1.298,8	34,6

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Feijão segunda safra

Figura 23 - Mapa da produção agrícola - Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 24 - Calendário de plantio e colheita - Feijão segunda safra

Feijão 2º safra (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C							P	P	P/C	P/C
RO					P	P		C	C			
AC					P	P		C	C			
AP	C	C							P	P	P/C	P/C
TO						P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P	P/C	C	C	C	
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P	P/C	C	C	C	
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
PB						P	P	P	P/C	C	C	C
PE					P	P	P	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P	C	C	C			
MS					P	P	P	C	C	C		
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P	P	C	C	C			
Sudeste												
MG					P	P	P	C	C	C		
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P	C	C	C		
SP				P	P	P	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P	C	C	C	C		
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Tabela 20 - Comparativo de área, produtividade e produção - Feijão segunda safra

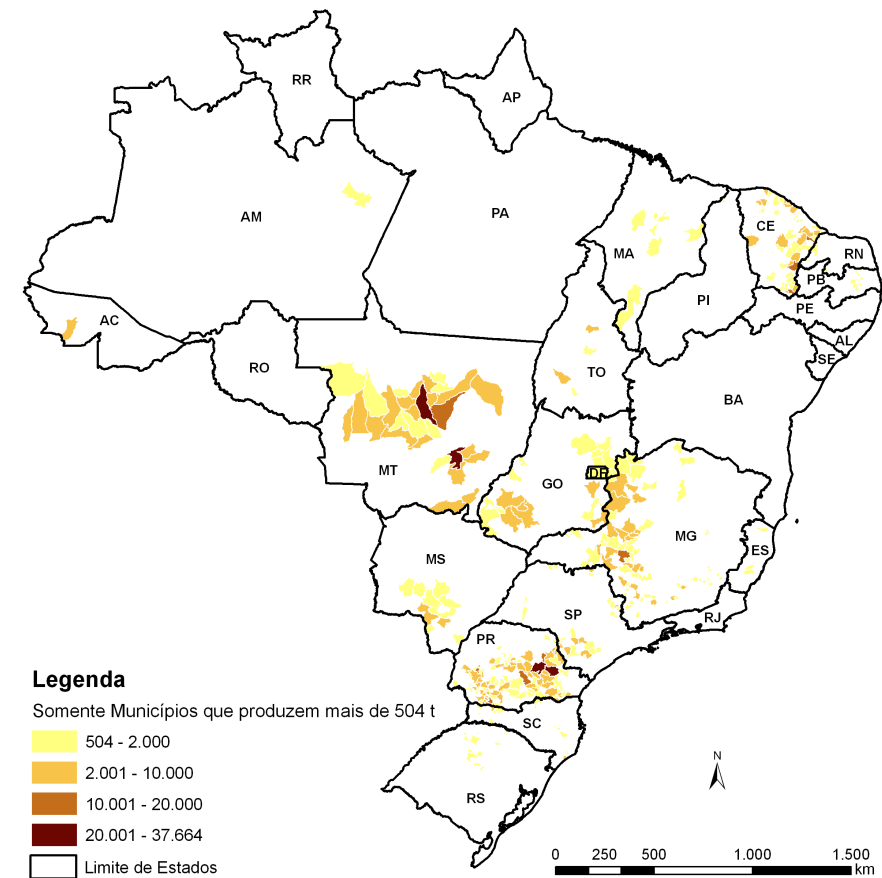
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	74,3	74,3	-	801	752	(6,0)	59,4	55,9	(5,9)
RR	3,0	3,0	-	660	665	0,8	2,0	2,0	-
RO	39,5	39,5	-	790	717	(9,2)	31,2	28,3	(9,3)
AC	12,3	12,3	-	580	575	(0,9)	7,1	7,1	-
AM	5,7	5,7	-	897	898	0,1	5,1	5,1	-
AP	1,3	1,3	-	944	855	(9,4)	1,2	1,1	(8,3)
TO	12,5	12,5	-	1.027	983	(4,3)	12,8	12,3	(3,9)
NORDESTE	533,2	533,2	-	220	396	80,1	117,3	211,1	80,0
MA	49,9	49,9	-	501	435	(13,2)	25,0	21,7	(13,2)
PI	4,3	4,3	-	603	644	6,8	2,6	2,8	7,7
CE	329,5	329,5	-	172	420	144,2	56,7	138,4	144,1
RN	12,4	12,4	-	285	420	47,4	3,5	5,2	48,6
PB	55,7	55,7	-	346	306	(11,6)	19,3	17,0	(11,9)
PE	81,4	81,4	-	125	320	156,0	10,2	26,0	154,9
CENTRO-OESTE	198,7	198,7	-	1.325	1.261	(4,8)	263,2	250,5	(4,8)
MT	162,7	162,7	-	1.250	1.168	(6,6)	203,4	190,0	(6,6)
MS	17,2	17,2	-	1.350	1.200	(11,1)	23,2	20,6	(11,2)
GO	18,3	18,3	-	1.931	2.107	9,1	35,3	38,6	9,3
DF	0,5	0,5	-	2.615	2.576	(1,5)	1,3	1,3	-
SUDESTE	188,7	188,7	-	1.369	1.402	2,4	258,4	264,6	2,4
MG	148,0	148,0	-	1.317	1.353	2,7	194,9	200,2	2,7
ES	9,0	9,0	-	865	834	(3,6)	7,8	7,5	(3,8)
RJ	1,7	1,7	-	1.013	987	(2,6)	1,7	1,7	-
SP	30,0	30,0	-	1.800	1.840	2,2	54,0	55,2	2,2
SUL	305,0	305,0	-	1.337	1.489	11,3	407,9	454,0	11,3
PR	263,9	263,9	-	1.337	1.521	13,8	352,8	401,4	13,8
SC	21,6	21,6	-	1.259	1.245	(1,1)	27,2	26,9	(1,1)
RS	19,5	19,5	-	1.429	1.320	(7,6)	27,9	25,7	(7,9)
NORTE/NORDESTE	607,5	607,5	-	291	440	51,1	176,7	267,0	51,1
CENTRO-SUL	692,4	692,4	-	1.343	1.400	4,3	929,5	969,1	4,3
BRASIL	1.299,9	1.299,9	-	851	951	11,7	1.106,2	1.236,1	11,7

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Feijão terceira safra

Figura 25 - Mapa da produção agrícola - Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 26 - Calendário de plantio e colheita - Feijão terceira safra

Feijão 3º safra (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	C							P	P	P	C	C
Nordeste												
PE							P	P	P	C	C	C
AL	C							P	P	P	C	C
SE	C							P	P	P	C	C
BA	C							P	P	P	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	P	C	C	C
MS							P	P	P	C	C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P	C	C	C
Sudeste												
MG	C						P	P	P		C	C
SP	C						P	P	P	P/C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	54,7	54,7	-	777	817	5,1	42,5	44,7	5,2
PA	48,1	48,1	-	705	705	-	33,9	33,9	-
TO	6,6	6,6	-	1.305	1.635	25,3	8,6	10,8	25,6
NORDESTE	437,7	437,7	-	551	551	-	241,1	241,1	-
CE	11,6	11,6	-	1.036	1.036	-	12,0	12,0	-
PE	133,7	133,7	-	400	400	-	53,5	53,5	-
AL	39,0	39,0	-	465	465	-	18,1	18,1	-
SE	26,8	26,8	-	779	779	-	20,9	20,9	-
BA	226,6	226,6	-	603	603	-	136,6	136,6	-
CENTRO-OESTE	74,8	74,8	-	2.512	2.568	2,2	187,9	192,0	2,2
MT	30,4	30,4	-	2.160	2.132	(1,3)	65,7	64,8	(1,4)
MS	0,4	0,4	-	1.340	1.368	2,1	0,5	0,5	-
GO	40,8	40,8	-	2.748	2.860	4,1	112,1	116,7	4,1
DF	3,2	3,2	-	3.000	3.130	4,3	9,6	10,0	4,2
SUDESTE	113,0	113,0	-	2.517	2.512	(0,2)	284,5	283,9	(0,2)
MG	85,0	85,0	-	2.555	2.561	0,2	217,2	217,7	0,2
SP	28,0	28,0	-	2.402	2.364	(1,6)	67,3	66,2	(1,6)
SUL	5,9	5,9	-	850	900	5,9	5,0	5,3	6,0
PR	5,9	5,9	-	850	900	5,9	5,0	5,3	6,0
NORTE/NORDESTE	492,4	492,4	-	576	581	0,8	283,6	285,8	0,8
CENTRO-SUL	193,7	193,7	-	2.464	2.485	0,8	477,4	481,2	0,8
BRASIL	686,1	686,1	-	1.109	1.118	0,8	761,0	767,0	0,8

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Feijão total

Oferta e Demanda

O mercado permanece calmo, com fraco movimento de compradores e poucas negociações. A origem do produto recém-colhido é quase toda da região sudoeste de São Paulo e uma pequena quantidade do estado de Minas Gerais, sendo que os lotes provenientes desse último estado apresentam volume considerável de grãos tipo comercial nota 8,0 para baixo.

O mercado nordestino continua suprindo suas necessidades de consumo, com ofertas provenientes dos estados do Ceará, Sergipe, Alagoas, Bahia e do agreste pernambucano, refletindo, desta forma, menor interesse de compras na Região Centro-Sul do país e dificultando melhoria das cotações.

Um dos principais motivos para esse comportamento de mercado está na dificuldade de repassar aumentos para os produtos direcionados aos supermercados, que não estão conseguindo desovar seus estoques, devido ao baixo consumo.

Cabe mencionar que, as cotações do grão, no segundo semestre deste ano, apresentam trajetória de queda em todos os segmentos do setor: produtor, atacado e varejo. Em novembro corrente, mesmo com menor oferta do produto, devido à entressafra, os preços continuam recuando e com remotas perspectivas de recuperação, em função da entrada da primeira safra no Sul do país e São Paulo.

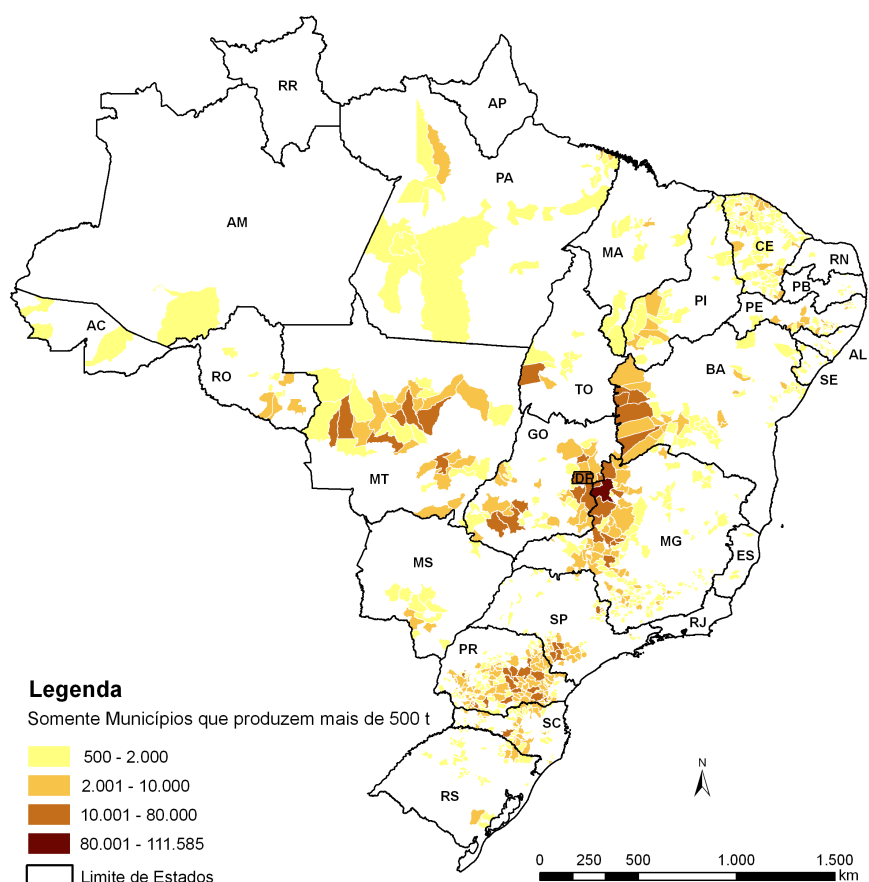
No Paraná, segundo a Secretaria de Agricultura daquele estado - Deral 97% da área estão semeados e as lavouras atravessam os seguintes estágios: 65% em desenvolvimento vegetativo, 20% em floração, 13% em frutificação e 2% em maturação.

A colheita da nova safra - 2013/14, ainda pouca expressiva, está evoluindo gradativamente nos estados de São Paulo, Santa Catarina e Paraná. Diante desta situação, os compradores se sentem numa situação cômoda para programar suas

compras, aguardando, inclusive, o incremento da oferta de feijão novo, escasso no mercado, acreditando que, caso não ocorram problemas severos de ordem climática, e/ou expressivo aquecimento da demanda, a tendência é de que os preços fiquem nos atuais patamares, com melhoria na qualidade do grão.

Para a temporada em curso prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira safra, apurada no levantamento de campo realizado em novembro, pela Conab, mais as previsões para a segunda e terceira safras, totalizarão 3.302,1 mil toneladas, que somadas ao estoque de passagem e às importações projetadas em 300,0 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3,77 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 267,9 mil toneladas.

Figura 27 - Mapa da produção agrícola - Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 22 - Comparativo de área, produtividade e produção - Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

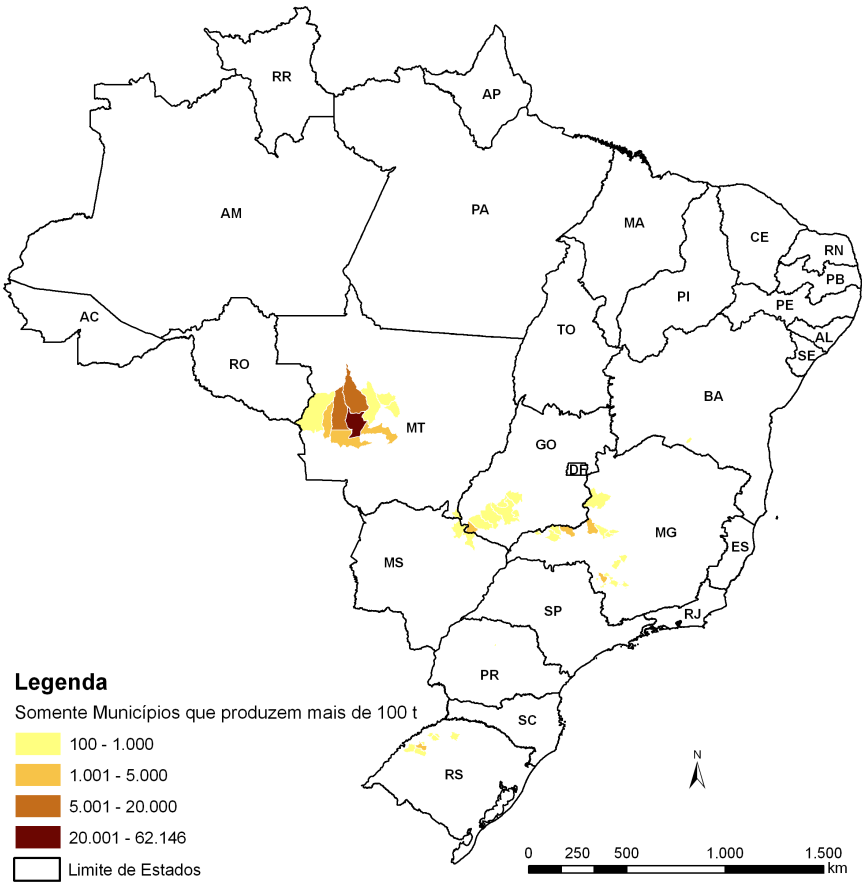
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	137,4	133,2	(3,1)	762	775	1,6	104,7	103,1	(1,5)
RR	3,0	3,0	-	667	667	-	2,0	2,0	-
RO	39,5	39,5	-	790	716	(9,3)	31,2	28,3	(9,3)
AC	12,3	12,3	-	577	577	-	7,1	7,1	-
AM	5,7	5,7	-	895	895	-	5,1	5,1	-
AP	1,3	1,3	-	923	846	(8,3)	1,2	1,1	(8,3)
PA	48,1	48,1	-	705	705	-	33,9	33,9	-
TO	27,5	23,3	(15,3)	880	1.099	24,9	24,2	25,6	5,8
NORDESTE	1.435,5	1.467,5	2,2	314	428	36,2	451,0	627,8	39,2
MA	90,1	90,1	-	459	407	(11,4)	41,4	36,7	(11,4)
PI	199,3	219,8	10,3	131	287	118,4	26,2	63,1	140,8
CE	341,1	341,1	-	201	441	118,9	68,7	150,4	118,9
RN	12,4	12,4	-	282	419	48,6	3,5	5,2	48,6
PB	55,7	55,7	-	346	305	(11,9)	19,3	17,0	(11,9)
PE	215,1	215,1	-	296	370	24,8	63,7	79,5	24,8
AL	39,0	39,0	-	464	464	-	18,1	18,1	-
SE	26,8	26,8	-	780	780	-	20,9	20,9	-
BA	456,0	467,5	2,5	415	507	22,1	189,2	236,9	25,2
CENTRO-OESTE	356,0	358,7	0,8	1.637	1.765	7,8	582,7	633,1	8,6
MT	211,7	213,1	0,7	1.391	1.355	(2,6)	294,5	288,7	(2,0)
MS	19,8	19,6	(1,0)	1.364	1.265	(7,2)	27,0	24,8	(8,1)
GO	108,1	110,3	2,0	2.184	2.481	13,6	236,1	273,7	15,9
DF	16,4	15,7	(4,3)	1.530	2.924	91,0	25,1	45,9	82,9
SUDESTE	558,3	542,3	(2,9)	1.461	1.616	10,6	815,8	876,1	7,4
MG	419,7	409,1	(2,5)	1.346	1.538	14,3	564,8	629,2	11,4
ES	15,5	15,8	1,9	806	810	0,5	12,5	12,8	2,4
RJ	3,0	3,1	3,3	967	968	0,1	2,9	3,0	3,4
SP	120,1	114,3	(4,8)	1.962	2.022	3,1	235,6	231,1	(1,9)
SUL	627,9	654,9	4,3	1.398	1.621	16,0	877,8	1.062,0	21,0
PR	480,0	505,0	5,2	1.372	1.654	20,6	658,4	835,5	26,9
SC	76,7	83,6	9,0	1.626	1.673	2,9	124,7	139,9	12,2
RS	71,2	66,3	(6,9)	1.330	1.306	(1,8)	94,7	86,6	(8,6)
NORTE/NORDESTE	1.572,9	1.600,7	1,8	353	457	29,3	555,7	730,9	31,5
CENTRO-SUL	1.542,2	1.555,9	0,9	1.476	1.653	12,0	2.276,3	2.571,2	13,0
BRASIL	3.115,1	3.156,6	1,3	909	1.046	15,1	2.832,0	3.302,1	16,6

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Girassol

Figura 28 - Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 29 - Calendário de plantio e colheita - Girassol

Girassol (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Tabela 23 - Comparativo de área, produtividade e produção - Girassol

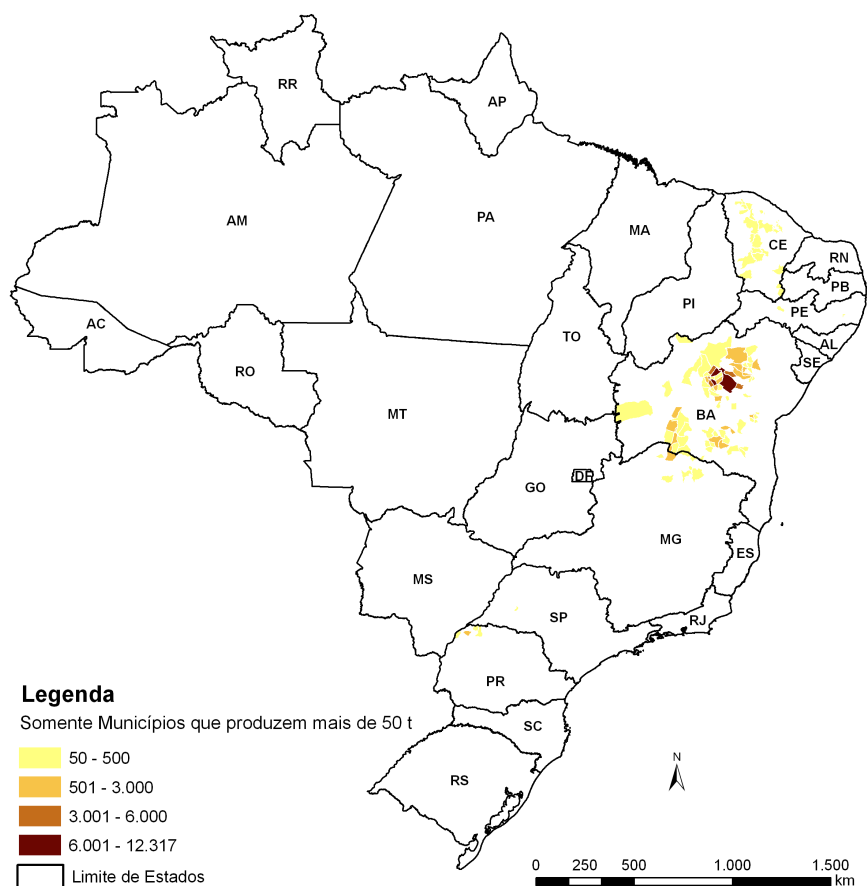
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	0,5	0,5	-	422	422	-	0,2	0,2	-
CE	0,2	0,2	-	456	456	-	0,1	0,1	-
BA	0,3	0,3	-	400	400	-	0,1	0,1	-
CENTRO-OESTE	53,8	53,8	-	1.673	1.672	-	90,0	90,0	-
MT	50,7	50,7	-	1.671	1.679	0,5	84,7	85,1	0,5
MS	0,9	0,9	-	1.810	1.322	(27,0)	1,6	1,2	(25,0)
GO	2,2	2,2	-	1.660	1.660	-	3,7	3,7	-
SUDESTE	11,0	11,0	-	1.192	1.257	5,5	13,1	13,8	5,3
MG	11,0	11,0	-	1.192	1.257	5,5	13,1	13,8	5,3
SUL	3,4	3,4	-	1.394	1.437	3,1	4,8	4,8	-
PR	0,7	0,7	-	1.083	1.346	24,3	0,8	0,9	12,5
RS	2,7	2,7	-	1.475	1.461	(0,9)	4,0	3,9	(2,5)
NORTE/NORDESTE	0,5	0,5	-	422	422	-	0,2	0,2	-
CENTRO-SUL	68,2	68,2	-	1.581	1.594	0,8	107,9	108,6	0,6
BRASIL	68,7	68,7	-	1.573	1.585	0,8	108,1	108,8	0,6

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Mamona

Figura 30 - Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 31 - Calendário de plantio e colheita - Mamona

Mamona (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 24 - Comparativo de área, produtividade e produção - Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	84,4	133,2	57,8	163	609	274,5	13,8	81,2	488,4
PI	1,0	1,4	40,0	75	480	540,0	0,1	0,7	600,0
CE	12,8	12,8	-	140	305	117,9	1,8	3,9	116,7
PE	1,4	1,4	-	267	415	55,4	0,4	0,6	50,0
BA	69,2	117,6	70,0	166	646	289,2	11,5	76,0	560,9
SUDESTE	2,1	2,0	(4,8)	694	1.025	47,6	1,5	2,1	40,0
MG	2,0	1,9	(5,0)	630	975	54,8	1,3	1,9	46,2
SP	0,1	0,1		1.980	1.965	(0,8)	0,2	0,2	-
SUL	0,9	0,9	-	600	1.500	150,0	0,5	1,4	180,0
PR	0,9	0,9	-	600	1.500	150,0	0,5	1,4	180,0
NORTE/NORDESTE	84,4	133,2	57,8	163	609	274,5	13,8	81,2	488,4
CENTRO-SUL	3,0	2,9	(3,3)	666	1.172	76,0	2,0	3,5	75,0
BRASIL	87,4	136,1	55,7	180	621	245,2	15,8	84,7	436,1

Fonte: Conab.

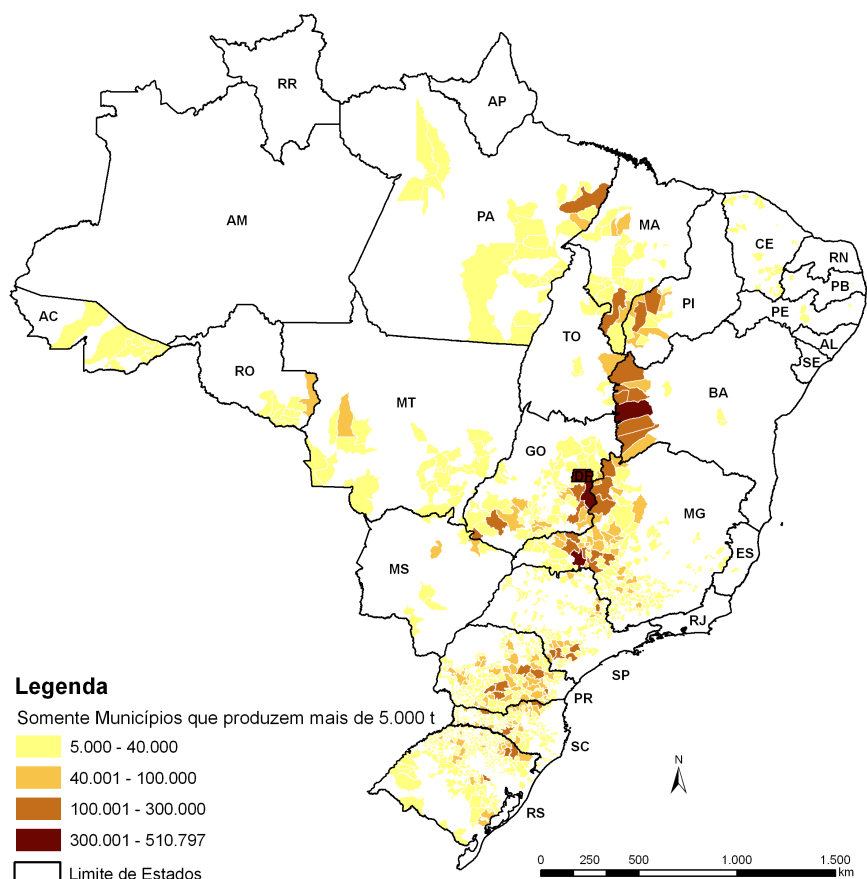
Nota: Levantamento dezembro/2013.

Milho primeira safra

No terceiro levantamento realizado pela Conab, a área semeada com o milho primeira safra nacional poderá atingir 6.422,8 mil hectares, refletindo um decréscimo de 5,9%, quando se compara com o exercício anterior. Como já reportado, a competição por área entre soja e milho nos últimos anos, tem ocorrido em desfavor do cereal, em virtude, entre outras razões, dos positivos resultados observados na comercialização da oleaginosa, representada pela maior liquidez e pelos elevados custos de produção da lavoura de milho.

Na Região Sul, a semeadura que teve início em agosto, concorreu para que a lavoura se apresentasse com estágios bem diversificados, variando desde a germinação até a granação. No Rio Grande do Sul, a expectativa inicial de queda na área plantada, deu lugar a um leve incremento, observando-se, particularmente entre os pequenos produtores, o cultivo do cereal na resteva da soja e do fumo. O estado do Paraná apresentou a maior redução absoluta na área de milho primeira safra do país - 204,6 mil hectares. Caso seja repetido o nível de produtividade alcançado na safra anterior para a Região Sul - 6.624 kg/ha, a forte redução observada na área plantada naquele estado irá influenciar fortemente a oferta nacional do cereal na primeira safra, numa diminuição de aproximadamente 2.223,8 mil toneladas, quando comparado com o praticado no exercício anterior.

Figura 32 - Mapa da produção agrícola - Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 33 - Calendário de plantio e colheita - Milho primeira safra

UF/Região	Milho 1ª safra (plantio-colheita)											
	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO	P	P	P		C	C	C	C	C			
AC	P	P	P			C	C	C				
AM	P	P			C	C						
PA	P	P	P	C	C	C	C	C				
TO		P	P	P	P	C	C	C	C			
Nordeste												
MA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	C
PB	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P		C	C
BA	P	P	P	P	C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C				
MS	P	P	P	C	C	C	C					
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C				P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C			P
RS	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C			P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Na Região Centro-Oeste é onde ocorre a maior redução na estimativa de área plantada do milho primeira safra no país, atingindo 20,2% de variação em relação ao ano passado. Goiás e Mato Grosso do Sul são os maiores responsáveis por essa redução, com os produtores optando pela migração para soja, seguindo uma tendência que tem sido marcante entre as regiões onde o regime climático permite uma janela de produção que contemple a produção simultânea de soja e de milho.

Como foi destacado na divulgação anterior, nas Regiões Norte e Nordeste, especificamente na área delimitada como MATOPIBA, a despeito das chuvas ainda não estarem consolidadas e o período para o plantio ocorrer em dezembro e janeiro, firmou-se uma expectativa entre os produtores locais de incremento na área plantada nos três principais estados produtores de milho primeira safra – Maranhão, Piauí e Bahia. De acordo com os agentes locais, esse movimento está ligado à possibilidade do MATOPIBA tornar-se um fornecedor privilegiado para o Nordeste, mesmo que essa região venha ser beneficiada com um melhor regime de chuvas.

Caso a produtividade estimada para a lavoura, no exercício 2013/14, atinja 5.076 kg/ha, a produção brasileira para o milho primeira safra deverá atingir 32.603,9 mil toneladas, representando um decréscimo de 6,4% em relação ao exercício anterior.

Tabela 25 - Comparativo de área, produtividade e produção - Milho primeira safra

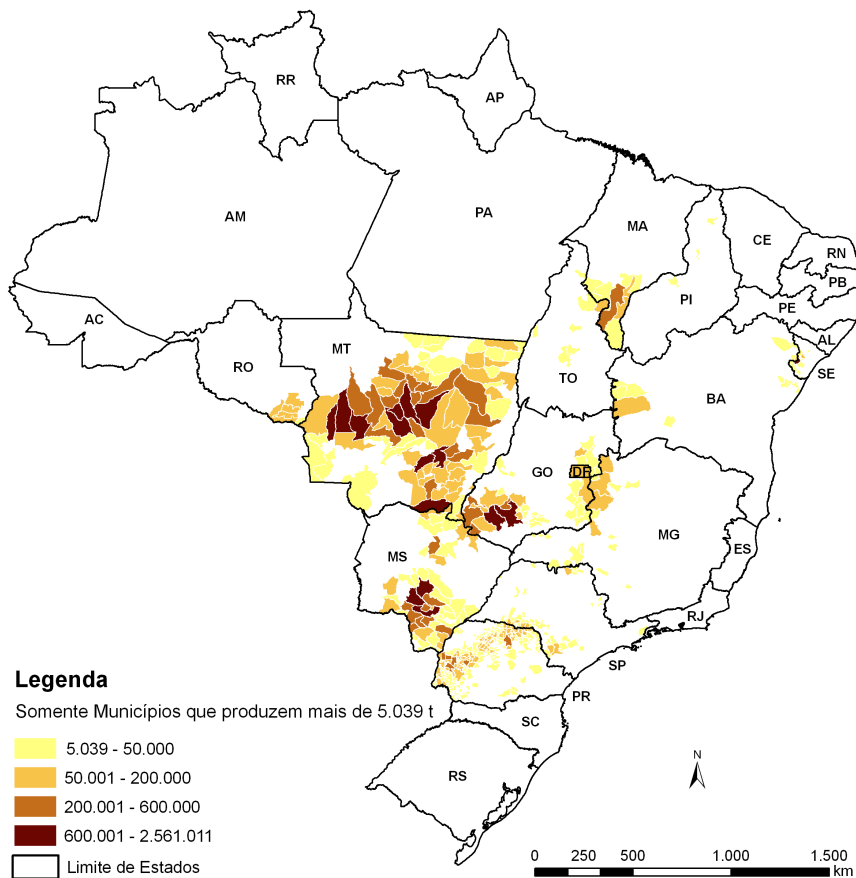
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	397,8	377,3	(5,2)	2.880	2.740	(4,9)	1.145,6	1.034,1	(9,7)
RR	6,5	6,5	-	2.000	2.000	-	13,0	13,0	-
RO	76,6	61,3	(20,0)	2.187	2.187	-	167,5	134,1	(19,9)
AC	46,1	46,1	-	2.421	2.255	(6,9)	111,6	104,0	(6,8)
AM	12,9	12,9	-	2.390	2.463	3,1	30,8	31,8	3,2
AP	2,3	2,3	-	826	846	2,4	1,9	1,9	-
PA	199,1	199,1	-	2.841	2.604	(8,3)	565,6	518,5	(8,3)
TO	54,3	49,1	(9,6)	4.700	4.700	-	255,2	230,8	(9,6)
NORDESTE	1.706,7	1.731,6	1,5	1.642	2.145	30,7	2.801,8	3.714,8	32,6
MA	384,0	395,5	3,0	2.000	1.921	(4,0)	768,0	759,8	(1,1)
PI	366,1	375,6	2,6	1.337	2.063	54,3	489,5	774,9	58,3
CE	408,7	408,7	-	240	1.059	341,3	98,1	432,8	341,2
RN	13,3	13,3	-	355	638	79,7	4,7	8,5	80,9
PB	53,1	53,1	-	496	642	29,4	26,3	34,1	29,7
PE	94,5	94,5	-	167	600	259,3	15,8	56,7	258,9
BA	387,0	390,9	1,0	3.616	4.216	16,6	1.399,4	1.648,0	17,8
CENTRO-OESTE	565,8	451,7	(20,2)	7.677	7.690	0,2	4.343,4	3.473,4	(20,0)
MT	75,6	71,8	(5,0)	7.079	7.079	-	535,2	508,3	(5,0)
MS	48,0	31,4	(34,5)	7.700	7.700	-	369,6	241,8	(34,6)
GO	407,2	313,5	(23,0)	7.633	7.633	-	3.108,2	2.392,9	(23,0)
DF	35,0	35,0	-	9.441	9.441	-	330,4	330,4	-
SUDESTE	1.753,4	1.676,3	(4,4)	6.067	6.102	0,6	10.637,5	10.229,6	(3,8)
MG	1.149,8	1.102,7	(4,1)	5.944	6.000	0,9	6.834,4	6.616,2	(3,2)
ES	24,1	23,3	(3,3)	2.547	2.547	-	61,4	59,3	(3,4)
RJ	5,9	5,4	(8,0)	2.250	2.250	-	13,3	12,2	(8,3)
SP	573,6	544,9	(5,0)	6.500	6.500	-	3.728,4	3.541,9	(5,0)
SUL	2.400,4	2.185,9	(8,9)	6.624	6.474	(2,3)	15.899,4	14.152,0	(11,0)
PR	878,1	673,5	(23,3)	8.150	8.150	-	7.156,5	5.489,0	(23,3)
SC	489,0	471,9	(3,5)	6.870	6.870	-	3.359,4	3.242,0	(3,5)
RS	1.033,3	1.040,5	0,7	5.210	5.210	-	5.383,5	5.421,0	0,7
NORTE/NORDESTE	2.104,5	2.108,9	0,2	1.876	2.252	20,0	3.947,4	4.748,9	20,3
CENTRO-SUL	4.719,6	4.313,9	(8,6)	6.543	6.457	(1,3)	30.880,3	27.855,0	(9,8)
BRASIL	6.824,1	6.422,8	(5,9)	5.104	5.076	(0,5)	34.827,7	32.603,9	(6,4)

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Milho segunda safra

Figura 34 - Mapa da produção agrícola - Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 35 - Calendário de plantio e colheita - Milho segunda safra

Milho 2º safra (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO					P	P	P	P	C	C	C	
AM					P	P	P	P			C	C
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P			C	C		
PI					P	P	P	C	C	C		
PE	C	C					P	P	P	P	C	C
AL	C	C					P	P	P	P	C	C
SE	C	C						P	P	P	C	C
BA	C	C						P	P	P	C	C
Centro-Oeste												
MT				P	P			C	C	C		
MS				P	P			C	C	C		
GO				P	P			C	C	C		
DF				P	P			C	C	C		
Sudeste												
MG					P	P			C	C	C	C
SP				P	P	P		C	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Tabela 26 - Comparativo de área, produtividade e produção - Milho segunda safra

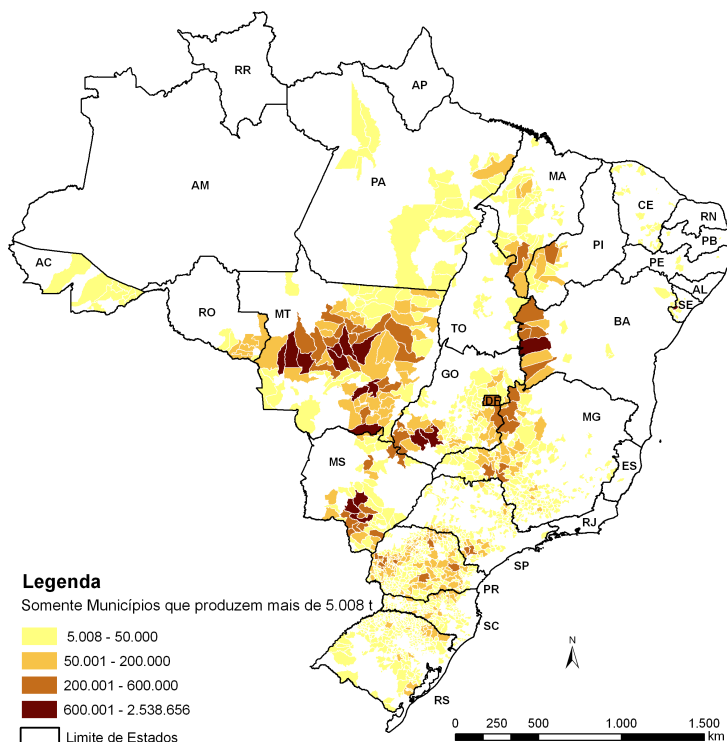
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	130,5	130,5	-	4.036	4.036	-	526,6	526,6	-
RO	89,6	89,6	-	3.728	3.728	-	334,0	334,0	-
TO	40,9	40,9	-	4.710	4.710	-	192,6	192,6	-
NORDESTE	629,8	629,8	-	3.303	3.303	-	2.080,0	2.080,0	-
MA	133,7	133,7	-	4.214	4.214	-	563,4	563,4	-
PI	13,7	13,7	-	3.891	3.891	-	53,3	53,3	-
AL	34,4	34,4	-	637	637	-	21,9	21,9	-
SE	206,6	206,6	-	4.557	4.557	-	941,5	941,5	-
BA	241,4	241,4	-	2.071	2.071	-	499,9	499,9	-
CENTRO-OESTE	5.607,1	5.607,1	-	5.528	5.528	-	30.996,9	30.996,9	-
MT	3.349,1	3.349,1	-	5.780	5.780	-	19.357,8	19.357,8	-
MS	1.461,0	1.461,0	-	5.100	5.100	-	7.451,1	7.451,1	-
GO	778,6	778,6	-	5.160	5.160	-	4.017,6	4.017,6	-
DF	18,4	18,4	-	9.261	9.261	-	170,4	170,4	-
SUDESTE	461,2	461,2	-	4.532	4.532	-	2.090,1	2.090,1	-
MG	118,8	118,8	-	5.200	5.200	-	617,8	617,8	-
SP	342,4	342,4	-	4.300	4.300	-	1.472,3	1.472,3	-
SUL	2.169,2	2.169,2	-	4.834	4.834	-	10.485,9	10.485,9	-
PR	2.169,2	2.169,2	-	4.834	4.834	-	10.485,9	10.485,9	-
NORTE/NORDESTE	760,3	760,3	-	3.429	3.429	-	2.606,6	2.606,6	-
CENTRO-SUL	8.237,5	8.237,5	-	5.290	5.290	-	43.572,9	43.572,9	-
BRASIL	8.997,8	8.997,8	-	5.132	5.132	-	46.179,5	46.179,5	-

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Milho total

Figura 36 - Mapa da produção agrícola - Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 27 - Comparativo de área, produtividade e produção - Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	528,3	507,8	(3,9)	3.166	3.073	(2,9)	1.672,3	1.560,7	(6,7)
RR	6,5	6,5	-	2.000	1.990	(0,5)	13,0	13,0	-
RO	166,2	150,9	(9,2)	3.018	2.406	(20,3)	501,6	468,1	(6,7)
AC	46,1	46,1	-	2.421	1.940	(19,9)	111,6	104,0	(6,8)
AM	12,9	12,9	-	2.390	2.500	4,6	30,8	31,8	3,2
AP	2,3	2,3	-	826	860	4,1	1,9	1,9	-
PA	199,1	199,1	-	2.841	2.450	(13,8)	565,6	518,5	(8,3)
TO	95,2	90,0	(5,5)	4.704	3.785	(19,5)	447,8	423,4	(5,4)
NORDESTE	2.336,5	2.361,4	1,1	2.089	2.454	17,4	4.881,8	5.794,9	18,7
MA	517,7	529,2	2,2	2.572	2.500	(2,8)	1.331,4	1.323,2	(0,6)
PI	379,8	389,3	2,5	1.429	2.127	48,9	542,8	828,2	52,6
CE	408,7	408,7	-	240	1.059	341,2	98,1	432,8	341,2
RN	13,3	13,3	-	355	639	80,0	4,7	8,5	80,9
PB	53,1	53,1	-	496	642	29,5	26,3	34,1	29,7
PE	94,5	94,5	-	167	600	259,3	15,8	56,7	258,9
AL	34,4	34,4	-	637	637	(0,1)	21,9	21,9	-
SE	206,6	206,6	-	4.557	4.557	-	941,5	941,5	-
BA	628,4	632,3	0,6	3.022	3.397	12,4	1.899,3	2.148,0	13,1
CENTRO-OESTE	6.172,9	6.058,8	(1,8)	5.725	5.689	(0,6)	35.340,2	34.470,3	(2,5)
MT	3.424,7	3.420,9	(0,1)	5.809	5.807	-	19.893,0	19.866,1	(0,1)
MS	1.509,0	1.492,4	(1,1)	5.183	5.155	(0,5)	7.820,7	7.692,9	(1,6)
GO	1.185,8	1.092,1	(7,9)	6.009	5.870	(2,3)	7.125,7	6.410,5	(10,0)
DF	53,4	53,4	-	9.379	9.378	-	500,8	500,8	-
SUDESTE	2.214,6	2.137,5	(3,5)	5.747	5.764	0,3	12.727,6	12.319,7	(3,2)
MG	1.268,6	1.221,5	(3,7)	5.874	5.922	0,8	7.452,2	7.234,0	(2,9)
ES	24,1	23,3	(3,3)	2.547	2.545	(0,1)	61,4	59,3	(3,4)
RJ	5,9	5,4	(8,5)	2.250	2.259	0,4	13,3	12,2	(8,3)
SP	916,0	887,3		5.678	5.651	(0,5)	5.200,7	5.014,2	(3,6)
SUL	4.569,6	4.355,1	(4,7)	5.774	5.657	(2,0)	26.385,3	24.637,9	(6,6)
PR	3.047,3	2.842,7	(6,7)	5.790	5.620	(2,9)	17.642,4	15.974,9	(9,5)
SC	489,0	471,9	(3,5)	6.870	6.870	-	3.359,4	3.242,0	(3,5)
RS	1.033,3	1.040,5	0,7	5.210	5.210	-	5.383,5	5.421,0	0,7
NORTE/NORDESTE	2.864,8	2.869,2	0,2	2.288	2.564	12,1	6.554,1	7.355,6	12,2
CENTRO-SUL	12.957,1	12.551,4	(3,1)	5.746	5.691	(1,0)	74.453,1	71.427,9	(4,1)
BRASIL	15.821,9	15.420,6	(2,5)	5.120	5.109	(0,2)	81.007,2	78.783,5	(2,7)

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Oferta e demanda

No mês de novembro, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – Usda, retomou a divulgação das projeções de oferta e demanda mundial. Neste contexto, basicamente foi confirmada a produção recorde de milho nos Estados Unidos, chegando a 355,3 milhões de toneladas, sendo este o principal fator de redução nos preços, que fecharam na Bolsa de Chicago a US\$ 4,15/ bu (US\$ 163,45/ton).

No mercado doméstico as exportações continuam superando as estimativas iniciais, fechando o mês em 3,91 milhões de toneladas. O que tem favorecido o movimento exportador é a valorização cambial, bem como os prêmios positivos nos portos brasileiros. Além disso, a demanda doméstica voltou a se aquecer no final do mês de novembro permitindo uma pequena recuperação nos preços internos. No Mato Grosso, as cotações variaram entre R\$ 11,20 a 14,75/60 kg, e no Paraná entre R\$ 17,70 e 23,00/60 Kg.

Soja

O terceiro levantamento da safra brasileira de soja na temporada 2013/14, realizado pela Conab, registrou incremento na área de 6,2%, confirmando a opção do produtor nacional em priorizar esse plantio em detrimento das outras alternativas, particularmente na Região Centro-Oeste, incentivado pelo fato de que a oleaginosa nas últimas temporadas, ter apresentado preços remuneradores por ocasião da comercialização.

Na Região Sul, o plantio encontra-se praticamente encerrado e a expectativa entre os produtores é a de que a safra possa repetir os resultados de produtividade obtidos na campanha que se encerrou. A área cultivada na região acompanhou o prognóstico levantado nas intenções de plantio anteriormente divulgadas, atingindo um incremento de 5,0% em relação ao exercício anterior, devendo atingir 10.376,3 mil hectares. Havendo normalidade climática no período de desenvolvimento das lavouras, essas estimativas apontam para uma produção recorde da oleaginosa, atingindo 31.554,9 milhões de toneladas. Por ocasião do levantamento realizado em campo pela Conab, cerca de 90% da área já havia sido plantada e aproximadamente 40% dos grãos semeados estavam germinando, enquanto 60% encontravam-se no estágio de desenvolvimento vegetativo. A preocupação entre os produtores da região está relacionada ao receio da proliferação desordenada da lagarta *Helicoverpa armigera*, por ter alto poder de destruição e já identificada em algumas lavouras, estando previsto um aumento na demanda por defensivos, particularmente fungicidas e inseticidas.

Na Região Sudeste, o aumento na área plantada de 10,1% tem como nas demais regiões, relação direta com o desempenho atual dos preços praticados, tanto no mercado interno quanto externo. A lavoura tem avançado na área de milho, principal concorrente na safra de verão, em áreas de pastagens degradadas e até em áreas de renovação de canaviais. Conforme observado em outras regiões, haverá a continuidade na priorização do plantio de variedades precoces com vistas a semeadura da safra de milho. Nessa região, no período em que ocorreu a visita dos técnicos da Conab, as condições climáticas se caracterizavam pela irregularidade na distribuição das chuvas e acompanhadas por elevadas temperaturas. Uma preocupação relatada pelos produtores nesse início de safra está ligada à intensificação dos ataques de pragas, notadamente, a *Helicoverpa armigera*, que já vem sendo detectada em algumas áreas recém-plantadas, podendo causar grande impacto nos custos de produção e no rendimento das lavouras. Com a área projetada para essa temporada em 1.936,4 mil hectares, estima-se uma produção regional de 6.026,9 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa, as chuvas escassas e mal distribuídas no início do plantio deram lugar à normalização climática e o plantio da oleaginosa praticamente se encerrou. De uma maneira geral, a maior parte das lavouras encontra-se na fase de desenvolvimento vegetativo e floração. A ocorrência da lagarta *Helicoverpa armigera*, apesar de uma preocupação constante, tem encontrado o produtor atento, observando-se em alguns casos, a aplicação de defensivos por ocasião da dessecação dos restos culturais, antecedendo ao plantio da soja. O sentimento reinante na região é que, pelo menos de forma preventiva, deverá ocorrer um forte aumento nas aplicações químicas, redundando no incremento do custo de produção na temporada e numa consequente diminuição na rentabilidade da lavoura.

Nas Regiões Norte e Nordeste, as chuvas apresentavam, por ocasião da pesquisa, comportamento irregular, com expectativas de normalização para os próximos dias. A urgência no plantio verificado em áreas pontuais da Região Nordeste, se explica pela ansiedade do produtor em superar a frustração da safra anterior e também em decorrência dos elevados preços atualmente praticados. Nesse particular, na região Norte se observa um grande deslocamento de área anteriormente destinado à pastagem, para o

cultivo da soja. A área plantada com soja nessas duas regiões poderá atingir 3.512,2 mil hectares, representando um incremento de 5,9% em relação ao ocorrido no exercício anterior, com uma produção prevista de 10.386,8 mil toneladas.

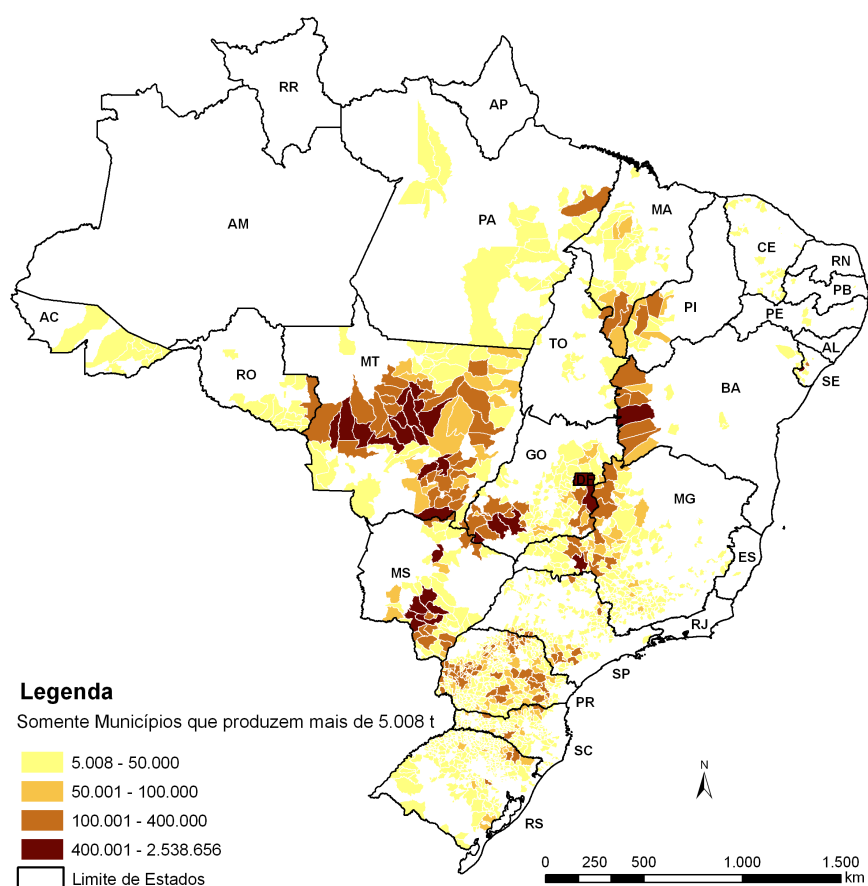
O resultado consolidado da pesquisa nessa terceira avaliação de soja da temporada 2013/14, aponta para um montante de 29.452,6 mil hectares, corroborando uma tendência de aumento observado em todas as regiões produtoras no país. Se as condições climáticas forem favoráveis durante o desenvolvimento vegetativo da lavoura, a produção prevista atingirá 90.025,1 mil toneladas, representando um incremento de 10,5% em relação à produção anterior, constituindo-se assim, em um novo recorde na produção nacional.

Oferta e demanda

O mês de novembro foi marcado por uma alta volatilidade nos preços de soja na Bolsa de Chicago, tendo em vista que as cotações mais baixas, fundamentadas pelo final da colheita da safra de soja no Meio Oeste dos Estados Unidos, com rendimentos acima do esperado, chegaram a US\$ 12,60/bushel (US\$ 464,07/ton) e os fatores altistas, como a demanda aquecida pelo produto e um maior ritmo de esmagamento ajudaram ao fechamento do mês, na cotação de US\$ 13,36/bushel (US\$ 491,04/ton).

No mercado interno, a soja está continua com bons preços no mercado spot, entre R\$ 59,00 e R\$ 67,00/60 Kg no Mato Grosso e em torno de R\$ 75,00/60 Kg no Paraná. Plantio da soja seguiu em ritmo acelerado com boas perspectivas, basicamente em função do clima. Contudo, há uma preocupação em relação ao aumento de custo de produção, devido ao ataque da lagarta *Helicoverpa armigera*. O que pode afetar a rentabilidade de produtor brasileiro.

Figura 37 - Mapa da produção agrícola - Soja



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 38 - Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	Soja (plantio-colheita)											
	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO	P	P	P		C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA		P	P	P	P	C	C	C	C			
PI		P	P	P		C	C	C				
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SC	P	P	P	P	C	C	C	C	C			
RS	P	P	P		C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Tabela 28 - Comparativo de área, produtividade e produção - Soja

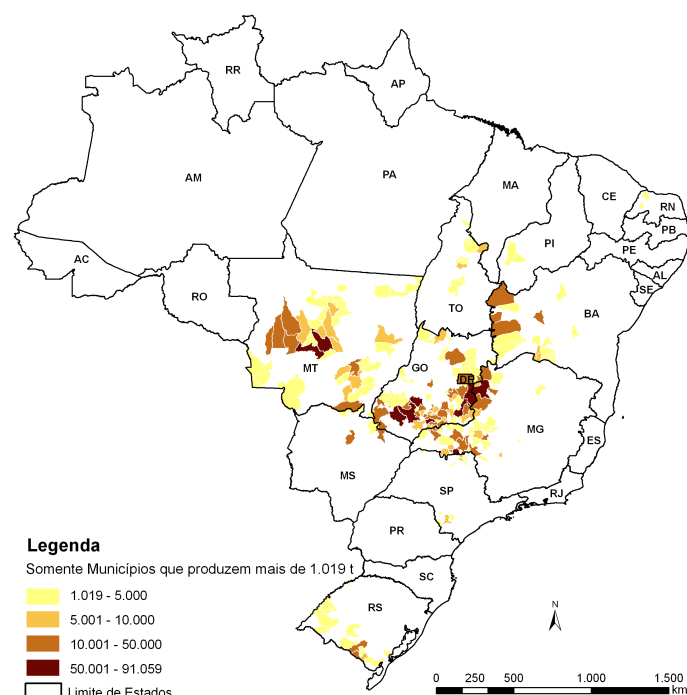
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	901,5	1.007,5	11,8	2.952	3.098	4,9	2.661,5	3.121,3	17,3
RR	12,0	12,0	-	2.800	2.800	-	33,6	33,6	-
RO	167,7	188,5	12,4	3.216	3.180	(1,1)	539,3	599,4	11,1
PA	172,2	172,2	-	3.207	3.207	-	552,2	552,2	-
TO	549,6	634,8	15,5	2.796	3.050	9,1	1.536,4	1.936,1	26,0
NORDESTE	2.414,3	2.504,7	3,7	2.193	2.901	32,3	5.294,8	7.265,5	37,2
MA	586,0	621,2	6,0	2.877	2.971	3,3	1.685,9	1.845,6	9,5
PI	546,4	601,6	10,1	1.678	2.915	73,7	916,9	1.753,7	91,3
BA	1.281,9	1.281,9	-	2.100	2.860	36,2	2.692,0	3.666,2	36,2
CENTRO-OESTE	12.778,2	13.627,7	6,6	2.981	3.086	3,5	38.091,4	42.056,5	10,4
MT	7.818,2	8.365,5	7,0	3.010	3.110	3,3	23.532,8	26.016,7	10,6
MS	2.017,0	2.119,9	5,1	2.880	3.000	4,2	5.809,0	6.359,7	9,5
GO	2.888,0	3.087,3	6,9	2.965	3.075	3,7	8.562,9	9.493,4	10,9
DF	55,0	55,0	-	3.395	3.395	-	186,7	186,7	-
SUDESTE	1.758,2	1.936,4	10,1	3.086	3.112	0,9	5.425,9	6.026,9	11,1
MG	1.121,2	1.225,5	9,3	3.010	3.050	1,3	3.374,8	3.737,8	10,8
SP	637,0	710,9	11,6	3.220	3.220	-	2.051,1	2.289,1	11,6
SUL	9.883,9	10.376,3	5,0	3.038	3.041	0,1	30.025,8	31.554,9	5,1
PR	4.752,8	4.966,7	4,5	3.348	3.348	-	15.912,4	16.628,5	4,5
SC	512,5	542,7	5,9	3.080	3.165	2,8	1.578,5	1.717,6	8,8
RS	4.618,6	4.866,9	5,4	2.714	2.714	-	12.534,9	13.208,8	5,4
NORTE/NORDESTE	3.315,8	3.512,2	5,9	3.200	3.200	-	7.956,3	10.386,8	30,5
CENTRO-SUL	24.420,3	25.940,4	6,2	3.012	3.070	1,9	73.543,1	79.638,3	8,3
BRASIL	27.736,1	29.452,6	6,2	2.938	3.057	4,0	81.499,4	90.025,1	10,5

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Sorgo

Figura 39 - Mapa da produção agrícola - Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 40 - Calendário de plantio e colheita - Sorgo

Sorgo (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO					P	P	P	P	C	C	C	C
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE				P	P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF					P	P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Tabela 29 - Comparativo de área, produtividade e produção - Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	19,1	19,1	-	1.923	1.923	-	36,7	36,7	-
TO	19,1	19,1		1.923	1.923	-	36,7	36,7	-
NORDESTE	92,5	94,2	1,8	396	1.525	285,0	36,7	143,7	291,6
PI	1,4	1,4	-	1.058	2.400	126,8	1,5	3,4	126,7
CE	0,6	0,6	-	480	2.265	371,9	0,3	1,4	366,7
RN	2,2	2,2	-	872	2.055	135,7	1,9	4,5	136,8
PB	0,2	0,2	-	800	800	-	0,2	0,2	-
PE	1,0	1,0	-	467	575	23,1	0,5	0,6	20,0
BA	87,1	88,8	2,0	371	1.505	305,7	32,3	133,6	313,6
CENTRO-OESTE	478,4	478,4	-	2.965	3.143	6,0	1.418,5	1.503,6	6,0
MT	163,2	163,2	-	2.727	2.754	1,0	445,0	449,5	1,0
MS	15,0	15,0	-	2.647	2.616	(1,2)	39,7	39,2	(1,3)
GO	291,8	291,8	-	3.085	3.351	8,6	900,2	977,8	8,6
DF	8,4	8,4	-	4.000	4.413	10,3	33,6	37,1	10,4
SUDESTE	183,3	180,0	(1,8)	2.944	2.942	(0,1)	539,6	529,5	(1,9)
MG	163,7	160,4	(2,0)	2.883	2.919	1,2	472,0	468,2	(0,8)
SP	19,6	19,6		3.447	3.126	(9,3)	67,6	61,3	(9,3)
SUL	28,4	28,4	-	2.465	2.497	1,3	70,0	70,9	1,3
RS	28,4	28,4		2.465	2.497	1,3	70,0	70,9	1,3
NORTE/NORDESTE	111,6	113,3	1,5	657	1.592	142,2	73,4	180,4	145,8
CENTRO-SUL	690,1	686,8	(0,5)	2.939	3.063	4,2	2.028,1	2.104,0	3,7
BRASIL	801,7	800,1	(0,2)	2.621	2.855	8,9	2.101,5	2.284,4	8,7

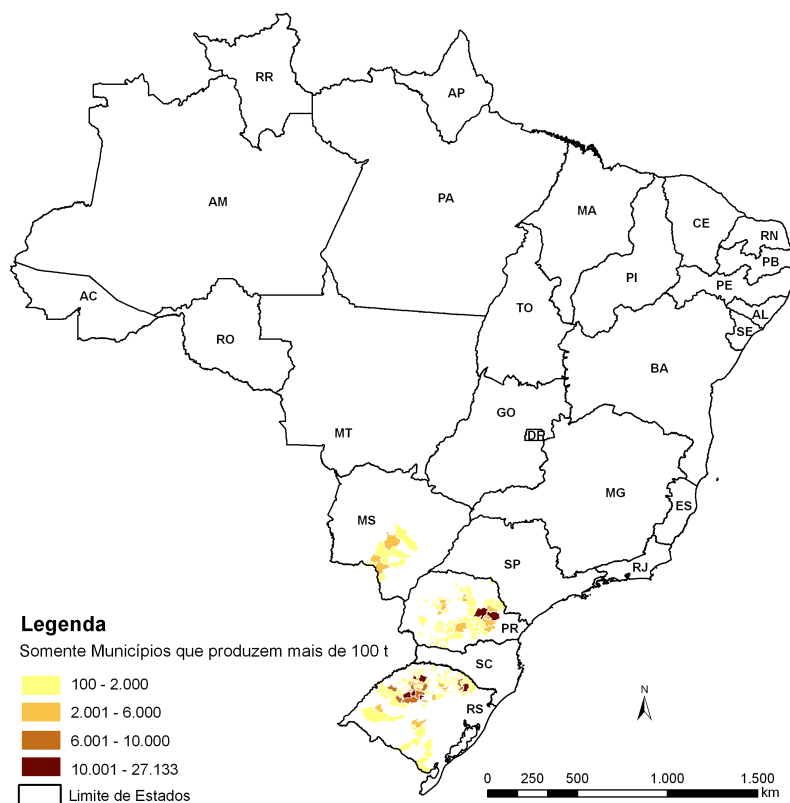
Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Culturas de inverno

Aveia

Figura 41 - Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 42 - Calendário de plantio e colheita - Aveia

Aveia (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C						P	P	P	P	C	C
RS	C	C						P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Tabela 30 - Comparativo de área, produtividade e produção - Aveia

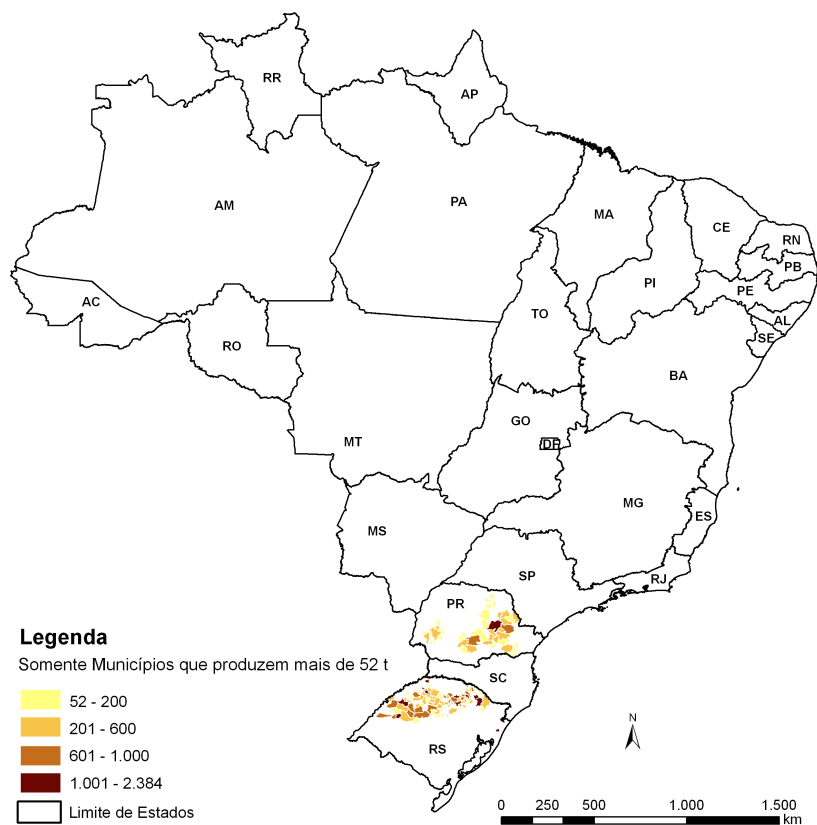
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	7,0	5,9	(15,7)	1.071	1.695	58,3	7,5	10,0	33,3
MS	7,0	5,9	(15,2)	1.078	1.694	57,1	7,5	10,0	33,3
SUL	161,7	165,4	2,3	2.184	2.249	3,0	353,2	372,0	5,3
PR	61,9	62,9	1,6	2.285	1.530	(33,0)	141,4	96,2	(32,0)
RS	99,8	102,5	2,7	2.122	2.691	26,8	211,8	275,8	30,2
CENTRO-SUL	168,7	171,3	1,5	2.138	2.230	4,3	360,7	382,0	5,9
BRASIL	168,7	171,3	1,5	2.138	2.230	4,3	360,7	382,0	5,9

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Canola

Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 44 - Calendário de plantio e colheita - Canola

Canola (plântio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C						P	P	P		C	C
SC	C						P	P	P		C	C
RS	C						P	P	P		C	C

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Tabela 31 - Comparativo de área, produtividade e produção - Canola

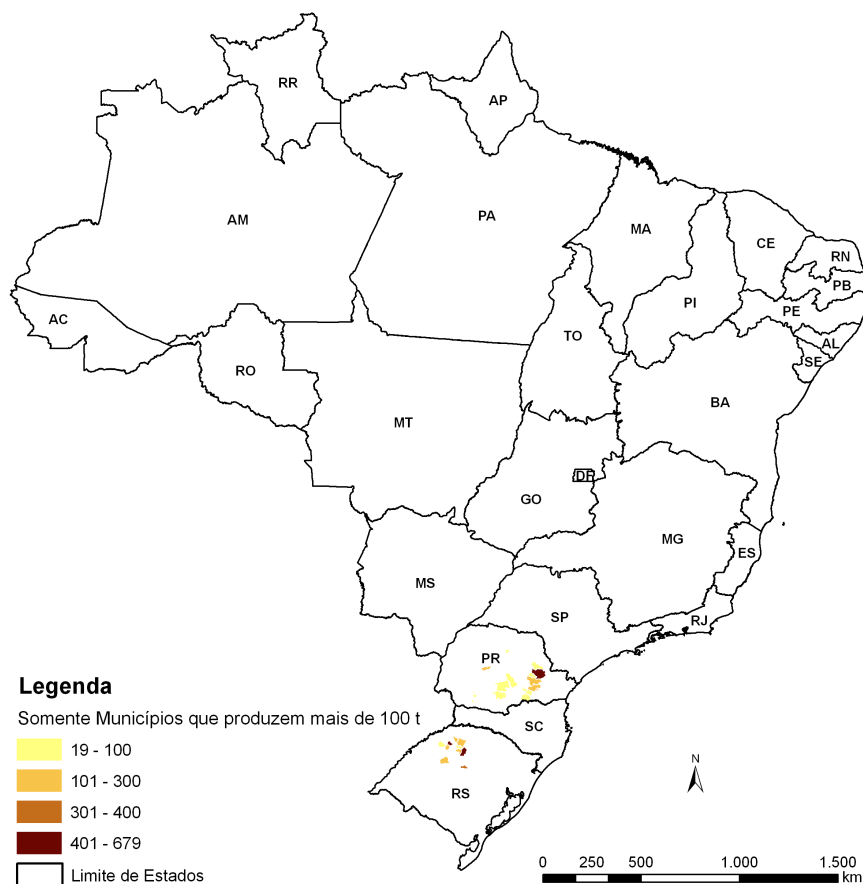
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	2,3	-	(100,0)	1.043	-	(100,0)	2,4	-	(100,0)
MS	2,3	-	(100,0)	1.033	-	(100,0)	2,4	-	(100,0)
SUL	41,5	45,1	8,7	1.400	1.290	(7,9)	58,1	58,2	0,2
PR	12,9	15,2	17,8	1.667	705	(57,7)	21,5	10,7	(50,2)
SC	0,4	-	(100,0)	775	-	(100,0)	0,3	-	(100,0)
RS	28,2	29,9	6,0	1.287	1.587	23,3	36,3	47,5	30,9
CENTRO-SUL	43,8	45,1	3,0	1.381	1.290	(6,6)	60,5	58,2	(3,8)
BRASIL	43,8	45,1	3,0	1.381	1.290	(6,6)	60,5	58,2	(3,8)

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Centeio

Figura 45 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 46 - Calendário de plantio e colheita - Centeio

UF/Região	Centeio (plantio-colheita)											
	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR				C	C						P	P
RS			C	C						P	P	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Tabela 32 - Comparativo de área, produtividade e produção - Centeio

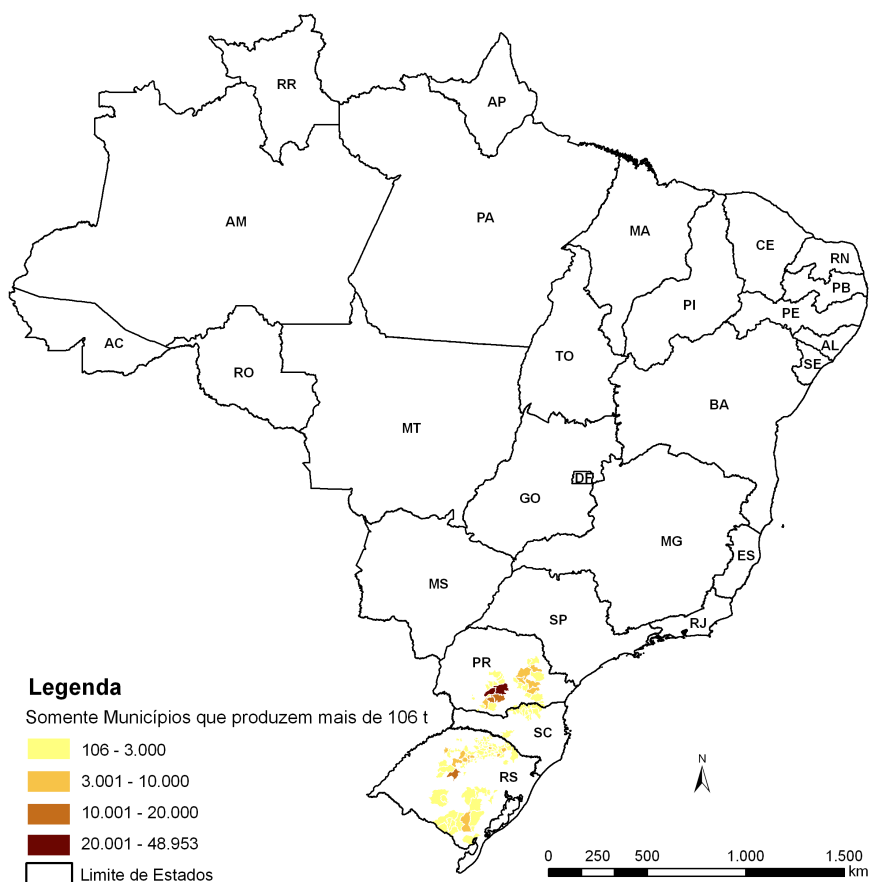
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,3	2,4	4,3	1.609	1.750	8,8	3,7	4,2	13,5
PR	0,8	0,9	15,0	1.590	2.000	25,8	1,3	1,8	38,5
RS	1,5	1,5	-	1.570	1.570	-	2,4	2,4	-
CENTRO-SUL	2,3	2,4	4,3	1.609	1.750	8,8	3,7	4,2	13,5
BRASIL	2,3	2,4	4,3	1.609	1.750	8,8	3,7	4,2	13,5

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Cevada

Figura 47 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 48 - Calendário de plantio e colheita - Cevada

UF/Região	Cevada (plantio-colheita)											
	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C						P	P	P		
SC		C							P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Tabela 33 - Comparativo de área, produtividade e produção - Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,8	101,5	(1,3)	2.794	3.427	22,7	287,2	347,8	21,1
PR	50,8	43,6	(14,1)	3.599	3.765	4,6	182,8	164,2	(10,2)
SC	5,7	2,1	(63,1)	3.000	3.000	-	17,1	6,3	(63,2)
RS	46,3	55,8	20,5	1.885	3.179	68,6	87,3	177,4	103,2
CENTRO-SUL	102,8	101,5	(1,3)	2.794	3.427	22,7	287,2	347,8	21,1
BRASIL	102,8	101,5	(1,3)	2.794	3.427	22,7	287,2	347,8	21,1

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Trigo

A área plantada de trigo na safra 2013/14 apresenta um incremento de 15,6% em relação à safra anterior, atingindo 2.191,3 mil hectares, contra 1.895,4 mil hectares na safra 2012/13. A recuperação de parcela da área que deixou de ser cultivada nos últimos anos tem relação com a melhoria dos preços praticados na safra anterior em função da menor produção mundial e brasileira, que repercutiu favoravelmente junto aos produtores e induziu ao aumento na área.

No Rio Grande do Sul, a área plantada de 1.036,1 mil hectares foi 6,1% maior do que na safra 2012/13, tendo como suporte o bom desempenho do produto no mercado no momento da tomada de decisão de plantio, estimulados por um apertado quadro de oferta e demanda local e pela ocorrência de problemas na produção dos principais fornecedores internacionais. Adicionalmente, a oferta de cultivares mais resistentes a doenças e com maior potencial produtivo contribuíram na melhora do pacote tecnológico deste cereal na safra 2013/14.

Nesta safra, o desempenho da cultura superou todas as expectativas e o estado obteve a maior produtividade por unidade de área de toda a história da triticultura gaúcha. Apesar de ter ocorrido pontualmente fatores climáticos adversos como geada, granizo e ventos fortes, que afetaram a produtividade em algumas regiões (Alto Uruguai e Missões), a média do estado ainda assim atingiu 2.983 kg/ha, 53,7% maior do que a frustada. Há registros de áreas que produziram 5.000 kg/ha, o que é inédito para o estado, demonstrando a potencialidade e a aptidão para produção de trigo. A colheita está praticamente encerrada e a produção do estado deve alcançar 3,09 milhões de toneladas do produto, com boa qualidade para panificação.

No Paraná, a cultura ocupa uma área de 976,9 mil hectares, representando um incremento de 26,3% em relação à safra anterior. A colheita já ocorreu em 95% da área e deve se encerrar na primeira semana de dezembro. A produtividade de 1.833 kg/ha deve ser 32,9% menor do que a safra 2012/13 por causa das perdas em função das geadas. Os produtores já venderam 65% da produção e desde junho passado os preços recebidos pelos produtores aumentaram, atingindo os maiores preços nominais de todos os tempos devido à escassez do produto no mercado interno e nos países vizinhos, além do aumento da taxa de câmbio. No entanto, os preços recuaram gradativamente em novembro em função da maior disponibilidade do produto no mercado nacional. A produção está estimada em 1.790,7 mil toneladas.

Em Santa Catarina, a safra plantada em 72,6 mil hectares teve pouco ataque de pragas e doenças em virtude do clima mais frio durante o inverno, apesar de ocorrências pontuais terem ocorrido em certas regiões, as quais, foram controladas com a aplicação de defensivos. Na maior parte do ciclo o clima foi favorável ao desenvolvimento da cultura. Temperaturas baixas durante o inverno favoreceram o desenvolvimento vegetativo, pois permitiram bom perfilhamento das plantas, um dos fatores da boa produtividade. Chuvas em menor intensidade durante a formação e maturação dos grãos favoreceram a boa qualidade e sanidade. Atualmente, chuvas localizadas estão atrapalhando o avanço da colheita, mas, ainda não compromete a qualidade dos grãos. A produtividade deve ser de 2.850 kg/ha, 35,1% maior do que a safra passada.

De forma geral, houve um certo atraso na implantação das lavouras no estado, resultado das chuvas de forte intensidade ocorridas nos meses indicados para o plantio. Desta forma, observou-se que o ciclo da cultura ficou dividido, com lavouras em estágio avançado de desenvolvimento e outras em fase inicial, na mesma região produtora. Restando ainda 48,6% das lavouras a serem colhidas, o produto obtido até o momento é considerado de boa qualidade, com PH (peso hectolítrico) variando de 78 a 85, com boa sanidade. Espera-se que o clima mantenha-se estável nos próximos dias, favorecendo o término da colheita e a qualidade dos grãos.

A produção nacional de trigo para o exercício 2013/14 deverá atingir 5.358,5 mil toneladas, representando um incremento de 22,4% em relação à safra passada, fruto do aumento de 15,6% da área plantada e 5,8% da produtividade.

Oferta e demanda

A estimativa de plantio da safra 2013/14 mostra um crescimento de área de 15,6% e uma produção da ordem de 5.358,5 mil toneladas, contra 4.813,8 mil toneladas da estimativa anterior, e 4.379,5 mil toneladas da safra de 2012/13.

A diferença em volume em relação à estimativa anterior e a da safra de 2012/13 é de 544,7 mil e 979,0 mil toneladas, respectivamente.

O Rio Grande do Sul, favorecido pelo clima, é responsável por 57,6% da safra nacional, o Paraná por 33,4% e os demais estados por 8,9%.

Devido a uma série de intempéries climáticas no Paraná, como seca na implantação da lavoura, geadas e chuvas em excesso em período crítico do cultivo, além de vendavais e granizo, estimou-se perda de 1,0 milhão de toneladas no estado, comparativamente às previsões iniciais.

Com referência ao suprimento interno, no ano safra que terminou em 31 de julho de 2013, as importações foram de 7,01 milhões de toneladas, usando divisas de US\$2,2 bilhões, enquanto as exportações de 1,68 milhão de toneladas renderam ao país US\$498,6 milhões, valor próximo a meio bilhão de dólares.

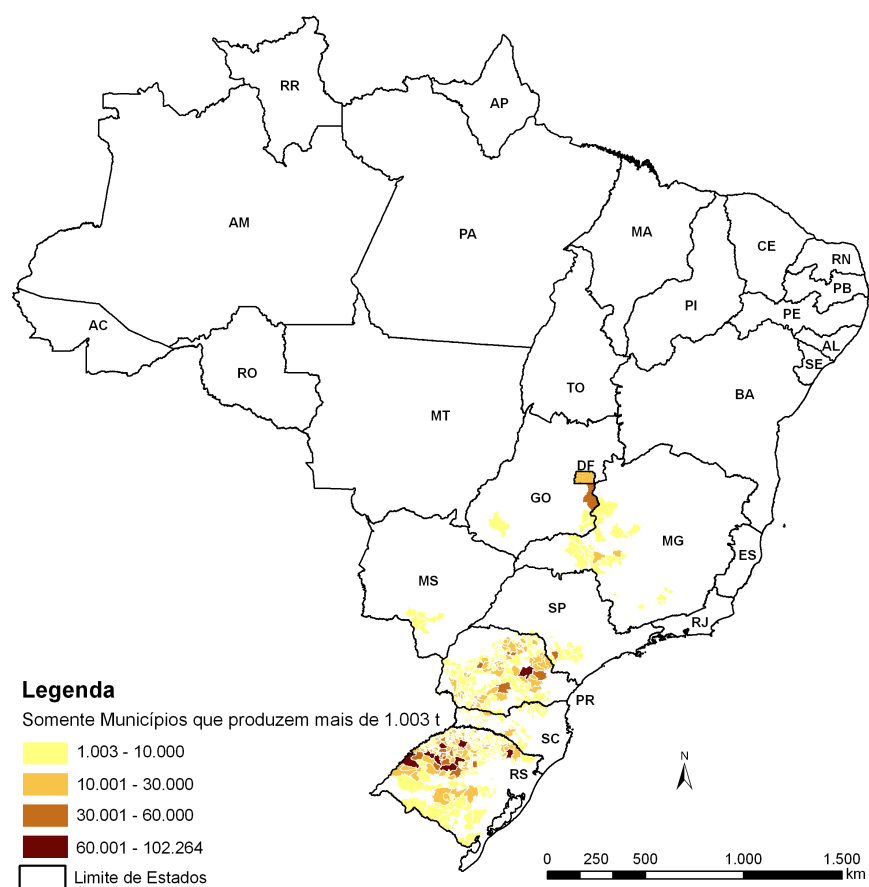
Para o período 2013/14, prevê-se a necessidade de importação da ordem de 6,7 milhões de toneladas, ou seja, 4,4% menor que a do ano anterior. Quanto às exportações, estima-se recuo para 500 mil toneladas, a depender da conjuntura de preços no mercado da Argentina no primeiro semestre de 2014.

Como o Rio Grande do Sul vai produzir cerca de 3,0 milhões de toneladas e sua demanda para moagem é de 1,4 milhão, existirá um excedente de 1,6 milhão de toneladas no estado. Na hipótese de se exportar 500 mil toneladas desse excedente, o restante poderá ser consumido em outros estados deficitários ou ser usado para recomposição dos estoques, caso os preços fiquem abaixo do mínimo oficial.

A redução do ICMS no estado rio-grandense de 12% para 8,0% com destino ao Paraná, São Paulo e Minas Gerais poderá favorecer a comercialização com os referidos estados.

Finalmente, a previsão é de que a moagem industrial poderá evoluir para 10,65 milhões de toneladas e o consumo de sementes para 327,2 mil toneladas devido ao aumento da área cultivada. Dessa forma, a demanda por trigo em grão no país deverá elevar-se e se aproximar a 11,0 milhões de toneladas com o estoque de passagem equivalente a um mês de consumo.

Figura 49 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 50 - Calendário de plantio e colheita - Trigo

UF/Região	Trigo (plantio-colheita)											
	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO	C						P	P	P		C	C
DF	C						P	P	P			
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P	P	C	C	C
SP	C						P	P	P		C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita
Fonte: Conab

Tabela 34 - Comparativo de área, produtividade e produção - Trigo

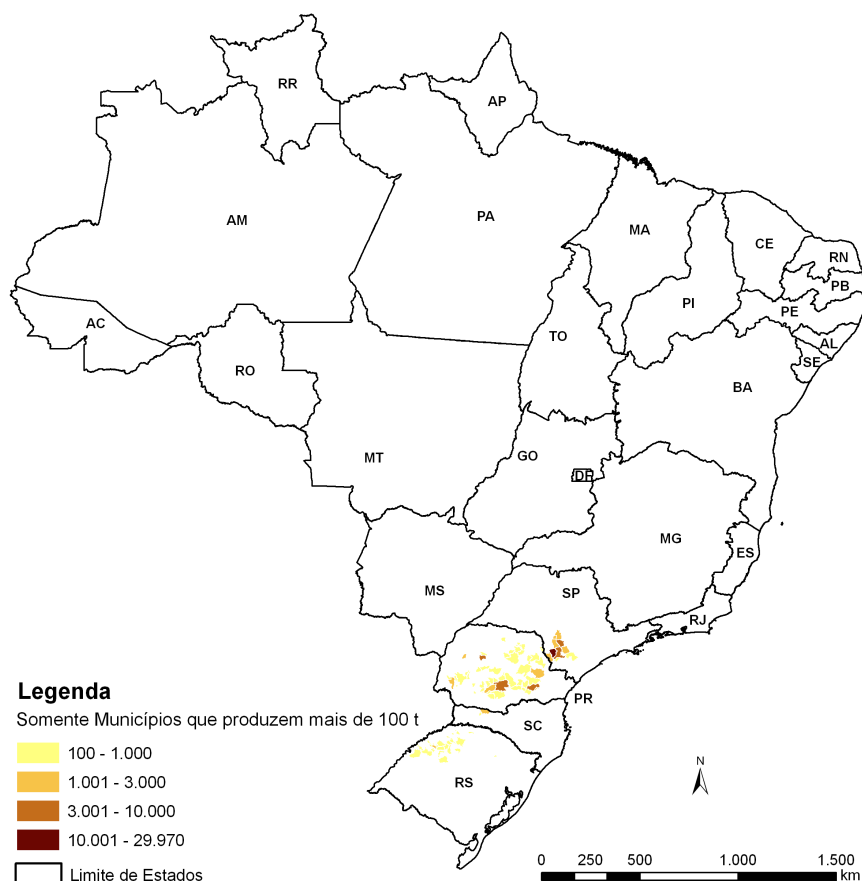
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13 (a)	Safra 13/14 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 12/13 (c)	Safra 13/14 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 12/13 (e)	Safra 13/14 (f)	VAR. % (f/e)
CENTRO-OESTE	24,8	17,6	(29,0)	2.750	3.386	23,1	68,2	59,6	(12,6)
MS	15,0	8,5	(43,3)	1.600	900	(43,8)	24,0	7,7	(67,9)
GO	9,0	7,3	(18,9)	4.400	5.390	22,5	39,6	39,3	(0,8)
DF	0,8	1,8	125,0	5.700	7.000	22,8	4,6	12,6	173,9
SUDESTE	53,5	88,1	64,7	3.036	2.390	(21,3)	162,4	210,6	29,7
MG	21,5	36,2	68,4	3.753	3.309	(11,8)	80,7	119,8	48,5
SP	32,0	51,9	62,1	2.553	1.749	(31,5)	81,7	90,8	11,1
SUL	1.817,1	2.085,6	14,8	2.283	2.440	6,9	4.148,9	5.088,3	22,6
PR	773,8	976,9	26,3	2.730	1.833	(32,9)	2.112,5	1.790,7	(15,2)
SC	67,1	72,6	8,2	2.110	2.850	35,1	141,6	206,9	46,1
RS	976,2	1.036,1	6,1	1.941	2.983	53,7	1.894,8	3.090,7	63,1
CENTRO-SUL	1.895,4	2.191,3	15,6	2.311	2.445	5,8	4.379,5	5.358,5	22,4
BRASIL	1.895,4	2.191,3	15,6	2.311	2.445	5,8	4.379,5	5.358,5	22,4

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

Triticale

Figura 51 - Mapa da produção agrícola - Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 52 - Calendário de plantio e colheita - Triticale

Triticale (plantio-colheita)												
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C					P	P	P	P		C
SC	C	C	C					P	P	P		
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

Fonte: Conab

Tabela 35 - Comparativo de área, produtividade e produção - Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %	Safra 12/13	Safra 13/14	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	20,0	-	2.565	2.510	(2,1)	51,3	50,2	(2,1)
SP	20,0	20,0	-	2.563	2.509	(2,1)	51,3	50,2	(2,1)
SUL	28,0	22,2	(20,7)	2.346	2.230	(4,9)	65,7	49,5	(24,7)
PR	22,4	16,3	(27,2)	2.391	2.247	(6,0)	53,6	36,6	(31,7)
SC	0,4	0,7	75,0	2.595	2.570	(1,0)	1,0	1,8	80,0
RS	5,2	5,2	-	2.140	2.140	-	11,1	11,1	-
CENTRO-SUL	48,0	42,2	(12,1)	2.438	2.363	(3,1)	117,0	99,7	(14,8)
BRASIL	48,0	42,2	(12,1)	2.438	2.363	(3,1)	117,0	99,7	(14,8)

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

13. Balanço de oferta e demanda

Tabela 36 - Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo

Em 1.000 toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	865,0	1.052,8	500,7
	2012/13	500,7	1.310,2	20,0	1.830,9	887,0	560,0	383,9
	2013/14	383,9	1.638,1	25,0	2.047,0	920,0	540,0	587,0
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.746,6	1.000,0	14.871,9	12.000,0	1.100,0	1.771,9
	2013/14	1.771,9	12.221,7	1.000,0	14.993,6	12.000,0	1.100,0	1.893,6
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.832,0	400,0	3.605,8	3.400,0	40,0	165,8
	2013/14	165,8	3.302,1	300,0	3.767,9	3.450,0	50,0	267,9
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	48.485,5	9.311,9	5.963,0
	2011/12	5.963,0	72.979,5	774,0	79.716,5	51.888,6	22.313,7	5.514,2
	2012/13	5.514,2	81.007,2	750,0	87.271,4	52.762,6	22.500,0	12.008,8
	2013/14	12.008,8	78.783,5	300,0	91.092,3	53.817,9	18.000,0	19.274,5
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	320,0	82.263,4	38.524,0	43.000,0	739,4
	2013/14	739,4	90.025,1	300,0	91.064,5	40.050,0	45.900,0	5.114,5
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.900,0	13.668,6	2.093,1
	2010/11	2.093,1	29.298,5	24,8	31.416,4	13.828,0	14.355,0	3.233,4
	2011/12	3.233,4	26.026,0	5,0	29.264,4	14.005,0	14.289,0	970,4
	2012/13	970,4	27.258,0	5,0	28.233,4	13.500,0	13.400,0	1.333,4
	2013/14	1.333,4	28.336,0	5,0	29.674,4	14.300,0	14.000,0	1.374,4
ÓLEO DE SOJA	2009/10	232,2	6.766,5	16,2	7.014,9	4.980,0	1.563,8	471,1
	2010/11	471,1	7.419,8	0,1	7.891,0	5.495,0	1.741,0	655,0
	2011/12	655,0	6.591,0	1,0	7.247,0	5.413,0	1.757,1	76,9
	2012/13	76,9	6.903,0	5,5	6.985,4	5.500,0	1.200,0	285,4
	2013/14	285,4	7.176,0	6,0	7.467,4	5.800,0	1.400,0	267,4
TRIGO	2009/10	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.614,2	1.170,4	2.870,5
	2010/11	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	10.242,0	2.515,9	1.766,1
	2011/12	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	10.444,9	1.901,0	1.220,6
	2012/13	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	10.584,3	1.683,8	342,2
	2013/14	342,2	5.358,5	6.700,0	12.400,7	10.977,2	500,0	923,5

Legenda: Estoque de passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de dezembro - Arroz: 28 de fevereiro - Milho: 31 de Janeiro - Trigo: 31 de julho

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento dezembro/2013.

SUREG AC

Travessa do Icó, Nº 180
Estação Experimental
69.901.180 Rio Branco, AC
fone 68 3221 8921
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Rua Tobias Barreto, s/n - Bebedouro
57017 690 Maceió AL
fone 82 3241 0838
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Av. Min. Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69075 830 Manaus AM
fone 92 3182 2402
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Av. Ernestino Borges, 740
(Prédio do Sebrae), Laginho
68.908-180 Macapá, AP
fone 96 2101 3223
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA/SE

Av. Antônio Carlos Magalhães, 3840
4o andar, Ed. Capemi, Bl. A - Pituba
40821 900 Salvador BA
fone 71 3113 8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

R. Antônio Pompeu, 555
José Bonifácio
60040 001 Fortaleza CE
fone 85 3252 1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Av. Princesa Isabel, 629 Sala 702
Ed. Vitória Center - Centro
29010 904 Vitória ES
fone 27 3041 4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Av. Meia Ponte, 2748 - Sta. Genoveva
74670 400 Goiânia GO
fone 62 3232-4402
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Rua dos Sabiás, nº 4, Lotes 4 e 5,
Jardim Renascença
65075 360 São Luís MA
fone 98 2109 1300
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Av. Mato Grosso, 1022 - Centro
79002 232 Campo Grande MS
fone 67 3383 1666
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

R. Padre Jerônimo Botelho, 510
Ed. Everest - Dom Aquino
78015 240 Cuiabá MT
fone 65 3616 3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

R. Professor Antônio Aleixo, 756
Bairro Lourdes
30180 150 Belo Horizonte MG
fone 31 3290 2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

R. Joaquim Nabuco, 23, Bairro Nazaré
66055 300 Belém PA
fone 91 3218 3602
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

R. Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Cruz das Armas
58085 010 João Pessoa PB
fone 83 3242 6573
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Estrada do Barbalho, 960 - Iputinga
50690 000 Recife PE
fone 81 3453 4038
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

R. Honório de Paiva, 475 Sul - Piçarra
64001 510 Teresina PI
fone 86 3194 5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

R. Mauá, 1116 - Alto da Glória
80030 200 Curitiba PR
fone 41 3313 2700
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

R. da Alfândega, 91, 11º, 12º e 14º andares
20010 001 Rio de Janeiro RJ
fone 21 3861 5750
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

Av. Jerônimo Câmara, 1814
Lagoa Nova
59060 300 Natal RN
fone 84 4006 7616
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Av. Farquar, 3305 - Bairro Pedrinhas
78904 660 Porto Velho RO
fone 69 3216 8418
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Av. Venezuela, 1120 Portão A
Bairro Mecejana
69309 695 Boa Vista RR
fone 95 3623 9460
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

R. Quintino Bocaiúva, 57 - Floresta
90440 051 Porto Alegre RS
fone 51 3326 6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

BR 101, Km 205 - Barreiros
88110 200 São José SC
fone 48 3381 7210
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alameda Campinas, 433
Térreo, 2º, 3º, 4º e 5º andares
Jardim Paulista
01404-901 São Paulo, SP
fone 11 3264 4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Quadra 103 Norte Rua 01 Lote 33/35
Plano Diretor Norte
77015 034 Palmas TO
fone 63 3218 7402
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/6264/2210/6230

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

